

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

DO INDIVÍDUO À CULTURA: UM ESTUDO SOBRE FREUD

Ana Carolina Soliva Soria

São Paulo

2005

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

DO INDIVÍDUO À CULTURA: UM ESTUDO SOBRE FREUD

Ana Carolina Soliva Soria

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Filosofia, do
Departamento de Filosofia da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para obtenção do
título de mestre em Filosofia.**

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola

São Paulo

2005

Este trabalho contou com o financiamento da CAPES

Para André, Milena e Floriana

ABSTRACT : Esse estudo tem como propósito mostrar que é possível avançar da teoria pulsional para o desenvolvimento infantil, deste para a psicologia das neuroses e, tendo estes pontos como um tripé de sustentação, passar para a teoria da cultura. Nossa exposição tem como fio condutor a teoria pulsional freudiana, de modo que partimos da análise preliminar das pulsões, a fim de mostrar como elas, que têm como fonte o corpo, ganham representação psíquica. Em segundo lugar, analisamos como a circulação pulsional,

inicialmente apoiada no corpo, segue uma ordem no desenvolvimento infantil e como, a partir deste desenvolvimento, surgem as diferentes instâncias psíquicas - Eu, Isso e Sobre-Eu. Em seguida, mostramos como a fixação em uma etapa do desenvolvimento das instâncias psíquicas pode desencadear uma enfermidade - seja ela uma neurose de transferência ou uma neurose narcísica. E finalmente, investigamos como tanto as etapas do desenvolvimento pulsional infantil quanto os diferentes tipos de enfermidades já estão em nós fixados como esquemas congênitos, determinados em uma época arcaica da espécie humana, e repetidos nas vivências individuais.

KEY WORDS:

SUMÁRIO: Esse estudo tem como propósito mostrar como é possível avançar, na teoria freudiana, das pulsões para o desenvolvimento infantil, deste para a psicologia das neuroses e, tendo estes pontos como um tripé de sustentação, passar para a teoria da cultura. Partimos da análise preliminar da teoria pulsional, a fim de mostrar como elas, que têm como fonte o corpo, ganham representação psíquica. Em seguida, analisamos como a circulação pulsional, inicialmente apoiada no corpo, segue uma ordem no desenvolvimento infantil e como, a partir deste desenvolvimento, surgem as diferentes instâncias psíquicas - Eu, Isso e Sobre-Eu. Depois, mostramos como a fixação em uma etapa do desenvolvimento das instâncias psíquicas pode desencadear uma enfermidade – seja ela uma neurose de transferência ou uma neurose narcísica. E finalmente, investigamos como as etapas do desenvolvimento pulsional infantil e os diferentes tipos de enfermidades já estão em nós fixados como esquemas congênitos, determinados em uma época arcaica da espécie humana, e repetidos nas vivências individuais.

PALAVRAS-CHAVE: Freud – Pulsão – Fantasia – Indivíduo – Cultura

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE AS PULSÕES	7
O termo <i>Trieb</i> em Freud. As propriedades das pulsões (fonte, pressão, meta, objeto). A genealogia dos sistemas psíquicos e a formação dos representantes pulsionais. O processo primário e o secundário. Representação-coisa e representação-palavra.	
CAPÍTULO 2: A EVOLUÇÃO PULSIONAL NO INDIVÍDUO	30
Rumo à segunda tópica. O Eu como modificação do Isso (o sistema percepção- consciência como núcleo do Eu; as identificações e os investimentos eróticos objetais; o narcisismo primário e o estado de perfeição egóica). A diferenciação entre Eu e Supereu (a lei contra o incesto e a proibição de se unir ao objeto de amor; o complexo de Édipo como o processo de separação das instâncias psíquicas).	
CAPÍTULO 3: A VIVÊNCIA INFANTIL E A PRÉ-DISPOSIÇÃO À NEUROSE	50
A reformulação do conceito de sexualidade. O relato analítico e a construção da teoria sexual infantil. Os obstáculos ao desenvolvimento libidinal: a inibição e a regressão. A gênese e a importância da fantasia. A formação dos sintomas: o conflito entre o Eu e as demais instâncias. A origem das fantasias.	
CAPÍTULO 4: A VIVÊNCIA PRÉ-HISTÓRICA E AS DISPOSIÇÕES PSÍQUICAS ..	73
A fantasia originária e os tempos primevos. A ação conjunta onto e filogenética. A formação e a transmissão dos caracteres adquiridos. A origem do conteúdo da herança arcaica (a repressão orgânica; a formação da família primitiva; o assassinato do chefe da horda; o aparecimento da linguagem; o sentimento de culpa e a gênese da consciência moral). A dinâmica pulsional na cultura.	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
BIBLIOGRAFIA	102

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Ariane Soliva e Antonio Soria, e aos meus irmãos, Arthur, Ana Luisa e André. Ao meu marido, Luís Nascimento. À amiga Janaína Namba.

Aos meus avós, Augustin e Helena Soliva, Nicola e Rosa Soria. Aos meus tios Domingos e Érika Fasanella. A D. Lili e Edna Nascimento.

E especialmente à Maria Lúcia Cacciola, orientadora de trabalho.

“O etnólogo Claude Lévi-Strauss, o psicanalista Sigmund Freud estão entre aqueles que fizeram da recusa do título de filósofo o emblema da cientificidade dos saberes que inauguravam, mas precisaram criar novos nomes de ciências para marcar seu não-pertencimento ao saber constituído. Mas será que esse limbo de saber – e, por extensão, todo saber emergente – não merece, por si só, o nome de filosofia?”

Rubens Rodrigues Torres Filho*

* Torres Filho, R. R. *O dia da caça*, in: Ensaio de filosofia ilustrada, p. 20

INTRODUÇÃO

*Oh! homem, de qualquer região que sejas,
Qualquer que sejam tuas opiniões, ouve-me;
Eis tua história como acreditei tê-la lido
Não nos livros de teus semelhantes, que são mentirosos,
Mas na natureza que jamais mente.
Jean-Jacques Rousseau¹*

“A ontogênese não é senão a recapitulação sumária da filogênese”². Esta célebre frase de Ernest Haeckel chamou a atenção de Freud para a interação entre o desenvolvimento da espécie humana e do indivíduo³. O presente trabalho tem como propósito investigar algumas das questões que podem ser levantadas a respeito dessa interação, bem como mostrar que, a partir do estudo da infância individual, podemos alcançar uma configuração do desenvolvimento do gênero humano.

No ano de 1896, Freud publica os textos *A hereditariedade e a etiologia das neuroses*, *A etiologia da histeria* e *Observações adicionais sobre as neuroses de defesa*, nos quais encontramos duas teses de fundamental importância para o nosso trabalho: a hipótese de que o trauma que gera a enfermidade ocorre em dois tempos (na infância e na puberdade) e a teoria da sedução real da criança. Quanto à primeira, Freud postula que o adulto enfermo foi, na mais remota infância, forçado a passar de um estado de impotência ao estado de atividade sexual, ou seja, à maturação sexual precoce⁴. Aquele que não hesita em satisfazer os seus desejos sexuais com uma criança, imprime nela uma experiência marcante que a força a passar, precocemente, a um estado que ainda não lhe é próprio. Entretanto, para que esta experiência leve à enfermidade, é preciso que a ela se contraponha uma outra, advinda somente na puberdade, com o desenvolvimento moral e intelectual completo do sujeito. Segue-se assim, o segundo momento do trauma, em que as representações ideais do eu se tornam incompatíveis com as experiências sexuais primárias. As representações que contêm as cenas infantis são arremessadas para fora da consciência, por meio da defesa (*Abwehr*), gerando o conflito psíquico (*psychischen Konflikt*)⁵. A patologia surge quando uma pequena ofensa de uma época posterior, facilmente associável à cena infantil, fura o bloqueio da defesa e põe em ação as lembranças da grave ofensa sofrida, nunca superada.

¹ Rousseau, J.-J. *Discurso sobre a desigualdade*, pág. 41.

² « L'ontogénie n'est que la récapitulation sommaire de la phylogénie ». HAECKEL, E. *Anthropogénie ou histoire de l'évolution humaine*, pág. 5.

³ “Atrás desta infância individual promete-se então uma visão da infância filogenética, do desenvolvimento do gênero humano, do qual o indivíduo é de fato uma recapitulação abreviada, influenciada pelas situações acidentais da vida”. „Hinter dieser individuellen Kindheit wird uns dann ein Einblick in die phylogenetische Kindheit, in die Entwicklung des Menschengeschlechts, versprochen, von der die des einzelnen tatsächlich eine abgekürzte, durch die zufälligen Lebensumstände beeinflusste Wiederholung ist“. FREUD, S. *Die Traumdeutung*, G.W., II/III, 554.

⁴ Nesta época, Freud ainda não possuía uma teoria da sexualidade infantil, pois acreditava que a sexualidade se desenvolvia apenas na puberdade.

⁵ FREUD, S. *Zur Ätiologie der Hysterie*, G.W., I, 447.

“Em um primeiro período – período da imoralidade infantil – dão-se os acontecimentos que contêm o germe da neurose posterior. Primeiro, na tenra infância, estão as experiências de sedução que mais tarde aparecem como atos de censura. (...) O próximo período, o da doença, é marcado pelo *regresso das lembranças recalçadas*, portanto pelo fracasso da defesa”⁶.

Quanto à segunda tese, refere-se ao primeiro momento do trauma: os relatos das pacientes histéricas levam Freud a ver na experiência sexual prematura não uma fantasia, mas um evento verdadeiro de sedução que consistiu na manipulação do genital da criança por um adulto.

“*Esses traumas sexuais têm de pertencer à tenra infância (à vivência antes da puberdade) e seu conteúdo tem de consistir numa irritação real dos genitais (por processos parecidos com o coito)*”⁷.

Pouco tempo depois de publicar os ensaios acima mencionados, Freud abandona a sua segunda tese – a teoria do evento primordial real de sedução. Isto se deve à descoberta de que os relatos de suas pacientes não passavam de fantasias. Em uma carta datada de 21 de setembro de 1897, Freud confidencia a Fliess sua decepção:

“Confiar-lhe-ei de imediato o grande segredo que lentamente comecei a compreender nos últimos meses. Não acredito mais em minha *neurótica*”.

Nesta mesma carta, Freud enumera quatro motivos que o levaram a abandonar a sua teoria das neuroses: em primeiro lugar, encontra uma dificuldade de ordem clínica; quando as pacientes tomavam consciência do evento primeiro, seus sintomas não desapareciam; em segundo lugar, um problema estatístico: deve haver tantos ou mais perversos que neuróticos, já que nem todas as crianças que sofreram semelhante abuso na infância desenvolvem uma enfermidade; em terceiro lugar, nota que a evidência de uma recordação que parecia remeter a algo real e objetivo pode não passar de uma fantasia; e finalmente, através da clínica da psicose, descobre que o inconsciente jamais poderá superar totalmente a resistência imposta pela consciência.

“Provavelmente, isso não é compreensível sem uma explicação; afinal, você mesmo considerou crível o que lhe pude dizer. De modo que começarei, historicamente, a partir da questão da origem de meus motivos de descrença. Os contínuos desapontamentos em minhas tentativas de fazer minha análise chegar a uma conclusão real, a debandada das pessoas que, durante algum tempo, eu parecia estar compreendendo com muita segurança, a ausência dos êxitos completos com que eu havia contado, a possibilidade de explicar os êxitos parciais de outras maneiras, segundo critérios comuns – este foi o primeiro grupo (de motivos). Depois, veio a surpresa diante do fato de que, em todos os casos, o pai, não excluindo o meu, tinha de ser apontado como perverso – a constatação da inesperada freqüência da histeria, na qual o meu fator determinante é invariavelmente estabelecido, embora, afinal, uma dimensão tão difundida da perversão em relação às crianças não seja muito provável. (A perversão teria de ser incomensuravelmente mais freqüente

⁶ „In einer ersten Periode – Periode der kindlichen Immoralität – fallen die Ereignisse vor, welche den Keim der späteren Neurose enthalten. Zuerst in frühester Kindheit die Erlebnisse sexueller Verführung, welche später als Vorwurfshandlungen erscheinen. (...) Die nächste Periode, die der Krankheit, ist ausgezeichnet durch die *Wiederkehr der verdrängten Erinnerungen*, also durch das Mißglücken der Abwehr“. FREUD, S. *Weitere Bemerkungen über die Abwehr-Neuropsychosen*, G.W., I, 386-7.

⁷ „Es müssen vielmehr *diese sexuellen Traumen der frühen Kindheit (der Lebenszeit vor der Pubertät) angehören, und ihr Inhalt muß in wirklicher Irritation der Genitalien (koitusähnlichen Vorgängen) bestehen*“. FREUD, S. *Weitere Bemerkungen über die Abwehr-Neuropsychosen*, G.W., I, 380.

do que a histeria, de vez que a doença só aparece quando há uma acumulação de eventos e quando sobrevém um fator que enfraquece a defesa). Depois, em terceiro lugar, a descoberta comprovada de que, no inconsciente, não há indicações da realidade, de modo que não se consegue distinguir entre verdade e ficção que é catexizada com o afeto. (Assim, permanecia aberta a possibilidade de que a fantasia sexual tivesse invariavelmente os pais como tema). Em quarto lugar, a reflexão de que, na psicose mais profunda, a lembrança inconsciente não vem à tona, não sendo, pois, revelado o segredo das experiências da infância, nem mesmo no delírio mais confuso. Se, dessa forma, verificamos que o inconsciente nunca supera a resistência do consciente, então também abandonamos nossa expectativa de que o inverso aconteça no tratamento, a ponto de o inconsciente ser totalmente domado pelo consciente”⁸.

Freud resolve assim abandonar temporariamente o tratamento de suas pacientes e se dedicar à sua auto-análise e ao método de interpretar os sonhos. Sob um novo ponto de vista acerca do exame do psiquismo, em que se substitui a concretude do evento real pela realidade psíquica e em que não há a preocupação entre a correspondência dos relatos com os fatos reais, é publicada em 1900 *A interpretação dos sonhos*. Neste livro, ele apresenta uma importante teoria para o exame da fantasia – tanto consciente quanto inconsciente: a idéia de que por trás de todo o conteúdo manifesto subjaz um latente.

Mas abandonar a tentadora hipótese de que a enfermidade teria como base um evento real, e substituí-la por uma outra que desse à fantasia força suficiente para gerar a doença, o levaria a uma perigosa conclusão: a de “assumir que a pulsão sexual produz, por si mesma, seus objetos”⁹. Se Freud tivesse tomado esta idéia como base para o construto teórico da psicanálise, certamente não a conheceríamos como hoje está constituída. Para não cair em algo que o obrigue a postular uma ligação pré-determinada entre a pulsão e o objeto, há uma “quase obsessão”¹⁰ por parte de Freud para buscar o evento primordial real. Passa então a procurá-lo em uma outra esfera, não mais dos acontecimentos individuais, mas no curso da espécie humana. Para isso, o recuo deste evento marcante deve ser tão grande que não abranja apenas algumas pequenas comunidades, mas que seja válido para todos os seres humanos. Sob este novo ponto de vista, Freud mantém o antigo: o desenvolvimento infantil ou o surgimento da enfermidade passa a ser então o segundo tempo do encadeamento dos fatos, já que o primeiro se encontra em um evento real, não da pré-história do indivíduo, mas da pré-história da espécie humana. Este evento não deve ser transmitido para as gerações futuras como herança hereditária, o que igualaria o pensamento de Freud às teorias psiquiátricas de sua época, tão contestadas no início dos *Três ensaios de teoria sexual*, mas como “esquemas congênitos”¹¹ adquiridos, atualizáveis apenas pela experiência individual, historicamente datada. São dois os momentos em que o indivíduo pode reviver estas fixações filogenéticas: durante o desenvolvimento libidinal infantil, nos moldes de uma recapitulação abreviada, e nas enfermidades psíquicas, em que permaneceria preso no ponto de fixação filogenético acionado.

“Dize-me a tua idade, e dir-te-ei qual é o teu contemporâneo: animista ou fetichista... Ou ainda: dize-me a tua obsessão, e dir-te-ei de quem *permaneceste* contemporâneo. Com efeito, nesta codificação do

⁸ FREUD, S. *Carta 69*, datada de Viena, 21 de setembro de 1897, ESB I, pág. 279-80.

⁹ MONZANI, L. R. *A “fantasia” freudiana*, in: *Filosofia da Psicanálise*, pág. 100.

¹⁰ MONZANI, L. R. *A “fantasia” freudiana*, in: *Filosofia da Psicanálise*, pág. 100.

¹¹ MONZANI, L. R. *A “fantasia” freudiana*, in: *Filosofia da Psicanálise*, pág. 102.

desenvolvimento mental, a marca do patológico será a parada durante o percurso – o fato de se descer na estação que não é a certa. Ocasião excelente e única que temos – nós os normais – de visitá-las. – Desviar, em todo caso, será sempre *regredir* ou *atrasar-se*. ‘Quando alguém *se tornou* manifesta e grosseiramente perverso, é mais justo dizer que ele assim permaneceu, que ele representa uma parada na evolução’ (*Cinq Psychoanalyse, p. 36*)¹².

É no núcleo do inconsciente, de onde brotam as pulsões no psiquismo, que encontramos a pré-história da espécie humana. As diferentes etapas pelas quais passam as pulsões nos trazem à luz os eventos determinantes da espécie, a ponto de repetir, na microestrutura, as fixações presentes na macroestrutura. Deste modo, podemos dizer que a espécie humana e o indivíduo são feitos do mesmo estofó, ou seja, que em ambos opera o mesmo conflito pulsional, e que o desenvolvimento do primeiro não difere do desenvolvimento do segundo. Nos diz Freud, em *Psicologia das massas e análise do eu*:

“A oposição entre psicologia individual e social ou de massas, que pode se apresentar em um primeiro olhar como muito significativa, em uma observação pormenorizada perde muito de sua nitidez. A psicologia individual, na verdade, adaptou-se aos homens individuais e persegue algumas vias que o mesmo procura para alcançar a satisfação de suas moções pulsionais; mas, apenas raras vezes, sob condições excepcionais determinadas, ela se acha na posição de prescindir das relações deste indivíduo com os outros. Na vida anímica do indivíduo é bem normal tornar-se o outro como modelo, como objeto, como assistente e como adversário e a psicologia individual é por isso, neste sentido ampliado, mas inteiramente legítimo, desde o começo e ao mesmo tempo, psicologia social”¹³.

Para uma compreensão mais minuciosa da interação entre a onto e a filogênese, este trabalho tem por desafio relacionar a leitura metapsicológica da teoria freudiana com a análise dos textos clínicos voltados ao exame da cultura. Além disso, nossa intenção aqui não é traçar um percurso histórico/cronológico do pensamento de Freud e de sua modificação ao longo dos quarenta anos de seu exercício da psicanálise. Nosso trabalho está organizado sob a seguinte idéia diretiva: o problema da psicologia dos povos somente pode ser esclarecido após o minucioso exame da psicologia individual. Esse estudo tem como propósito mostrar que é possível avançar da teoria pulsional para o desenvolvimento infantil, deste para a psicologia das neuroses e, tendo estes pontos como um tripé de sustentação, avançar para a teoria da cultura. Nossa exposição terá como fio condutor a teoria pulsional freudiana, de modo que partiremos, no primeiro capítulo, de uma análise preliminar das pulsões, a fim de mostrar como elas, que têm como fonte o corpo, ganham representação psíquica. Neste capítulo também analisaremos como, através da circulação pulsional, surgem os diferentes sistemas psíquicos - consciente, pré-consciente e inconsciente. O passo seguinte será então ver que esta

¹² LEBRUN, G. *O selvagem e o neurótico*, in: *Passeios ao léu*, pág. 99-100.

¹³ „Der Gegensatz von Individual- und Sozial- oder Massenpsychologie, der uns auf den ersten Blick als sehr bedeutsam erscheinen mag, verliert bei eingehender Betrachtung sehr viel von seiner Schärfe. Die Individualpsychologie ist zwar auf den einzelnen Menschen eingestellt und verfolgt, auf welchen Wegen derselbe die Befriedigung seiner Triebregungen zu erreichen sucht, allein sie kommt dabei nur selten, unter bestimmten Ausnahmsbedingungen, in die Lage, von den Beziehungen dieses Einzelnen zu anderen Individuen abzusehen. Im Seelenleben des Einzelnen kommt ganz regelmäßig der Andere als Vorbild, als Objekt, als Helfer und als Gegner in Betracht und die Individualpsychologie ist daher von Anfang an auch gleichzeitig Socialpsychologie in diesem erweiterten aber durchaus berechtigten Sinne“. FREUD, S. *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, G.W., XIII, 73.

circulação pulsional, inicialmente apoiada no corpo, segue uma ordem de desenvolvimento na criança e com este desenvolvimento surgem as diferentes instâncias psíquicas - Eu, Isso e Sobre-Eu (*Ich, Es e Überich*). No terceiro capítulo, mostraremos como a fixação em uma etapa do desenvolvimento das instâncias psíquicas pode desencadear uma enfermidade - seja ela uma neurose de transferência ou uma neurose narcísica. Finalmente, no quarto capítulo, veremos que tanto as etapas do desenvolvimento pulsional infantil quanto os diferentes tipos de enfermidades já estão em nós fixados como “esquemas congênitos”, determinados em uma época arcaica da espécie humana, e repetidos nas vivências individuais.

É importante notar que os temas desenvolvidos em cada um de nossos capítulos (com exceção da investigação acerca das patologias) não podem ser comprovados pela observação direta (por exemplo, é impossível observar o homem em estado de natureza, embora tal pressuposição seja essencial para a elaboração da teoria freudiana). Como pretendemos mostrar, os temas aqui estudados, a saber: a teoria pulsional, o desenvolvimento infantil e o da espécie, são definidos por Freud como construções necessárias e úteis para a compreensão da etiologia das psiconeuroses, e, como salienta em *Totem e Tabu*, se chega a uma hipótese que pode parecer uma “inverossimilhança” (*unwahrscheinlich*), “esse caráter não produz nem mesmo uma objeção contra a possibilidade de que ela [a hipótese] poderia ser mais ou menos próxima da efetividade, difícil de reconstruir”¹⁴.

¹⁴ „(...) ergibt dieser Charakter nicht einmal einen Einwand gegen die Möglichkeit, daß sie mehr oder weniger nahe die schwierig zu rekonstruierende Wirklichkeit herangerückt sein könnte“. FREUD, S. Totem und Tabu, G.W., IX, 4.

CAPÍTULO 1: CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE AS PULSÕES

*Sendo o corpo a própria Vontade tornada objeto
ou fenômeno no mundo como representação,
enquanto o corpo está vivo
todo o querer-viver existe também virtualmente,
e faz contínuos esforços para entrar na realidade
e se reacender com todo o seu ardor*
Arthur Schopenhauer¹

Ter uma idéia clara da teoria freudiana das pulsões não é uma tarefa simples, principalmente se levarmos em conta que Freud tenta abarcar na doutrina das pulsões, a mais importante e obscura da teoria psicanalítica², os campos psíquico, fisiológico e biológico das espécies³, ou seja, a dinâmica pulsional do funcionamento psíquico, a interação entre corpo e psiquismo (sendo aquele a base deste) e os fatores biológicos que influenciam o nosso comportamento. Além disso, um outro fator de complicação é trazer à luz, segundo uma exposição em sucessão, elementos da teoria pulsional que ocorrem simultaneamente, a qual devemos necessariamente recorrer quando tentamos descrevê-los ou entendê-los.

Optamos por utilizar a palavra *pulsão* para traduzir o termo alemão *Trieb* por esta, assim como no francês *pulsion*, evitar qualquer confusão com termos como *instinto* (*instinct*) ou *tendência* (*tendance*). Entretanto, não é fácil encontrar um correspondente na língua portuguesa para tal palavra. Segundo Laplanche e Pontalis⁴, do ponto de vista etimológico, *Trieb* e *pulsão* conservam a idéia de uma força de impulsão (*treiben* - impelir), sem levar em conta uma finalidade objetiva, ao passo que a palavra *instinto* (*Instinkt*), usada por Freud em um contexto nitidamente delimitado, qualificaria o comportamento animal hereditariamente fixado, e portanto falsearia o uso da noção de *Trieb*. No entanto, em um estudo mais detido sobre o termo alemão, Hanns⁵ nos apresenta um sentido muito mais amplo. Para ele, a palavra *Trieb* pode ser utilizada em quatro dimensões da língua alemã: em primeiro lugar, manifesta “uma grande *Força que Impele*

¹ SHOPENHAUER, A. O mundo como vontade e representação, Livro IV, pág. 519.

² FREUD, S. Psycho-Analysis, G.W., XIII, 35.

³ HANNS, L. A teoria pulsional na clínica de Freud, p. 37.

⁴ LAPLANCHE, J. Vocabulário da psicanálise, pág. 394.

⁵ HANNS, L. A teoria pulsional na clínica de Freud, págs. 29 e segs.

ou Princípio da Natureza”⁶, que se manifestaria na natureza em geral, objeto de investigação da metafísica e da filosofia da biologia; em segundo lugar, como uma especificação da força que impele, é utilizada na dimensão biológica das espécies como uma disposição, e neste sentido o termo *Trieb* equivaleria a *Instinkt*, cujo campo de investigação seria o da biologia; em terceiro lugar, em uma acepção ainda mais específica, o termo apareceria como uma força que impele o indivíduo, sob a forma de estímulos ou impulsos nervosos que exigiriam uma descarga para os acúmulos de excitações, cujo exame ficaria reservado à fisiologia; e finalmente em quarto lugar, o termo “*Trieb* aparecerá *para* o indivíduo, isto é, será percebido como fenômeno psíquico”⁷ na forma de idéias, vontade, medo, dor, etc; esta acepção se reservaria ao campo da psicologia. Hanns enumera assim quatro sentidos para o termo alemão, desde o mais geral até o mais específico, que se mantêm ligados ao significado de uma *força que impele*, interna ou externamente.

Para entendermos o sentido da palavra *Trieb* na psicanálise, é muito útil termos em mente sua multiplicidade de sentidos, pois Freud não cria um novo conceito. Sua originalidade está em inserir “o conceito num construto psicanalítico no qual as pulsões sexuais e destrutivas ocupam um lugar central, bem como propor um tratamento possível dos conflitos pulsionais”⁸. Ele não restringe apenas o conceito à esfera psíquica, das representações e dos afetos, mas o mantém na sua acepção popular e coloquial, tanto no sentido de um princípio que rege todos os seres vivos, nas pulsões de vida e de morte, quanto no de uma força biológica que visa preservar a própria espécie (que se manifesta no impulso para a reprodução ou alimentação, nas pulsões sexuais e de autoconservação), e no de um estímulo interno (que brota no interior de cada organismo e que exige ação de descarga).

O conceito de pulsão foi modificado algumas vezes ao longo das quatro décadas de atividades psicanalíticas, mas Freud nunca deixou de ter em seu horizonte que as pulsões estariam organizadas em pares de opostos e que cada uma delas visaria um fim (não específico). Em princípio, o dualismo pulsional foi pensado como oposição entre as pulsões sexuais e egóicas ou de autoconservação, cuja finalidade é preservar a espécie e o indivíduo, respectivamente; mas tarde, em *Além do princípio do prazer* (1920), contrapôs

⁶ HANNS, L. A teoria pulsional na clínica de Freud, p. 32.

⁷ HANNS, L. A teoria pulsional na clínica de Freud, p. 32.

⁸ HANNS, L. A teoria pulsional na clínica de Freud, p. 36.

as pulsões de vida (que passam a englobar as pulsões sexuais e as de autoconservação, cuja finalidade é sempre manter uma união mais estreita) às pulsões de morte (que lutam por manter o psiquismo ausente de excitações). O dualismo finalista das pulsões é extraído não do campo psicológico, mas do biológico, que acaba por dar grandes contribuições àquele:

“Justamente porque outrora me esforcei por manter longe da psicologia tudo o que lhe era diferente, incluindo o pensamento biológico, quero confessar neste lugar de modo expresso que a hipótese das pulsões sexuais e egóicas separadas, portanto a teoria da libido, repousa pouquíssimo em bases psicológicas, no essencial está apoiada no biológico”⁹.

A classificação das pulsões não se resume, entretanto, às duas maneiras com que Freud pensou esse dualismo, seja a oposição entre as pulsões sexuais e as de autoconservação ou a oposição entre as de vida e as de morte. No exame da sexualidade, as pulsões sexuais podem ser decompostas em pulsões parciais que se ligam a zonas erógenas determinadas ou a outras fontes somáticas (como a musculatura). Em *Pulsões e destinos da pulsão*¹⁰, Freud analisa os diferentes aspectos das pulsões parciais e chega a quatro propriedades universais, aplicáveis principalmente às pulsões sexuais. São elas: fonte (*Quelle*), pressão¹¹ (*Drang*), meta (*Ziel*), objeto (*Objekt*).

Estas propriedades são como que etapas que nos auxiliam a entender o percurso pulsional desde o brotar de seus estímulos, no corpo, até os seus cancelamentos, através da satisfação. Somente a partir dessa enumeração poderemos entender como se formam os diferentes sistemas psíquicos, como neles as pulsões se representam e quais os processos que regem o funcionamento do aparelho anímico, já que estes três pontos dependem da circulação pulsional descrita nestas etapas. Os diferentes campos que abrange do termo *Trieb* não estão dissociados uns dos outros na psicanálise, mas nela se encontram em relação de completude. O estudo mais detido do percurso da pulsão servirá para entendermos como esta, sendo uma força que impele o indivíduo a partir de estímulos

⁹ „Gerade weil sonst bemüht bin, alles andersartige, auch das biologische Denken, von der Psychologie ferne zu halten, will ich an dieser Stelle ausdrücklich zugestehen, daß die Annahme gesonderter Ich- und Sexualtriebe, also die Libidotheorie, zum wenigsten auf psychologischem Grunde ruht, wesentlich biologisch gestützt ist“. FREUD, S. *Zur Einführung des Narzißmus*, G.W., X, 144.

¹⁰ FREUD, S. *Triebe und Triebchicksale*, G.W., X, 214.

¹¹ A tradução do termo “*Drang*” por “pressão” segue as traduções de Luiz Hanns e Jean Laplanche. Sabemos que o correspondente para o termo “pressão” na língua alemã é “*Druck*”, mas optamos ainda assim por utilizá-lo, pois mantém a idéia presente nos textos de Freud de um fator quantitativo da pulsão, sentido no psiquismo como um ímpeto, uma necessidade.

endógenos, alcança o aparelho anímico sob a forma de representações e afetos. Passemos então a enumerar cada uma das etapas.

As propriedades das pulsões

A fonte pulsional.

Freud localiza a fonte pulsional não no campo psíquico, mas no somático. Diz ele: “Por fonte da pulsão se entende aquele processo somático em um órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado (*repräsentiert*) na vida anímica pela pulsão”¹². A fonte pulsional designa o próprio órgão ou uma certa parte do organismo, sede de excitações; mais precisamente, refere-se a um processo de natureza química ou ao desprendimento de outras forças, como as mecânicas, que dão origem às excitações.

Freud pretende atribuir à cada pulsão uma fonte determinada, de modo que possam ser classificadas segundo as suas “diferenças de natureza química”¹³ em dois grupos diferentes: as pulsões sexuais e as de autoconservação. Estas são tão numerosas quanto as grandes funções orgânicas, como a nutrição, a defecação, a micção, etc. Quanto às pulsões sexuais, têm como fonte de excitação as zonas erógenas, que se ligam às pulsões parciais sexuais, e determinam em maior ou menor especificidade um certo tipo de meta sexual. Freud denomina zona erógena qualquer área do revestimento cutâneo-mucoso cuja excitação dá à pulsão caráter sexual. São sede destas excitações principalmente as zonas oral, anal, uretro-genital e o mamilo. Posteriormente, Freud estende esta propriedade de excitação sexual para além da área cutâneo-mucosa, pois também os órgãos internos se tornam passíveis de tal excitabilidade, de modo que esta propriedade não se restrinja apenas a algumas zonas corporais, mas cubra todo o corpo. Freud denomina esta propriedade *erogenidade*:

“Nomeamos sua *erogenidade* a atividade de um lugar do corpo de enviar estímulos de excitação sexual à vida anímica, e pensamos que, pelas considerações da teoria sexual, estamos há muito habituados à concepção de que outros lugares do corpo – as zonas *erógenas* – poderiam fazer as vezes dos genitais e se comportar análogo a eles; assim,

¹² „Unter der *Quelle* des Triebes versteht man jenen somatischen Vorgang in einem Organ oder Körperteil, dessen Reiz im Seelenleben durch den Trieb repräsentiert ist“. FREUD, S. Triebe und Tribschicksale, G.W., X, 215.

¹³ „Differenzen chemischer Natur“. FREUD, S. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, G.W., V, 68.

temos aqui de ousar apenas um passo mais adiante. Podemos nos decidir a considerar a erogenidade como uma qualidade universal de todos os órgãos e estamos autorizados então a falar da subida ou da diminuição da mesma em uma determinada parte do corpo”¹⁴.

A erogenidade é para Freud, um fator quantitativo, suscetível de mudança em sua distribuição pelo aumento ou diminuição da excitação sexual. Além disso, ao que nos parece, as fontes geradoras das pulsões de autoconservação estão reduzidas a um número pré-formado de regiões corporais, ligadas aos processos vitais, ao passo que as fontes da pulsão sexual são, devido à capacidade de excitabilidade de todas as partes do corpo, amplamente variáveis.

O corpo gera incessantemente estímulos (*Reize*), tanto de caráter autoconservativo quanto sexual, devido ao aumento de excitação em uma determinada parte do corpo. O estímulo é o primeiro passo que nos leva da fonte ao representante psíquico da pulsão. “Como se relaciona a pulsão com o estímulo?”¹⁵ pergunta Freud, logo no início de *Pulsões e destinos da pulsão*. Tanto uma quanto o outro exigem uma ação de acordo com um fim, que cancele a influência do estímulo sobre a substância estimulada. Freud utiliza a palavra estímulo em dois contextos diferenciados pela fonte pulsional: por um lado, dá a ela um sentido estritamente fisiológico ao se referir aos estímulos não-pulsionais, ou seja, que não provém de órgãos ou glândulas, mas de fora do organismo; agem, assim, de um só golpe e, por serem externos, exigem o seu cancelamento mediante uma única ação adequada: a fuga da fonte externa de estímulos. Por outro lado, Freud se refere às pulsões também como estímulos, mas advindos do interior do próprio organismo, denominada estímulo pulsional (*Triebreiz*)¹⁶. Esses estímulos pulsionais são gerados incessantemente, exigindo portanto uma outra ação de cancelamento, já que a fuga pouco adianta para tal fim. As pulsões podem portanto ser incluídas dentro de uma categoria especial de estímulos que agem

¹⁴ „Nennen wir die Tätigkeit einer Körperstelle, sexuell erregende Reize ins Seelenleben zu schicken, ihre *Erogenität* und denken daran, daß wir durch die Erwägungen der Sexualtheorie längst an die Auffassung gewöhnt sind, gewisse andere Körperstellen – die *erogenen Zone* – könnten die Genitalien vertreten und sich ihnen analog verhalten, so haben wir hier nur einen Schritt weiter zu wagen. Wir können uns entschließen, die Erogenität als allgemeine Eigenschaft aller Organe anzusehen, und dürfen dann von der Steigerung oder Herabsetzung derselben an einem bestimmten Körperteile sprechen“. FREUD, S. Zur Einführung des Narzißmus, G.W., X, 150.

¹⁵ „Wie verhält sich nun der ‘Trieb’ zum ‘Reiz’?“. FREUD, S. Triebe und Triebchicksale, G.W., X, 211.

¹⁶ “A pulsão é um estímulo para o psíquico” („Der Trieb sei ein Reiz für das Psychische“). FREUD, S. Triebe und Triebchicksale, G.W., X, 211.

como uma necessidade e que só podem ser canceladas mediante uma satisfação que se adéqüe a uma meta apropriada¹⁷.

A pressão e os sentimentos de prazer e desprazer.

Desde os primeiros trabalhos, Freud supôs que o sistema nervoso trabalharia com um conceito de tendência¹⁸, que procuraria manter o nível de excitação no menor grau possível pela evitação dos estímulos externos e pela descarga do aumento das tensões internas. No capítulo VII de *A interpretação do sonho*, ele descreve este processo segundo o modelo do funcionamento de um aparelho psíquico primitivo, “cujo trabalho é erguido pelo esforço de evitar o acúmulo de excitação e de se manter o mais possível sem excitação”¹⁹. Caracterizado por analogia ao modelo do arco-reflexo, já que age automaticamente para o “livre escoamento da quantidade de excitação”²⁰, tal mecanismo, denominado princípio de constância, deve manter o aparelho psíquico tão livre de excitações quanto possível. Vejamos isto de modo mais detido:

Como sabemos, a pulsão tem como fonte o corpo que gera incessantemente estímulos não canceláveis por ação de fuga. Estes estímulos, em princípio imperceptíveis, quando não descarregados, geram um acúmulo (*Stauung*) que exerce uma pressão no psiquismo, sentida qualitativamente sob a forma de desprazer. A pressão é um fator quantitativo da pulsão que exerce uma força constante: é “a soma da força ou a medida da demanda de trabalho que ela representa (*repräsentiert*). O caráter pressionante é uma propriedade universal da pulsão, sua essência mesma”²¹. A pressão é a marca da necessidade pulsional que age como motor da pulsão e que impele à redução das excitações.

¹⁷ FREUD, S. *Triebe und Triebchicksale*, G.W., X, 212.

¹⁸ “Pressente-se aqui ademais uma tendência que pode como que dominar a construção do sistema nervoso a partir de vários sistemas: sempre uma mais ampla retenção de Qh) [quantidade (de ordem de grandeza intercelular)] dos neurônios. A construção do sistema nervoso pode servir então ao *afastamento*, à função de *descarga* de Qh) dos neurônios”. „Man ahnt hier ferner eine Tendenz, die etwa den Aufbau des Nervensystems aus mehreren Systemen beherrschen mag: immer weiter gehende Abhaltung von Qh) [Quantität (von interzellulärer Größenordnung)] von den Neuronen. Der Aufbau also des Nervensystems dürfte der *Abhaltung*, die Funktion der *Abfuhr* der Qh) von den Neuronen dienen“. FREUD, S. *Entwurf einer Psychologie*, (1895), G.W., Nachtragsband, 399.

¹⁹ „dessen Arbeit durch das Bestreben geragelt wird, Anhäufung von Erregung zu vermeiden und sich möglichst erregungslos erhalten“. FREUD, S. *Die Traumdeutung*, G.W., II/III, 604.

²⁰ “freies Abströmen der Erregungsquantitäten”. FREUD, S. *Die Traumdeutung*, G.W., II/III, 605.

²¹ „(...) die Summe von Kraft oder das Maß von Arbeitsanforderung, das er repräsentiert. Der Charakter des Drängenden ist eine allgemeine Eigenschaft der Triebe, ja das Wesen derselben“. FREUD, S. *Triebe und Triebchicksale*, G.W., X, 214.

A natureza dos estímulos, diz Hanns, “é irritativa e dolorosa”. “Assim”, acrescenta ele, “quando trata de pulsão, a ênfase freudiana recai sobre os estímulos internos (*endogene Reize*), isto é, sobre os estímulos pulsionais (*Triebreize*). Este tipo de estímulos provoca *Unlust* (desprazer) e é deles que Freud se ocupa, pois só estes têm a qualidade de impulsionar/espicaçar o sujeito”²². O represamento da excitação (*Anhäufung der Erregung*), gerado pelo não cancelamento do estímulo endógeno, provoca uma pressão no psiquismo, vivida como desprazer, e coloca assim o aparelho psíquico em ação para conter o seu avanço. O aparelho psíquico tem como exigência de trabalho a redução da pressão. Somente com a descarga (*Abfuhr*) das excitações o desprazer desaparece e é substituído pela vivência de satisfação (*Befriedigungserlebnis*), sentida como prazer (*Lust*).

O modo de funcionamento deste aparelho psíquico primitivo possui portanto um sentido, denominado desejo (*Wunsch*): parte do desprazer (aumento do acúmulo de estímulos) rumo ao prazer (diminuição do acúmulo). O prazer só pode ser alcançado de forma indireta, uma vez que a via pulsional deve primeiro passar pelo desprazer. A relação automática das vivências de prazer e desprazer dá origem a um princípio econômico que rege o funcionamento psíquico: o princípio de prazer²³, derivado do princípio de constância²⁴. Sob o regulamento do princípio do prazer, o psiquismo buscará diminuir o aumento da quantidade de excitação nele presente e alcançar o prazer.

A meta da pulsão.

A pressão, gerada pelo acúmulo de estímulos, leva a uma ação motora que conduz a pulsão automaticamente à sua meta. Este fator impulsionante faz da pulsão sempre uma atividade, mesmo quando se satisfaz de modo passivo, como por exemplo ser visto ou espancado²⁵. A meta da pulsão é sempre eliminar o desprazer, ou seja, diminuir o acúmulo interno de estímulos, regulado automaticamente pelo princípio de prazer.

²² HANNS, L. A teoria pulsional na clínica de Freud, p. 60.

²³ Nota-se que o princípio de prazer foi originalmente designado por princípio de desprazer (*Unlustprinzip*), já que sua motivação era regulada pelo desprazer sentido, e não pelo prazer a ser alcançado. FREUD, S. Träumdeutung, G.W., II/III, 605.

²⁴ FREUD, S. Jenseits des Lustprinzips, G.W., XIII, 5.

²⁵ “A inversão atinge somente as metas da pulsão; para a meta ativa: torturar, contemplar, é inserida a passiva: ser torturado, ser contemplado”. „Die Verkehrung betrifft nur die Ziele des Triebes; für das aktive Ziel: quälen, beschauen, wird das passive: gequält werden, beschaut werden eingesetzt“. FREUD, S. Triebe und Triebchicksale, G.W., X, 220.

“A meta de uma pulsão é em todos os casos a satisfação que só pode se alcançar pela supressão do estado de estimulação na fonte da pulsão”²⁶.

A estreita ligação entre a meta e a fonte é feita pelas zonas erógenas. A uma área da superfície cutâneo-mucosa ou a alguma parte interna do corpo se liga uma pulsão parcial específica que procura provocar a satisfação apenas da sua zona geradora de estímulos, independente da satisfação das demais. Cada pulsão parcial sexual busca apenas o decréscimo de estímulos na zona erógena que lhe serve de fonte, alcançado de forma direta pelo prazer de órgão (*Organlust*).

“Sobre uma característica universal das pulsões sexuais, pode-se declarar o seguinte: elas são numerosas, provêm de múltiplas fontes orgânicas, no princípio agem uma independente das outras e somente mais tarde são reunidas em uma síntese mais ou menos completa. A meta a que cada uma delas aspira é o alcance do *prazer de órgão*”²⁷.

O prazer de órgão é um tipo especial de satisfação, próprio das pulsões parciais, sem que estas tenham ainda se organizado sob o primado dos genitais. É um prazer imediato, “oriundo de uma zona ou de um órgão onde há tensão e descarga, mas cuja satisfação, por ser auto-erótica, logo é satisfeita”²⁸. O auto-erotismo do prazer de órgão faz com que a pulsão parcial não precise recorrer a objetos externos de satisfação, de modo que o próprio órgão gerador de estímulos muitas vezes coincida com o objeto da pulsão. O prazer de órgão é alcançado com o cancelamento das excitações advindas do órgão provedor de estímulos, independente do cancelamento das demais excitações provindas de outros órgãos.

O objeto da pulsão.

A teoria do auto-erotismo, desenvolvida nos *Três ensaios sobre teoria sexual*, em que a pulsão parcial busca uma satisfação difusa e auto-realizável, independente de objetos externos ao próprio corpo, está ligada a uma tese extremamente importante: o caráter contingente do objeto da pulsão sexual. Esta tese é amplamente defendida ao longo daquela obra, bem como em *Pulsões e destinos da pulsão*:

²⁶ „Das Ziel eines Triebes ist allemal die Befriedigung, die nur durch Aufhebung des Reizzustandes an der Triebquelle erreicht werden kann“. FREUD, S. *Triebe und Tribschicksale*, G.W., X, 215.

²⁷ „Zu einer allgemeinen Charakteristik der Sexualtriebe kann man folgendes aussagen: Sie sind zahlreich, entstammen vielfältigen organischen Quellen, betätigen sich zunächst unabhängig voneinander und werden erst spät zu einer mehr oder minder vollkommenen Synthese zusammengefabt. Das Ziel, das jeder von ihnen anstrebt, ist die Erreichung der *Organlust*“. FREUD, S. *Triebe und Tribschicksale*, G.W., vol. X, p. 218.

²⁸ HANNS, L. *A teoria pulsional na clínica de Freud*, pág. 64.

“O objeto da pulsão é aquilo no qual ou através do qual a pulsão pode alcançar sua meta. É o mais variável na pulsão, não está originariamente ligado a ela, mas que se agregou a ela apenas em consequência de sua aptidão para alcançar a satisfação”²⁹.

O objeto da pulsão pode ser tanto uma parte do próprio corpo quanto um objeto a ele alheio, variando de acordo com o curso que a pulsão toma para atingir a sua meta. O objeto é apenas um meio contingente, mas imprescindível, para a pulsão encontrar a satisfação. Freud não descarta a importância do objeto, mesmo ao se referir ao autoerotismo. A ênfase, neste caso, não recai em uma escolha de objeto diferente do próprio corpo, mas no apoio da pulsão nas funções autoconservativas, de modo que tome o próprio órgão de onde partem os estímulos como seu objeto.

Como vimos no início deste capítulo, as pulsões estão dispostas segundo pares de opostos. As pulsões de autoconservação são facilmente localizáveis no início do desenvolvimento. Elas se referem às necessidades vitais como a alimentação e o sono, sem as quais não se poderia ultrapassar os primeiros dias de vida. As pulsões sexuais, ao contrário, mais difíceis de serem localizadas neste período, surgem apoiadas (*Anlehnung*) nestas necessidades autoconservativas, e tomam primeiramente os objetos de satisfação das pulsões de autoconservação como seus. Entretanto, mais tarde, as pulsões sexuais se tornam independentes delas, possibilitando uma variabilidade ainda maior de objetos, pois além de tomarem o próprio corpo, podem também tomar aquilo que lhes é alheio³⁰.

As quatro propriedades pulsionais (fonte, pressão, meta e objeto) nos mostram o percurso da pulsão desde sua origem como estímulo corporal até a sua satisfação, com a diminuição daquele. Entre um extremo e outro dessa via pulsional, o que era fator quantitativo (pressão), gerado pelo acúmulo de estímulos, ganha representabilidade no psiquismo, por duas vias distintas: como a impressão dos estímulos orgânicos nos sistemas de memória do psiquismo, a saber, como representação (*Vorstellung*); e como a quantidade

²⁹ „Das *Objekt* des Triebes ist dasjenige, an welchem oder durch welches der Trieb sein Ziel erreichen kann. Es ist das variabelste am Triebe, nicht ursprünglich mit ihm verknüpft, sondern ihm nur infolge seiner Eignung zur Ermöglichung der Befriedigung zugeordnet“. FREUD, S. Triebe und Tribschicksale, G.W., X, 215.

³⁰ Devido à especulação teórica proposta em *Além do princípio do prazer*, Freud foi levado à suspeita de que por detrás destas duas pulsões jaziam escondidas outras duas, ainda mais fundamentais, as pulsões de vida e de morte. Quanto à primeira, toma como objeto aqueles que antes eram atribuídos às pulsões sexuais e de autoconservação, enquanto que a pulsão de morte se utilizaria dos objetos da pulsão de vida para alcançar os seus fins. Isto se deve ao fato de a pulsão de morte não possuir representabilidade no psiquismo, servindo-se das representações da pulsão de vida. A vida serviria assim para os propósitos da morte.

de energia que será investida em cada representação e que lhe dá a qualidade de prazer ou desprazer, a saber, como afeto (*Affekt*)³¹. Um estímulo pulsional não pode ser confundido com um representante pulsional. Definida como “um conceito de delimitação entre o anímico e o corpóreo”³², a concepção de pulsão está ligada à de representante psíquico (*psychische Repräsentanz* ou *psychischer Repräsentant*³³)³⁴. Muitas vezes Freud parece não traçar nenhuma distinção entre a pulsão e seu representante; define-a assim como “um conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como representante (*Repräsentant*) psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e que alcançam a alma, como uma medida de exigência de trabalho que é imposta à alma em consequência de sua conexão com o corpóreo”³⁵. Entretanto, em *O inconsciente* (1915), Freud faz uma distinção muito clara entre estes dois termos, separando a agência representante psíquica das moções somáticas da própria pulsão, não psíquica em si mesma e portanto incognoscível:

“Uma pulsão nunca pode se tornar objeto da consciência, mas somente a representação (*Vorstellung*) que a representa (*repräsentiert*). Mas também no inconsciente ela não pode ser representada (*repräsentiert*) de outra forma que não pela representação (*Vorstellung*). Se a pulsão não se atasse a uma representação (*Vorstellung*) ou não se manifestasse como um estado afetivo (*Affektzustand*), então nada poderíamos saber dela. Mas, sempre que falamos de uma moção pulsional inconsciente ou de uma moção pulsional reprimida, então isto nada mais é que um descuido inofensivo de expressão. Não

³¹ “Trata-se sempre de um *processo* que, de tempos em tempos, opera uma transformação das moções biológicas em moções psíquicas e onde uma energia orgânica se transforma em energia psíquica”. MONZANI, L. R. Freud, o movimento de um pensamento, p. 272.

³² „[Trieb ist so einer der] Begriffe der Abgrenzungen des Seelischen vom Körperlichen“. FREUD, S. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, G.W., V, 67.

³³ Segundo a introdução de Strachey às *Pulsões e os destinos da pulsão*, tanto a palavra *Repräsentant* como *Repräsentanz* são usadas na acepção de “estar no lugar de”, entretanto, a primeira, é utilizada sobretudo na linguagem jurídica, política ou comercial, enquanto a segunda, menos usual, descreve uma agência representante e é usada na forma mais abstrata, como uma representação por imagens ou palavras. STRACHEY, J. *Nota introdutória*. In: FREUD, S. Pulsiones y destinos de pulsión, A.E., XIV, 108, n. 1; HANNS, L. A teoria pulsional na clínica de Freud, pág. 80.

³⁴ Devemos notar o quão difícil é transpor para a língua portuguesa os termos *Vorstellung* e *Repräsentanz*. Quanto ao primeiro, devido a uma tradução já solidamente constituída, é por nós traduzido como representação, ao passo que o segundo termo apresenta uma maior dificuldade: ele designa a face psíquica da pulsão, entendida tanto como representação (*Vorstellung*) quanto como afeto (*Affekt*), ou seja, o termo *Vorstellung* está compreendido no conceito de *Repräsentanz*. Nós o traduziremos como representante, já que realiza uma tarefa representativa, pois designa aquilo que originalmente figurava como estímulo endógeno e que agora adquire um “delegado no domínio psíquico” (MONZANI, L. R. Freud, o movimento de um pensamento, p. 272).

³⁵ „(...) ein Grenzbegriff zwischen Seelischem und Somatischem, als psychischer Repräsentant der aus dem körperinnern stammenden, in Seele gelangenden Reize, als ein Maß der Arbeitsanforderung, die dem Seelischen infolge seines Zusammenhanges mit dem Körperlichen auferlegt ist“. FREUD, S. Triebe und Triebchicksale, G.W., X, 214.

podemos pensar senão em uma moção pulsional cujo representante-representacional (*Vorstellungsrepräsentanz*) é inconsciente, pois outra coisa não é considerada”³⁶.

A pulsão, enquanto estímulo endógeno, em seu estado bruto, não pode jamais alcançar o psiquismo e ser determinada por ele. São assim construtos que obedecem as exigências teóricas da psicanálise, ou ainda, nas palavras de Freud, “a doutrina das pulsões é por assim dizer nossa mitologia. As pulsões são seres mitológicos, grandiosos em sua indeterminação. Em nosso trabalho, não podemos perdê-las de vista em nenhum instante e, além disso, não estamos nunca certos de vê-las com exatidão”³⁷.

Não devemos, contudo, pensar a pulsão, enquanto estímulo somático, em oposição a seu representante psíquico. Ao contrário, este nos mostra que o conceito de pulsão abrange não apenas a esfera fisiológica do indivíduo, mas também o mundo psíquico e que as duas esferas estão em relação de completude. É no somático que se apóia a esfera psíquica, de modo que não há uma separação rígida entre corpo e alma na teoria freudiana, mas uma permeabilidade. Assim, o que está presente e move o fisiológico está também presente e move o mundo psíquico. A pulsão não está apenas no corpo e, apesar de Freud ter distinguido os termos moção pulsional e representante da pulsão, “ambos os pontos de vista, aparentemente diferentes, se encontram em outros lugares nos escritos posteriores de Freud, ainda que o segundo deles seja o que predomina. Pode ser, entretanto, que a contradição seja mais aparente que real, e que sua solução resida precisamente na ambigüidade do conceito mesmo – em seu caráter de conceito fronteiro entre o físico e o anímico –”³⁸.

³⁶ „Ein Trieb kann nie Objekt des Bewußtseins werden, nur die Vorstellung, die ihn repräsentiert. Er kann aber auch im Unbewußtsein nicht anders als durch die Vorstellung repräsentiert sein. Würde der Trieb sich nicht an eine Vorstellung heften oder nicht als ein Affektzustand zum Vorschein kommen, so könnten wir nichts von ihm wissen. Wenn wir aber doch von einer unbewußten Triebregung oder einer verdrängten Triebregung reden, so ist dies eine harmlose Nachlässigkeit des Ausdrucks. Wir können nichts anderes meinen als eine Triebregung, deren Vorstellungsrepräsentanz unbewußt ist, denn etwas anderes kommt nicht in Betracht“. FREUD, S. Das Unbewußte, G.W., X, 275-6.

³⁷ „Die Trieblehre ist sozusagen unsere Mythologie. Die Triebe sind mythische Wesen, großartig in ihrer Unbestimmtheit. Wir können in unserer Arbeit keinen Augenblick von ihnen absehen und sind dabei nie sicher, sie scharf zu sehen“. FREUD, S. Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, G.W., XV, 101.

³⁸ “Ambos puntos de vista, aparentemente diferentes, se encuentran en otros lugares en los escritos posteriores de Freud, si bien el segundo de ellos es el que predomina. Puede ser, empero, que la contradicción sea más aparente que real, y que su solución resida precisamente en la ambigüedad del concepto mismo – en su carácter de concepto fronterizo entre lo físico y lo anímico –”. STRACHEY, J. *Nota introductoria*. In: FREUD, S. Pulsiones y destinos de pulsión, A.E., XIV, 109.

A pulsão é uma espécie de forma biológica à qual se agregam os estímulos endógenos, e que chega ao psiquismo através de representações carregadas de afetos, suas representantes. Passemos então para o estudo da circulação da pulsão no psiquismo e vejamos como ela, ao partir do corpo, ganha representação na alma.

A genealogia dos sistemas psíquicos e a formação dos representantes pulsionais

Um dos primeiros modelos do aparelho psíquico apresentado por Freud encontra-se no capítulo VII de *A interpretação do sonho*³⁹, modelo que nunca será abandonado mas retomado e complementado em *Além do princípio do prazer*⁴⁰, *O eu e o isso*⁴¹, *Nota sobre o 'bloco mágico'*⁴², entre outros. Nestas obras, Freud procura dar a localização tópica e a dinâmica das diferentes partes do aparelho psíquico, sem entretanto, recorrer à anatomia. Sua hipótese é a de que o anímico se apóia sobre o somático, de modo que este sirva de base e modelo para a constituição daquele; entretanto, isto não o autoriza a localizar os diferentes sistemas psíquicos no corpo, mesmo quando se refere a um “estrato cortical sensitivo, que mais tarde será o sistema Cs”⁴³. Ao descrever as diferentes partes do aparelho psíquico, Freud não se refere a elas como localizadas no córtex cerebral ou em alguma camada da massa encefálica, mas a um lugar no interior do aparelho psíquico, apreensível apenas mediante analogias com a anatomia corporal⁴⁴.

“Vamos deixar de lado o fato de que o aparelho anímico de que aqui se trata nos é conhecido também como preparado anatômico, e vamos tomar o cuidado de não cair em tentação de determinar a localidade (*Lokalität*) psíquica como algo anatômico. Ficamos sobre o solo psicológico e pensamos somente seguir o convite de representar (*vorstellen*) o instrumento de que se servem os trabalhos anímicos como um microscópio composto, um aparelho fotográfico ou algo semelhante. A localidade (*Lokalität*) psíquica corresponde

³⁹ FREUD, S. *Die Traumdeutung*, G.W., II/III, 538 e segs.

⁴⁰ FREUD, S. *Jenseits des Lustprinzips*, G.W., XIII, pág. 23 e segs.

⁴¹ FREUD, S. *Das Ich und das Es*, G.W., XIII, pág. 239 e segs.

⁴² FREUD, S. *Notiz über den “Wunderblock”*, G.W., XIV, pág. 3 e segs.

⁴³ “empfindliche Rindenschicht, das spätere System *Bw*”. FREUD, S. *Jenseits des Lustprinzips*, G.W., XIII, pág. 28.

⁴⁴ “A idéia de uma tópica psíquica tal qual ela é articulada no interior do discurso freudiano, implica (como Freud sempre insistiu) uma espécie de *espacialização do psíquico* (que não deve ser tomada metaforicamente) leva com que a sua relação com a anatomia emerja como inevitável. Freud tinha consciência desse fato”. MONZANI, L. R. *Freud, o movimento de um pensamento*, p. 128-9.

então a um lugar (*Orte*) no interior do aparelho, do qual resultam os primeiros níveis da imagem”⁴⁵.

Está desautorizada qualquer confusão entre a localidade psíquica (*psychischen Lokalität*) e as localizações (*Örtlichkeiten*) anatômicas⁴⁶. O surgimento dos diferentes sistemas psíquicos tem por base o corpo, pois estão estritamente relacionados com a circulação pulsional nele; a constituição inicial dos sistemas psíquicos segue assim um modelo análogo ao fisiológico. Se a pulsão surge do corpo, não é nele que ela se representa, isto é, a pulsão não se utiliza das partes anatômicas para poder se representar, pois os diferentes sistemas psíquicos se ligam ao corpo sem se encontrarem localizados nele. Esta comparação nos situa, desde o início, no terreno em que aquilo que é representado e o seu representante não podem ser relacionados senão por analogia, já que apenas vislumbramos o modo de funcionamento psíquico aos moldes de um *como se funcionasse assim*.

Os dois primeiros sistemas mais facilmente percebidos se encontram em extremidades opostas do aparelho psíquico e agem de modo análogo ao funcionamento do arco-reflexo: um dos lados, denominado sistema perceptivo (sistema P), recebe os estímulos endógenos ou exógenos, enquanto o outro, denominado sistema motor (sistema M), conduz o acúmulo dos estímulos do interior do aparelho anímico para o seu exterior. A regulação deste funcionamento é feita pelo princípio de constância, de modo automático e imediato, capaz de cancelar a estimulação percebida e manter uma quantidade estável de estímulos.

As percepções advindas do exterior não poderiam, entretanto, se agruparem em torno do sistema perceptivo, pois bloqueariam a entrada de novas percepções. Freud propõe então a existência de um terceiro sistema, o mnêmico (sistema Mn) responsável por transformar as excitações momentâneas do sistema perceptivo em alterações permanentes, denominadas traços mnêmicos, aos quais é atribuída a função de memória. Esta permite que o sistema perceptivo permaneça sempre aberto a receber novas alterações.

⁴⁵ “Wir wollen ganz beiseite lassen, daß der seelische Apparat, um den es sich hier handelt, uns auch als anatomisches Präparat bekannt ist, und wollen der Versuchung sorgfältig aus dem Wege gehen, die psychische Lokalität etwa anatomisch zu bestimmen. Wir bleiben auf psychologischem Boden und gedenken nur der Aufforderung zu folgen, daß wir uns Instrument, welches den Seelenleistungen dient, vorstellen wie etwa ein zusammengesetztes Mikroskop, einen photographischen Apparat u. dgl. Die psychische Lokalität entspricht dann einem Orte innerhalb eines Apparats, an dem eine der Vorstufen des Bildes zustande kommt”. FREUD, S. Die Traumdeutung, G.W., II, III, 541.

⁴⁶ FREUD, S. Die Traumdeutung, G.W., II/III, 541.

No sistema perceptivo, em lugar dos traços permanentes (que nele não se fixam), surge “o inexplicável fenômeno da consciência”⁴⁷. Na *Nota sobre o “bloco mágico”*, Freud explora, também mediante analogias, o aparecimento da consciência em substituição aos traços mnêmicos. Assim como no bloco mágico⁴⁸ é possível apagar a escrita aparentemente permanente, e, ao mesmo tempo, conservá-la permanentemente abaixo do local onde foi cunhada, assim também é possível fazer desaparecer uma percepção, com a extinção de sua consciência, e aparecer por trás desta um traço mnêmico permanente. A camada responsável por perceber os estímulos, agora denominada sistema percepção-consciência (sistema P-Cs), não possui a capacidade de armazenar os traços permanentes. Para que ele esteja sempre aberto a novas percepções, é atravessado apenas por excitações momentâneas, que logo desaparecem. A camada responsável por formar traços mnêmicos encontra-se logo abaixo deste sistema perceptivo, contíguo a ele. As percepções enviadas para o sistema percepção-consciência são dotadas de consciência até que o investimento deste sistema seja retirado daquilo que gera a percepção, fazendo assim com que a consciência daquilo que provocava a percepção se extinga e que seja armazenada, como alteração permanente, no inconsciente. “Pode-se admitir que, se a excitação tem de vencer uma resistência em sua continuação de um elemento ao outro e se, justamente, esta redução da resistência fixa um traço permanente de excitação (facilitação); então não subsiste no sistema Cs nenhuma semelhante resistência de passagem de um elemento ao outro”⁴⁹, o que faz com que na consciência não se produza nenhum traço mnêmico.

Uma outra característica do sistema percepção-consciência é a sua capacidade de proteger o interior do aparelho psíquico de quantidades imensas de estímulos. Aqui, novamente a analogia com o bloco mágico é invocada. Assim como nele a camada de

⁴⁷ „das unerklärliche Phänomen des Bewußtseins“. FREUD, S. *Notiz über den “Wunderblock”*, G.W., XIV, 4-5.

⁴⁸ Freud descreve o bloco mágico como uma prancha de resina ou cera castanha-escuro sobre a qual são colocadas duas camadas de uma folha fina e transparente, cujas extremidades superiores se encontram presas à prancha, e as inferiores descansam sobre ela, sem nela estarem fixadas. Estas duas camadas, capazes de se desligarem uma da outra pela parte inferior, não são feitas do mesmo material: a superior é um pedaço transparente de celulósido, enquanto a inferior é feita de papel encerado fino e transparente. Para utilizar este bloco mágico, basta somente escrever sobre a folha de celulósido com um estilete pontiagudo que calca a sua superfície. Onde o estilete marca a folha superior, realiza-se indiretamente uma pressão na superfície inferior do papel encerado sobre a prancha de cera, de modo que os sulcos se tornam visíveis. Querendo-se apagar o que foi escrito, basta apenas levantar a folha da cobertura superior com um puxão na parte inferior livre.

⁴⁹ “Man kann annehmen, die Erregung habe bei ihrem Fortgang von einem Element zum anderen einen Widerstand zu überwinden und diese Verringerung des Widerstandes setze eben die Dauerspür der Erregung (Bahnung); im System *Bw* bestünde also ein solcher Übergangswiderstand von einem Element zum anderen nicht mehr”. FREUD, S. *Jenseits des Lustprinzips*, G.W., XIII, 26.

celulóide, a mesma em que se formam os traços temporários da escrita, é responsável por proteger o papel encerado dos efeitos danosos do objeto pontiagudo que cunha nele as anotações, assim também o sistema percepção-consciência serve de camada protetora para o interior do aparelho psíquico. Este surge do embate entre o mundo interior e exterior e se localiza na parte mais externa do aparelho psíquico, na fronteira entre estes dois mundos. O sistema percepção-consciência acumula assim duas funções: serve, primeiramente, como um filtro que diminui a intensidade dos estímulos que entrarão no psiquismo, para só depois exercer sua função receptora⁵⁰.

“Nosso aparelho perceptual anímico é constituído por duas camadas, uma proteção exterior contra estímulos que deve reduzir as grandezas das excitações que chegam, e de uma superfície por trás dela, receptora de estímulo – o sistema *P-Cs*.”⁵¹.

Este trabalho de conter o excesso de estímulos obedece ao princípio de constância, pois tem a finalidade de manter o interior do aparelho psíquico livre das alterações de excitações. E uma vez que o sistema percepção-consciência está na fronteira entre o mundo externo e interno, é responsável por receber as percepções de excitações advindas do mundo externo e sensações de prazer e desprazer que se originam no interior do aparelho anímico⁵².

E se a consciência surge em substituição dos traços mnêmicos, um outro sistema, fora da consciência, deve surgir para armazenar os traços permanentes: o inconsciente.

⁵⁰ Não podemos entretanto tomar como sinônimo os termos percepção e filtro protetor do aparelho psíquico, bem como percepção e consciência. O estímulo, antes de atingir a percepção, deve atravessar o filtro protetor (parte mais externa do aparelho psíquico), e só então pode chegar à consciência. É a percepção do estímulo que ativa a consciência, de modo que esta deve ser entendida apenas como uma percepção no sentido interno.

⁵¹ “unser seelischer Wahrnehmungsapparat bestehe aus zwei Schichten, einem äußeren Reizschutz, der die Größe der ankommenden Erregungen herabsetzen soll, und aus der reizaufnehmenden Oberfläche dahinter, dem System *W-Bw*”. FREUD, S. Notiz über den “Wunderblock”, G.W., XIV, 6.

⁵² “A saber, a consciência, que significa para nós um órgão do sentido para a apreensão das qualidades psíquicas, é excitável em vigília a partir de dois lugares. Em primeiro lugar, a partir da periferia de todo o aparelho, o sistema perceptivo; além disso, a partir das excitações de prazer e desprazer que resultam como a única qualidade psíquica das transposições da energia no interior do aparelho. Todos os processos nos sistemas ψ , também no *Pcs*, carecem de toda qualidade psíquica e não são objeto da consciência enquanto não fornecem prazer ou desprazer para sua percepção. Deve-se impor como hipótese que *essas produções de prazer e desprazer regulam automaticamente o decurso dos processos de investimento*”. „Das Bewußtsein nämlich, das uns ein Sinnsorgan für die Auffassung psychischer Quantität bedeutet, ist im Wachen von zwei Stellen her erregbar. Von der Peripherie des ganzen Apparats, dem Wahrnehmungssystem, in erster Linie; außerdem von den Lust- und Unlust-erregungen, die sich als fast einzige psychische Quantität bei den Energieumsetzungen im Innern des Apparats ergeben. Alle Vorgänge in den ψ -Systemen sonst, auch die im *Vbw*, entbehren jeder psychischen Quantität und sind darum kein Objekt des Bewußtseins, insofern sie ihm nicht Lust oder Unlust zur Wahrnehmung liefern. Wir werden uns zur Annahme entschließen müssen, daß *diese Lust- und Unlust-erregungen automatisch den Ablauf der Besetzungsvorgänge regulieren*“. FREUD, S. Die Traumdeutung, G.W., II/III, 579-80.

Este por sua vez se subdivide em dois tipos: os temporariamente inconscientes, que podem ser acessados facilmente pela consciência, denominados pré-conscientes (Pcs), e os propriamente inconscientes, não acessíveis à consciência, denominados inconsciente (Ics). Em *O eu e o isso*, Freud dá assim dois sentidos para o termo inconsciente:

“No sentido descritivo há duas espécies de inconsciente, mas no sentido dinâmico, apenas uma”⁵³.

No sentido descritivo, o termo inconsciente abarca tanto os conteúdos do pré-consciente, quanto os do inconsciente. É assim incapaz de discriminar os conteúdos destes dois sistemas, já que leva em conta apenas o fato do conteúdo psíquico estar ou não na consciência. Ao contrário, o sentido dinâmico leva em conta a distinção tópica entre os sistemas psíquicos, pois designa apenas os conteúdos do sistema inconsciente⁵⁴.

Uma característica comum tanto ao sistema inconsciente quanto ao pré-consciente é o fato do estoque de traços mnêmicos ter a capacidade de preservar algo a mais do que apenas o seu conteúdo: podem se associar na memória de acordo com a semelhança ou contigüidade, conexão característica do sistema inconsciente, e, posteriormente, no sistema pré-consciente, segundo uma ordem causal. Quanto às associações no primeiro sistema, não mantêm o ordenamento temporal e substituem a realidade exterior pela realidade psíquica.⁵⁵ Além disso, quando a meta de duas moções pulsionais presentes no inconsciente parecem inconciliáveis, elas não entram em contradição, mas se organizam para alcançar uma meta intermediária, pela formação de compromisso.

O inconsciente é a porta de entrada para a pulsão no psiquismo. O núcleo do sistema inconsciente, diz Freud, “consiste em representantes da pulsão que querem descarregar seu investimento, portanto, em moções de desejo”⁵⁶. Estas moções são representantes pulsionais que se utilizam, em princípio, de traços mnêmicos inconscientes – advindos do sistema perceptivo, tais como visão, paladar, tato, entre outros – como o

⁵³ „(...) es im deskriptiven Sinne zweierlei Unbewußtes gibt, im dynamischen aber nur eines“. FREUD, S. *Das Ich und das Es*, G.W., XIII, 242.

⁵⁴ Os motivos que barram o acesso dos conteúdos do sistema inconsciente ao consciente, ou seja, a repressão (*Verdrängung*), serão explorados no próximo capítulo. Podemos apenas adiantar que esse impedimento ocorre por subtração dos afetos e das propriedades lingüísticas de uma certa representação.

⁵⁵ “[Freud] mostrou que o mundo interior do psiquismo tem uma realidade viva e contínua que lhe é própria, com suas leis e suas características dinâmicas próprias, diferentes daquelas do mundo exterior”. “[Freud] a montré que le monde intérieur du psychisme a une réalité vivante et continue qui lui est propre, avec ses lois et ses caractéristiques dynamiques propres, différents de celles du monde extérieur”. ISAACS, S. *Nature et fonction du phantasme*. In: KLEIN, M [et al.] *Développements de la psychanalyse*, p. 78.

⁵⁶ „(...) besteht aus Triebrepräsenzen, die ihre Besetzung abführen wollen, also aus Wunschregungen“. FREUD, S. *Das Unbewußten*, G.W., X, 285.

primeiro modo de se representar no aparelho anímico. É por este enlace da pulsão com os traços mnêmicos que ela ganha suas primeiras feições psíquicas e se prepara para alcançar a consciência. Para que este segundo passo ocorra – o da tomada da consciência – é preciso que a pulsão não se enlace apenas com os traços de memória inconscientes, mas com os pré-conscientes, dotados de linguagem e capazes de atrair a atenção da consciência⁵⁷. Só assim a pulsão alcança a consciência e pode ser descarregada sob a forma de afeto.

O aparecimento dos diferentes sistemas anímicos e os diferentes modos como a pulsão ganha representação no psiquismo estão estreitamente relacionados com a mudança do funcionamento do aparelho psíquico, a saber, com a passagem do processo primário para o processo secundário.

O processo primário e o processo secundário

Como vimos acima, o aparelho psíquico primitivo está regulado para evitar o acúmulo de excitação e se manter dentro do possível carente dela. Por estar assim regulado, pode ser construído por analogia ao esquema do arco-reflexo, de modo que, quando um estímulo pulsional gera uma pressão no psiquismo, sentida como desprazer, automaticamente o aparelho é posto em movimento no sentido de cancelá-lo.

A percepção da satisfação como, por exemplo, a da nutrição para a fome, gera um traço mnêmico que fica associado ao produzido pela necessidade pulsional. A recordação da satisfação, denominada representação-meta (*Zielvorstellung*), guia os demais traços mnêmicos associados a ela. Deste modo, assim que a mesma pressão gerada pela necessidade pulsional for novamente sentida, devido à associação entre os traços mnêmicos da necessidade pulsional e o da vivência de satisfação, produz-se novamente uma moção psíquica que reinvestirá a imagem mnêmica da percepção (a nutrição, neste caso). A atividade psíquica, que antes seguia do sistema perceptivo ao motor, muda então de direção e segue um caminho regressivo que reinveste os traços mnêmicos perceptivos, até o ponto de provocar novamente a percepção da mesma. Sendo assim, quando a excitação advinda da pulsão invade o psiquismo, evoca um conjunto ou complexo (*Komplex*) de imagens e afetos a ela vinculados que segue uma rede de direções associativas até atingir a percepção. Todo o conjunto de representações e afetos é, portanto,

⁵⁷ Veremos este processo mais detalhadamente no item sobre as representações-coisa e representações-palavra.

posto em estado momentâneo de excitação: eis aí então a reparição da percepção, na forma de alucinação, que proporciona novamente a vivência de satisfação e a realização do desejo. A alucinação revela uma disposição imediata para o aparelho psíquico sair do estado de desprazer. Neste funcionamento, denominado processo primário, não há quase nenhuma retenção de energia, o que permite um livre escoamento (*Abströmen*) das quantidades de excitação pelas cadeias associativas até a reativação dos traços mnêmicos perceptivos. Não há, neste primeiro processo, uma memória que possa ser ativada voluntariamente, já que a regulação do sistema é automática. Este modo de funcionamento do psiquismo pertence a um estado arcaico que se restringe a formar imagens e qualificá-las afetivamente, como prazer ou desprazer.

Entretanto, para que a alucinação resulte apropriada para produzir a satisfação da necessidade pulsional, deve ser mantida até o esgotamento da excitação, o que não acontece. A descarga produzida pela alucinação é apenas eminentemente satisfatória, mas a longo prazo ela se mostra insuficiente para a eliminação do desprazer. Faz-se então necessária uma segunda atividade que não permita que enormes cargas de energia regridam do investimento mnêmico à percepção, mas que conduza a excitação, por via da motilidade voluntária, à modificação do mundo externo. A este segundo modo de funcionamento, Freud dá o nome de processo secundário.

Assim que a excitação é dirigida ao mundo exterior, surge a separação entre o psíquico e o real, que até então não existia; a partir deste momento, a percepção real do objeto de satisfação já é possível. O modo arcaico de funcionamento não é capaz de diferenciar a realidade objetiva e a psíquica, pois o reinvestimento desta, nos traços mnêmicos, é sentido como percepção real. Isso se deve a uma identidade de percepção (*Wahrnehmungsidentität*) entre o traço mnêmico da satisfação e do objeto que a possibilitou, ou seja, procura-se uma percepção idêntica à imagem do objeto resultante da vivência de satisfação. A primeira vivência de satisfação, que fica associada à necessidade pulsional, está na base da procura da identidade perceptiva, e o processo primário visa reencontrá-la. A partir da primeira vivência de satisfação, o aparelho psíquico deseja “a repetição daquela percepção que está ligada com a satisfação da necessidade”⁵⁸. Uma vez que independe da presença do objeto externo, a alucinação é o caminho mais fácil para

⁵⁸ „(...) die Wiederholung jener Wahrnehmung, welche mit der Befriedigung des Bedürfnisses verknüpft ist“. FREUD, S. *Die Traumdeutung*, G.W., II/III, 571.

obter a vivência de satisfação. No processo secundário, entretanto, as excitações não são mais descarregadas imediatamente e automaticamente, mas sim por meio de “múltiplos tateios”⁵⁹ que enviam os seus investimentos para os objetos exteriores e voltam a recolhê-los, como pseudópodes de uma ameba⁶⁰. Para isso, o segundo processo deve dispor livremente de todo o conteúdo dos sistemas mnêmicos, ao mesmo tempo em que deve inibir os excessos de investimentos, já que seria um grande desperdício de energia investir cada uma das vias de pensamento para que depois este investimento se dispersasse sem finalidade. Deve, portanto, conter o livre escoamento de grandes cargas energéticas, conservar as representações ligadas a pequenas quantidades de afeto, o que possibilita antecipar imaginariamente os fenômenos externos e encontrar uma satisfação mais duradoura⁶¹.

“Eu insisto somente na idéia (*Vorstellung*) de que a atividade do primeiro sistema ψ está dirigida *para o livre escoamento das quantidades de excitação*, e que o segundo sistema leva, pelos investimentos que saem dele, a uma *inibição* deste escoamento, uma transformação em investimento quiescente, mediando a elevação do nível [de excitação]”⁶².

No processo secundário, o princípio do prazer não foi abandonado, mas trabalha em conjunto com os princípios de realidade e de gasto mínimo de inervações para obter a satisfação. O princípio de realidade é uma modificação, com referência ao mundo externo, do princípio de prazer e possibilita ao aparelho psíquico adiar a satisfação e tolerar temporariamente os sentimentos de desprazer. Sua finalidade é a de encontrar, na modificação do mundo externo, uma satisfação duradoura.

“É somente a ausência da satisfação esperada, a decepção, que teve por consequência o abandono desta tentativa de satisfação por via alucinatória. Em lugar desta, o aparelho psíquico teve de resolver representar o estado dos fatos real do mundo exterior e tentar a modificação real. Para isso, foi introduzido um novo princípio da atividade

⁵⁹ FREUD, S. *Die Traumdeutung*, G.W., II/III, 605.

⁶⁰ FREUD, S. *Zur Einführung des Narzissmus*, G.W., X, 141.

⁶¹ HANNS, L. p. 89-90. “Assim, quando, além da transmissão em vastas redes ou malhas [constituídas pelas vias facilitadas (*Bahnungen*) e pelas conexões de imagens (*Verbindungen, Verknüpfungen*, isto é, interligações)], houver também modos de reter e distribuir e conduzir a energia psíquica através desta malha, o aparelho psíquico adquirirá a possibilidade de lidar com os *Reize* num patamar mais elaborado do que aquele do processo primário. Todavia, trata-se aí do processo secundário”.

⁶² „Ich halte nur an der Vorstellung fest, daß die Tätigkeit des ersten ψ -Systems *auf freies Abströmen der Erregungsquantitäten* gerichtet ist, und daß das zweite System durch die von ihm ausgehenden Besetzungen eine *Hemmung* dieses Abströmes, eine Verwandlung in ruhende Besetzung, wohl unter Niveauerhöhung, herbeiführt“. FREUD, S. *Die Traumdeutung*, G.W. II/III, 605.

anímica; não foi mais representado o que era agradável, mas o que era real, mesmo se isso devesse ser desagradável”⁶³.

O processo de descarga, que, durante o domínio do princípio de prazer, serviu para aliviar o aparelho psíquico do acúmulo de excitação por meio de descarregar motoras e regressões alucinatórias, passa agora a ter uma outra função, a saber: modificar a realidade segundo um fim. Para isso, caminhará por meio de rodeios que adiam o escoamento automático e imediato das quantidades de excitação, como os regidos pelo princípio do prazer, no processo primário. O princípio de realidade e a possibilidade de exame do real são introduzidos como uma nova ordem de funcionamento do aparelho psíquico, que permitem o surgimento do pensamento. O pensar não é mais do que um rodeio do investimento de uma representação-meta, alcançado não pelo reinvestimento regressivo da percepção, mas pelas vias motrizes. Ele surge assim em substituição da alucinação e tende a se ligar cada vez mais à regulação pelo princípio de realidade, e a restringir o desenvolvimento do afeto a um grau mínimo que, como um pequeno montante de desprazer, serviria de sinal para impedir a ocorrência de um montante ainda maior. Assim, quando temos no processo primário uma identidade de percepção, no processo secundário temos a substituição desta identidade pela dos pensamentos entre si.

O funcionamento do aparelho psíquico no processo primário é mais simplificado do que o do aparelho plenamente constituído, mas serve de “guia imagético-afetivo”⁶⁴ para que o insípido aparelho não sucumba aos acúmulos de estímulo que o invadem, conduzindo automaticamente a excitação da fonte à meta. A atividade do segundo sistema não seria, assim, possível sem a do primeiro, já que este possibilita o acúmulo de experiências nos sistemas mnêmicos e a fixação de diversas representações-meta, imprescindíveis para o funcionamento do segundo sistema e para a possibilidade da identidade de pensamento (*Denkidentität*).

No processo primário, as recordações não possuem qualidades suficientes para excitar a consciência e atrair sobre si um novo investimento. Neste estado, apenas os traços mnêmicos perceptivos são capaz de atrair a atenção da consciência. Entretanto, com o advento do segundo sistema, o pré-consciente, devido à necessidade de conformar o curso das representações de maneira mais autônoma em relação às inconstâncias do prazer e

⁶³ FREUD, S. Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens, G.W., VIII, 231-232.

⁶⁴ HANNS, L. A teoria pulsional na clínica de Freud, p. 88.

desprazer, enlaça seus processos com o sistema mnêmico dos signos da linguagem e com os processos de descarga (afetos), providos de qualidade, atraindo para si a atenção da consciência. Pelas qualidades do sistema pré-consciente, a consciência, que antes era apenas um órgão sensorial para as percepções externas e as sensações internas de prazer e desprazer, passa a ser também um órgão para os processos de pensamento.

Devido ao aparecimento tardio do processo secundário, o núcleo de nosso ser, que consiste em moções de desejo inconscientes, não é apreensível para o pré-consciente, bem como não pode ser destruído. O pré-consciente limita-se apenas à dar a direção mais adequada às moções de desejo que provém do inconsciente. Os desejos inconscientes constituem, para todos os afãs posteriores da alma, uma compulsão a que têm que se adequar e na que pode talvez se empenhar para desviar e dirigir para metas mais elevadas. Um grande âmbito do material mnêmico permanece também inacessível aos investimentos pré-conscientes, devido a essa demora do surgimento do processo secundário. O inconsciente, regido pelo processo primário, não é capaz de enlaçar seus traços mnêmicos perceptivos tanto com os dos signos lingüísticos, como com as pequenas quantidades de afeto. Trabalha assim com traços mnêmicos de sensações e com grandes cargas de excitação, que circulam livremente, sem estarem vinculadas à representações.

O processo de formação e maturação do aparelho psíquico se confunde com os processos de circulação da excitação pulsional, bem como as regulações de prazer e desprazer. Tanto o processo primário quanto o secundário são não apenas dois modos distintos de funcionamento do aparelho psíquico, mas também revelam o surgimento de dois novos sistemas: o inconsciente e o pré-consciente, respectivamente, bem como o de dois modos distintos da imagem mnêmica se inscrever no psiquismo: a representação-coisa e a representação-palavra.

Representação-coisa e representação-palavra

A passagem do processo primário ao processo secundário, bem como a passagem da identidade de percepção à identidade de pensamento, são de extrema importância para melhor compreendermos um dos modos da pulsão se representar (*repräsentieren*) no psiquismo: a representação (*Vorstellung*). No aparelho psíquico primitivo, regido pelo processo primário, apenas um tipo de traço mnêmico pode ser encontrado: o dos objetos primeiros e genuínos, provindos de impressões sensoriais, como as visuais, acústicas, táteis

e sinestésicas⁶⁵. Este tipo peculiar de traço mnêmico, quando investido, dá origem ao que Freud chama de representação-coisa (*Sachvorstellung* ou *Dingvorstellung*); mais precisamente, o conceito de representação-coisa se encontra muito próximo ao de traço mnêmico. Entretanto, estes dois termos não podem ser equiparados: a representação-coisa é a reativação da inscrição mnêmica, e não a inscrição mesma da coisa.

“[A] *representação-coisa* consiste no investimento, se não das imagens mnêmicas diretas da coisa, pelo menos dos rastros mnêmicos mais afastados e derivados delas”⁶⁶.

Entretanto, assim que o aparelho psíquico constata o fracasso da identidade perceptiva e do processo primário para encontrar uma satisfação eficaz e duradoura, a representação-coisa enlaça-se com o investimento dos traços mnêmicos das percepções acústicas, com a finalidade de converter em percepção consciente aquilo que anteriormente era uma descarga automática e involuntária, capaz de acionar o sistema motor de modo voluntário. A ação voluntária se dirigirá para a modificação do mundo externo, único modo de encontrar a satisfação desejada.

“O papel das representações-palavra se torna agora de todo claro. Pela sua mediação, os processos internos de pensamento são feitos percepções”⁶⁷.

A decomposição da representação, ao diferenciar uma representação consciente e uma inconsciente, possui um valor essencialmente tópico: do vínculo entre a representação-coisa e a representação-palavra (*Wortvorstellung*) nasce o sistema pré-consciente⁶⁸. Assim, somente a representação consciente abarca os dois lados da representação: a coisa e a palavra, como representação-objeto (*Objektvorstellung*). Tal mudança na associação entre as representações permite uma organização mais alta do aparelho psíquico e possibilita que, não apenas o processo primário, que rege o inconsciente, mas também o processo secundário, que rege o pré-consciente, atuem na mente. As representações que não foram apreendidas em palavras são enviadas para o inconsciente.

E assim como a representação-coisa não deve ser entendida com um análogo do conjunto da coisa no psiquismo, assim também não devemos confundir as palavras com a representação-palavra, pois Freud constatou, num estudo em *O inconsciente* sobre as alterações da linguagem, que também as palavras, que não são senão traços mnêmicos sensoriais, podem estar submetidas ao processo primário e, então, se comportam como representação-coisa.

A atividade anímica possui dois sentidos: ou bem parte do exterior, por meio de uma incitação de fora do corpo, atravessando os sistemas percepção-consciência, pré-consciente até alcançar o inconsciente, ou bem parte dos estímulos endógenos que alcançam o sistema inconsciente como representação-coisa (primeiro modo de representação da pulsão no psiquismo) e chegam, por meio do enlace com a representação-palavra, aos sistemas pré-consciente e consciente, onde podem ser sentidos também sob a

⁶⁵ FREUD, S. *Apêndice C de Lo inconsciente*, A.E., XIV, 211.

⁶⁶ „(...) die *Sachvorstellung*, die in der Besetzung, wenn nicht der direkten Sacherinnerungsbilder, doch entfernterer und von ihnen abgeleiteter Erinnerungsspuren besteht“ FREUD, S, *Das Unbewußte*, G.W., X, 300.

⁶⁷ „Die Rolle der Wortvorstellung wird nun vollends klar. Durch ihre Vermittlung die inneren Denkvorgänge zu Wahrnehmungen gemacht“ FREUD, S. *Das Ich und das Es*, G.W., XII, 250.

⁶⁸ Freud dá assim uma origem sensorial ao pré-consciente, pois tanto a representação-coisa quanto a representação-palavra provêm de percepções sensoriais.

forma de afeto. O inconsciente, por meio de representações-coisa, é assim para a pulsão uma preparação para o alcance da consciência. As pulsões nunca podem penetrar diretamente na consciência, pois provêm dos estratos mais profundos do aparelho anímico, “elas são mal conhecidas, podem valer ainda como seu melhor modelo o da série prazer-desprazer. Elas são mais originárias, mais elementares do que as que provêm de fora, podem ainda se dar em estados de consciência perturbada”⁶⁹.

Devemos notar que a divisão entre consciente, pré-consciente e inconsciente passa a ser, após 1920, insuficiente para a atuação clínica de Freud. Ele encontra na classificação das representações-coisa e representações-palavra um modo alternativo que o levará a sua segunda tópica: à descoberta das três instâncias psíquicas: o Eu (*Ich*), o Isso (*Es*), e o Sobre-Eu (*Überich*), sem entretanto abandonar a tópica anterior.

Para acompanharmos o surgimento destas instâncias e o modo de circulação pulsional que relacione a primeira e a segunda tópica, devemos refazer o percurso da circulação pulsional no indivíduo, através do desenvolvimento infantil e do surgimento das enfermidades psíquicas, assunto dos nossos próximos capítulos.

⁶⁹ „Sie sind schlecht gekannt, als ihr bestes Muster können noch die der Lust-Unlustreihe gelten. Sie sind ursprünglicher, elementarer als die von außen stammenden, können noch in Zuständen getrübtten Bewußtseins zustande kommen“. FREUD, S. Das Ich und das Es, G.W., XIII, 249.

CAPÍTULO 2: A EVOLUÇÃO PULSIONAL NO INDIVÍDUO

*Fará sentido o padecer humano,
se o Acaso impera e a previsão é incerta?
Melhor viver ao léu, tal qual se pode.
Não te amedronte o enlace com tua mãe,
pois muitos já dormiram com a mãe
em sonhos. Quem um fato assim iguala
a nada, faz sua vida bem mais fácil.
Sófocles, Édipo Rei¹.*

Se percorrermos a teoria psicanalítica em busca de uma única concepção para a tópica dos sistemas psíquicos, vamos aos poucos perceber que Freud se depara com um engodo teórico: por um lado, a prática analítica possibilitou formar a representação de uma organização coerente (denominada Eu), da qual depende a consciência e o acesso à motilidade; e por outro lado, Freud pôde observar que as resistências ao tratamento, que deveriam ser atribuídas à instância censora (ao sistema pré-consciente, já que este bloqueia o acesso das representações inconscientes à consciência), só com muita dificuldade chegam à consciência.

O impasse entre a clínica e a teoria lhe causa um certo mal estar em relação à primeira tópica, pois começa a se traduzir em uma insuficiência terminológica: seria preciso postular um terceiro inconsciente² que estendesse este conceito para além das fronteiras da consciência? Esta nova concepção de inconsciente é para Freud uma verdadeira aberração teórica. Diz ele:

“Sabemos que o *Ics* não coincide com o reprimido; continua correto que todo reprimido é *ics*, mas nem todo *Ics* é também reprimido. Também uma parte do Eu, um Deus sabe quão importante parte do Eu, pode ser *ics*, é certamente *ics*. E este *Ics* do Eu não é latente no sentido do *Pcs*, do contrário não poderia ser ativado sem se tornar *cs*, e o seu fazer consciente causaria dificuldades bastante grandes. Se então nos vemos diante da necessidade de estabelecer um terceiro *Ics*, não reprimido, então temos de convir que o

¹ SÓFOCLES, *Édipo Rei*, tradução de Trajano Vieira, versos 977-983.

² O primeiro, para dar conta do material propriamente inconsciente, instituído pela repressão; o segundo, para dar conta dos conteúdos momentaneamente inconscientes, ou seja, pré-conscientes; e o terceiro, para abarcar o inconsciente pertencente ao pré-consciente, que é o repressor, e não o reprimido.

caráter de ser inconsciente perde significado para nós. Torna-se uma qualidade de muitos sentidos que não permite as amplas e excludentes conseqüências para as quais gostaríamos de tê-lo utilizado. Não obstante, temos de nos precaver de desprezá-lo, pois afinal a qualidade de ser ou não consciente é o único farol na escuridão da psicologia das profundezas”³.

A experiência clínica permite a Freud observar que não só o reprimido, mas também a instância repressora, que antes se encontrava no pré-consciente, pode ser inconsciente. Este inconsciente no interior do pré-consciente exige uma reformulação da teoria psicanalítica: o sentido dado àquele termo não deve coincidir com o reprimido, mas tem de ser expandido a fim de abarcar a instância censora, igualmente inacessível para a consciência. Freud passa então a usar termos que não se referem exclusivamente à tópica psíquica (antes designada por sistemas), mas que abarquem ao mesmo tempo a estrutura e a dinâmica anímicas (designada por instâncias).

É no pronome pessoal neutro da língua alemã que Freud vai buscar a palavra que melhor expresse esse âmbito anímico: *das Es*⁴. Deste pronome pode-se também “dizer impessoal, nem uma coisa nem outra, *ne-uter*, nem do sexo masculino nem do feminino”⁵. Na língua portuguesa, não encontramos nenhuma palavra que o traduza de modo satisfatório. Empregamos o demonstrativo *Isso*, pois recupera alguns dos sentidos de *Es*, tais como a referência a conteúdos de uma frase já indicados anteriormente, a eventos de causas indeterminadas, a ações que independem do sujeito ou as sensações corpóreas e psíquicas⁶.

Pouco podemos falar do Isso. Ele é uma parte obscura de nossa personalidade e apenas podemos defini-lo de modo negativo e em oposição ao Eu consciente. Chegamos a

³ “Wir erkennen, daß das *Ubw* nicht mit dem Verdrängten zusammenfällt; es bleibt richtig, daß alles Verdrängte *ubw* ist, aber nicht alles *Ubw* ist auch verdrängt. Auch ein Teil des Ichs, ein Gott weiß wie wichtiger Teils des Ichs, kann *ubw* sein, ist sicherlich *ubw*. Und dies *Ubw* des Ichs ist nicht latent im Sinne des *Vbw*, sonst dürfte es nicht aktiviert werden, ohne *bw* zu werden, und seine Bewußtmachung dürfte nicht so große Schwierigkeiten bereiten. Wenn wir uns so vor der Nötigung sehen, ein drittes, nicht verdrängtes *Ubw* aufzustellen, so müssen wir zugestehen, daß der Charakter des Unbewußtseins für uns an Bedeutung verliert. Er wird zu einer vieldeutigen Qualität, die nicht die weitgehenden und ausschließenden Folgerungen gestattet, für welche wir ihn gerne verwertet hätten. Doch müssen wir uns hüten, ihn zu vernachlässigen, denn schließlich ist die Eigenschaft bewußt oder nicht die einzige Leuchte im Dunkel der Tiefenpsychologie” FREUD, S. Das Ich und das Es, G.W., XIII, 244-245.

⁴ O termo *Es* foi cunhado a partir das incitações de Georg Groddeck, médico alemão, que o tomou, por sua vez, de Nietzsche. Ver: FREUD, S. Das Ich und das Es, G.W., XIII, 251.

⁵ LAPLANCHE, J. O inconsciente e o id, p. 137.

⁶ Os sentidos do termo alemão *Es*, recuperados pelo termo Isso, foram retirados de HANNS, L. Dicionário comentado do alemão de Freud, p. 264.

algum conhecimento do Isso apenas de modo indireto, filtrado pelas lentes de nosso aparelho perceptivo. O Isso é a base de nosso aparelho anímico. Em sua extremidade mais profunda, encontramos uma abertura para o somático, de onde brotam as pulsões⁷ e que tomam nele sua primeira expressão psíquica, mas sem nenhum tipo de organização ou vontade global que as guie para uma satisfação duradoura. Por estarem desligadas, a energia das moções pulsionais se movem rapidamente e exigem descarga com muito maior urgência do que nos processos próprios da consciência. E uma vez que é regido pelo princípio de prazer e pelo processo primário, busca apenas as satisfações mais imediatas (sob a forma de uma compulsão para a descarga), encontradas pela via regressiva que ativa os traços mnêmicos e produz alucinações. O Isso não está voltado para o mundo exterior, já que nem pode se dar conta da divisão entre interno e externo. Caso isso fosse possível, teríamos que imaginar que nele opera algum tipo de organização, o que não se verifica. Nenhuma regra lógica opera no Isso; os processos de pensamento regidos por uma ordem causal são típicos do Eu consciente. O Isso é um caos, “uma caldeira plena de excitações borbulhantes”⁸, cujas leis do pensamento não encontram nenhum tipo de expressão. Nele, moções opostas e contraditórias podem coexistir sem conflito. E como não conhece a divisão entre interior e exterior, não é afetado nem pelo tempo, nem pelas leis morais. As moções de desejo que dele brotam e que jamais chegam à consciência ou as que daí são banidas e enviadas para ele, não sofrem modificações: nele tudo é imortal.

Mas, se o Isso não está voltado para o mundo exterior, algo deve ocupar este lugar, a fim de dirigir as ações para fora do organismo e encontrar satisfação para os influxos que brotam de seu interior. A reformulação da constelação tópica da vida anímica exige, então, que um pólo organizado e coerente surja e se oponha ao pólo pulsional. Temos, assim, um Eu coerente frente a um Isso caótico. Devemos notar que a consciência não deixa de ter um papel central na teoria psicanalítica: ela é o farol que ilumina as trevas de nosso psiquismo, e somente podemos perceber algo quando a consciência tem notícia dele. Sem ela, não teríamos nenhum conhecimento do que acontece em nosso psiquismo e no mundo exterior.

A separação entre o Eu e o Isso não deve, entretanto, ser entendida de modo tão rígido quanto aquela feita entre os sistemas inconsciente e consciente: no Eu também

⁷ “Imaginamos que [o Isso] é no fim aberto para o somático”. „Wie stellen uns vor, es sei am Ende gegen das Somatische offen“. FREUD, S. Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, G.W., XV, 80.

⁸ „einen Kessel voll brodelnder Erregungen“. FREUD, S. Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, G.W., XV, 80.

podemos encontrar algo de inconsciente, não no sentido do inconsciente do pré-consciente, mas daquilo que só com muita dificuldade pode ser trazido à consciência.

“Mas essa resistência [ao tratamento] seguramente nasce de seu Eu e a ele pertence, de modo que estamos diante de uma situação imprevista. Encontramos no próprio Eu algo que é também inconsciente, que se comporta exatamente como o reprimido, quer dizer, exterioriza efeitos intensos sem tornar-se ele próprio consciente, e se necessita de um trabalho especial para fazê-lo consciente”⁹.

E assim como o Isso e o reprimido não podem coincidir, já que aquele abarca algo muito mais amplo do que este, assim também o Eu e o consciente não devem ser tomados como a mesma coisa. Caso contrário, teríamos que admitir um inconsciente no interior do sistema pré-consciente/consciente e voltaríamos ao problema do terceiro inconsciente, exposto no início deste capítulo.

Postular uma instância que se estenda do sistema consciente ao inconsciente, além de resolver o impasse entre a clínica e a teoria, soluciona um segundo problema, a saber: “como algo se torna consciente?”¹⁰. Recorrer a uma instância que permeie os diferentes sistemas psíquicos evita malabarismos teóricos, tais como imaginar que, para tornar consciente um processo psíquico inconsciente, a consciência precise invadir o inconsciente, ou vice-versa. Freud recorre então às noções de representação-palavra e representação-coisa. O Eu, ao levar em si um “capacete auditivo”¹¹, permite que os restos mnêmicos de palavra, provindos das percepções acústicas, unam-se às representações-coisa para torná-las consciente, “por conseguinte, a consciência se conserva em seu lugar, mas tampouco o *Ics* é algo que possa elevar-se ao *Cs*”¹².

É por meio das representações-palavra, presentes no sistema pré-consciente, que um processo interno de pensamento pode ser convertido em percepção e atingir a consciência. O Eu tem como seu núcleo o sistema percepção-consciência e estende-se pelo

⁹ „Da aber dieser Widerstand sicherlich von seinem Ich ausgeht und diesem angehört, so stehen wir vor einer unvorhergesehenen Situation. Wir haben im Ich selbst etwas gefunden, was auch unbewußt ist, sich gerade so benimmt wie das Verdrängte, das heißt starke Wirkungen äußert, ohne selbst bewußt zu werden, und zu dessen Bewußtmachung es einer besonderen Arbeit bedarf“. FREUD, S. Das Ich und das Es, G.W., XIII, 244.

¹⁰ „Wie wird etwas bewußt?“. FREUD, S. Das Ich und das Es, G.W., XIII, 247.

¹¹ „Hörkappe“. FREUD, S. Das Ich und das Es, G.W., XIII, 252. Nesta passagem, em analogia ao corpo humano, Freud pressupõe que o Eu carregue uma placa acústica que lhe permita perceber os estímulos auditivos e desenvolver a linguagem, por meio de representações-palavra.

¹² „Das Bewußtsein verbleibt also an seiner Stelle, aber auch das *Ubw* ist nicht etwas zum *Bw* aufgestiegen“. FREUD, S. Das Ich und das Es, G.W., XIII, 249.

sistema pré-consciente, limite dos traços mnêmicos da linguagem, até atingir o sistema inconsciente, onde encontramos as representações-coisa.

Uma vez que uma parte do Eu pode também ser inconsciente, Freud pretende averiguar mais sobre ele e sobre a sua gênese.

O Eu como modificação do Isso

O sistema percepção-consciência como núcleo do Eu

No capítulo anterior, vimos que a partir da circulação pulsional no corpo surgem os diferentes sistemas psíquicos. Corpo e psiquismo estão em relação de analogia. Não podemos localizar os sistemas psíquicos anatomicamente, mas podemos edificá-los aos moldes do funcionamento corporal, seguindo o modelo do *como se fosse assim*. Qualquer organismo vivo, no máximo de sua simplificação possível, devido ao choque direto com o mundo exterior, deve diferenciar a superfície externa de sua extensão para que possa proteger o seu interior contra os estímulos arrasadores vindos do exterior e, ao mesmo tempo, recebê-los.

“Há algo ainda a dizer sobre esta vesícula viva com sua camada cortical receptora de estímulos. Este fragmento de substância viva oscila em meio a um mundo exterior carregado com as mais fortes energias, e seria golpeado a morte pela ação dos estímulos dele se não fosse munido de uma *proteção contra estímulo*. Obtêm-na do seguinte modo: sua superfície mais externa que dá a estrutura pertencente à matéria viva, torna-se por assim dizer inorgânica, e agora age como um invólucro particular ou membrana retendo o estímulo, quer dizer, faz com que as energias do mundo exterior possam prosseguir somente com uma fração de sua intensidade até as próximas camadas que permaneceram vivas”¹³.

A proteção contra-estímulos deve ser a mais importante tarefa desse estrato modificado. Sem ela, os estímulos fortíssimos do mundo exterior penetrariam no interior

¹³ „An dem lebenden Bläschen mit seiner reizaufnehmenden Rindenschichte haben wir noch anderes zu erörtern. Dieses Stückchen lebender Substanz schwebt inmitten einer mit den stärksten Energien geladenen Außenwelt und würde von den Reizwirkungen derselben erschlagen werden, wenn es nicht mit einem *Reizschutz* versehen wäre. Es bekommt ihn dadurch, daß seine äußerste Oberfläche die dem Lebenden zukommende Struktur aufgibt, gewissermaßen anorganisch wird und nun als eine besondere Hülle oder Membran reizabhaltend wirkt, das heißt, veranlaßt, daß die Energien der Außenwelt sich nun mit einem Bruchteil ihrer Intensität auf die nächsten lebend gebliebenen Schichten fortsetzen können“. FREUD, S. Jenseits des Lustprinzips, G.W., XIII, 26-27.

da substância viva e a destruiriam. A recepção de estímulos serve para que a partir de pequenas amostras, a substância viva averigüe a natureza dos estímulos externos. Nos organismos superiores, o estrato cortical responsável por captar os estímulos foi enviado para o interior do corpo, como sistema nervoso, mas deixou para trás, na superfície, vestígios que nos mostram a sua origem: os órgãos sensoriais. Estes, assim como a vesícula que reveste os organismos inferiores, têm de proteger o interior do organismo contra os estímulos e, ao mesmo tempo, perceber a natureza deles. Por outro lado, assim como o interior da vesícula orgânica, o sistema nervoso central, que processa e armazena as informações vindas do mundo externo, nada pode sentir.

A imagem da evolução de uma vesícula viva, que pode ser entendida sob um ponto de vista filogenético (tanto da espécie humana quanto da vida em geral), pode também nos apontar a gênese do aparelho psíquico. Melhor dito, assim como Freud traçou uma analogia entre o aparelho óptico e os sistemas psíquicos, traça também uma outra que põe lado a lado a evolução orgânica e a psíquica: tal como um organismo, o sistema psíquico deve também possuir uma camada mais externa que tenha se diferenciado do todo a partir do embate com o mundo externo. Esta camada deve ser uma modificação da substância mais interna, originariamente indiferenciada, que já não pode mais ser modificada pelos estímulos externos. Referimo-nos ao sistema percepção-consciência que pode gerar consciência sem, no entanto, receber qualquer traço permanente de alteração, uma vez que já atingiu o máximo de sua modificação pelo exterior. Tais traços formam-se nas camadas mais profundas do psiquismo (nos sistemas mnêmicos), por onde a excitação tem de vencer resistências, de modo a formar um caminho que registre as pequenas quantidades de estímulos captadas pelos sistemas percepção-consciência.

“Transferir ao sistema *Cs*, significaria que a passagem da excitação já não pode produzir nenhuma alteração permanente em seus elementos, porque eles já estão modificados ao máximo no sentido deste efeito. São capazes estão de permitir que nasça a consciência”¹⁴.

Mas como esse paralelo entre o organismo e o psiquismo nos ajuda a entender a origem do Eu? Em *O Eu e o Isso*, Freud segue os moldes da vesícula viva para ilustrar a

¹⁴ „Auf das System *Bw* übertragen, würde dies meinen, daß dessen Elemente keine Daueränderung beim Durchgang der Erregung mehr annehmen können, weil sie bereits aufs äußerste im Sinne dieser Wirkung modifiziert sind. Dann sind sie aber befähigt, das Bewußtsein entstehen zu lassen“. FREUD, S. Jenseits des Lustprinzips, G.W., XIII, 25-26.

gênese do Eu. Com a mediação do sistema percepção-consciência, o Eu surge como a modificação de uma camada mais profunda: o Isso. Originalmente, o Eu e o Isso eram um todo indiferenciado, mas sob o influxo do mundo exterior uma parte do Isso (ou, mais especificamente, sua camada cortical) se modificou para intermediar a relação deste com o mundo externo. O Eu, como num organismo vivo, é “uma continuação da diferenciação de superfícies”¹⁵ que parte do sistema percepção-consciência, núcleo do Eu, para formar no próprio organismo um representante da realidade externa.

“[O Eu] se desenvolveu a partir da camada cortical do Isso, que, pela sua disposição para receber e afastar as excitações, está em contato direto com o mundo exterior (a *realidade*). Pela percepção consciente, ele subjuga ao seu influxo territórios sempre maiores e camadas mais continuamente mais profundas do Isso”¹⁶.

Seguindo a analogia com o organismo vivo, o Eu pode ser comparado à superfície do corpo, dotada de órgãos sensoriais que se especializaram ao longo do curso evolutivo. E assim como o corpo e toda a sua superfície são munidos simultaneamente do poder da percepção interna e externa, também o Eu é uma camada dotada da faculdade de captar sensações externas e sentimentos de prazer e desprazer advindos das excitações do interior do aparelho psíquico. A analogia entre o Eu e o corpo é claramente expressa por Freud em *O Eu e o Isso*, onde mostra que o Eu não é apenas um “órgão” perceptivo, mas também a imagem da forma do ser vivo:

“O Eu é sobretudo uma essência corporal; não apenas uma essência superficial, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície”¹⁷.

Se o Isso não conhece a divisão entre mundo interno e externo, o Eu vem ocupar este papel, e servir como um intermediário entre aquele e o mundo externo. Uma vez que o núcleo do Eu é constituído pelo sistema percepção-consciência, ele deve abrigar as mesmas qualidades deste sistema. Ou seja, deve servir como uma camada anti-estímulos e como uma superfície perceptiva. Mas o Eu tem o acesso à motilidade e tenta governar os influxos do Isso para uma melhor eficácia da satisfação das moções pulsionais frente ao mundo exterior, pois o Isso “não pode vivenciar ou experimentar nenhum destino exterior,

¹⁵ „eine Fortsetzung der Oberflächendifferenzierung“. FREUD, S. Das Ich und das Es, G.W., XIII, 252.

¹⁶ „[Das Ich] hat sich aus der Rindenschicht des Es entwickelt, die durch ihre Einrichtung aus zur Reizaufnahme und Reizabhaltung in direktem Kontakt mit der Aussenwelt (der *Realität*) steht. Es hat von der bewussten Wahrnehmung her immer grössere Bezirke und tiefere Schichten des Es seinem Einfluss unterworfen“. FREUD, S. Abriss der Psychoanalyse, G.W., XVII, 129.

¹⁷ „Das Ich ist vor allem ein körperliches, es ist nicht nur ein Oberflächenwesen, sondern selbst die Projektion einer Oberfläche“. FREUD, S. Das Ich und das Es, G.W., XIII, 253.

exceto pelo *Eu*, que torna presente para ele o mundo exterior”¹⁸. Deve então substituir o princípio de prazer pelo de realidade e o processo primário pelo secundário, passagem estudada no capítulo anterior.

O Eu possibilita que o sujeito possa se deparar com o mundo externo e que nele imprima modificações, a fim de encontrar satisfações duradouras para as pulsões. Provavelmente esta quebra com um estado anterior de indiferenciação de superfícies ocorre porque, encerrado em si mesmo, o psiquismo acumulou excitações suficientes para que a situação de desprazer se tornasse insuportável. Instância mediadora entre o mundo externo e interno, o Eu permite o inevitável transbordamento das excitações para o exterior do psiquismo.

Mas de onde o Eu retira energia para submeter o Isso à sua influência? A única fonte possível para um empreendimento tão grande só pode ser o próprio Isso. O Eu não dispõe de uma energia vinda do exterior, mas do interior do aparelho psíquico. Não devemos nos esquecer que é do Isso que brotam as pulsões e que o Eu não teria energia suficiente para empreender sozinho um trabalho tão grande; sua energia deriva dos próprios afluxos das pulsões.

Mas como o Eu consegue atrair tal energia e revertê-la ao seu favor? Ele deve conservar em si algo dos objetos de satisfação das pulsões. Tem de ser como eles, identificar-se a eles, de modo a atrair sobre si a energia que investiria o objeto exterior. Modificada pela influência externa, esta parte do Isso forma um precipitado que se separa dele mesmo, mas que lhe garante a sua permanente satisfação. As identificações possibilitam ao Eu se distinguir do Isso e, ao oferecer-se como objeto para este, fortalecem sua relação com ele, aumentam o controle do Eu sobre o Isso e permitem o abandono do objeto.

As identificações e os investimentos eróticos objetivos

Se a diferenciação entre o Eu e o Isso fosse atribuída apenas ao embate entre o mundo interno e externo, não poderíamos encontrar nada que nos diferenciasse dos outros seres vivos. Esta primeira diferenciação depende apenas do jogo energético entre substância viva e mundo externo. Para Freud, ela é um atributo de todos os seres vivos:

¹⁸ „(...) kein äußeres Schicksal erleben oder erfahren kann außer durch das *Ich*, welches die Außenwelt bei ihm vertritt.“. FREUD, S. Das Ich und das Es, G.W., XIII, 267.

“Temos de reconhecer a diferenciação entre o Eu e o Isso não só para os homens primitivos, mas também para os seres vivos ainda mais simples, já que ela é a expressão necessária do influxo do mundo exterior”¹⁹.

Mas, uma vez que a base da diferenciação de superfícies é comum a todos os seres vivos, o que diferencia o desenvolvimento humano dos outros seres? Em *O Eu e o Isso*²⁰, Freud afirma que se o Eu fosse somente o influxo do Isso modificado pelo sistema perceptivo, o subjugado do mundo exterior ao anímico, estaríamos diante de algo muito mais simples do que realmente é. Uma complicação se impõe à teoria: devido a sua constituição natural, no início do seu desenvolvimento, o homem, tem de permanecer um maior tempo com os seus genitores, que lhe proporcionam satisfações das necessidades vitais, tais como o apaziguamento da fome. Ele os toma como seus objetos de amor e os introjeta em seu Eu, produzindo o seu caráter:

“O caráter do Eu é um precipitado dos investimentos de objeto abandonados, que contém a história destas escolhas de objeto”²¹.

Toda a incorporação de objeto que possibilita o seu posterior abandono é uma regressão ao mecanismo da fase oral. A eleição erótica do objeto e sua introjeção no Eu permite dominar o Isso, ainda que às custas de uma grande docilidade daquele frente a este. Quando o Eu adquire os traços do objeto por introjeção, impõe-se ao Isso como objeto de amor. Serve então como substituto do próprio objeto, e procura reparar a perda deste, dizendo ao Isso: “Olha, podes amar também a mim; sou tão semelhante ao objeto”²².

Entretanto, se no início do desenvolvimento o Eu ainda não está diferenciado do Isso, ou seja, se ainda não podemos falar em um sujeito e conseqüentemente em um objeto, por que Freud fala de eleições e investimentos de objeto? Para esclarecermos este problema, devemos recorrer às noções de apoio (*Anlehnung*), auto-erotismo (*Autoerotismus*) e zona erógena (*erogene Zone*).

O fato de não haver um sujeito, descarta imediatamente a possibilidade de falarmos de seu apoio no objeto, ou melhor, da criança na mãe. A esse respeito nos esclarece

¹⁹ „Die Differenzierung von Ich und Es müssen wir nicht nur den primitiven Menschen, sondern noch viel einfacheren Lebewesen zuerkennen, da sie der notwendige Ausdruck des Einflusses der Außenwelt ist“. FREUD, S. Das Ich und das Es, G.W., XIII, 266.

²⁰ FREUD, S. Das Ich und das Es, G.W., XIII, 256.

²¹ „(...) der Charakter des Ichs ein Niederschlag der aufgegebenen Objektsetzungen ist, die Geschichte dieser Objektwahlen enthält“. FREUD, S. Das Ich und das Es, G.W., XIII, 257.

²² „Sieh’, du kannst auch mich lieben, ich bin dem Objekt so ähnlich“. FREUD, S. Das Ich und das Es, G.W., XIII, 258.

Laplanche: “o adjetivo ‘anaclítico’ foi por sua vez deturpado por toda uma tradição psicanalítica que tem origem num ponto, em realidade, já derivado. Com efeito, esse termo ‘anaclítico’ foi introduzido pelos tradutores a propósito de um texto bem mais tardio que os *Três ensaios*, o texto *Sobre o Narcisismo* (1914) em que Freud opõe dois tipos de ‘escolha de objeto’, duas maneiras pelas quais o homem elege seus objetos de amor: um tipo ‘narcísico’ de escolha de objeto, em que o homem escolhe o objeto amado a partir de sua própria imagem, e uma escolha de objeto ‘anaclítico’ (*Anlehnungstypus*, diz o texto alemão), em que, dessa vez (é pelo menos assim que se interpretaram um pouco apressadamente as coisas) a sexualidade se apóia no objeto da função de autoconservação. Assim, o termo apoio (“étayage”) foi entendido, nessa tradição, como um apoio no *objeto*, e finalmente um *apoio na mãe*. Percebe-se aí como toda uma teoria da relação com a mãe deu nova direção a uma noção destinada a explicar a sexualidade na sua emergência. Na verdade, se se examina mais de perto essa noção, observa-se que ela não designa em absoluto, originariamente, o apoio do sujeito no objeto (da criança na mãe) mesmo se em outras passagens tal apoio possa ser constatável”²³. Nos *Três ensaios de teoria sexual*, Freud nos descreve um apoio da pulsão: o apoio da sexualidade numa função ao mesmo tempo similar e divergente – a autoconservação. Temos assim que a pulsão sexual se sustenta no início do desenvolvimento humano sobre funções corporais vitais (sobre as pulsões autoconservativas). Ou, mais especificamente, sobre a alimentação. Estamos assim na fase oral.

A boca é uma área muito estimulada no início da vida da criança. É por aí que o alimento é incorporado e a fome saciada. A fome é uma fonte de fortes excitações, e trabalha em função da conservação da vida. Como toda pulsão, ela possui quatro propriedades fundamentais, enumeradas no capítulo anterior. A sua fonte é o sistema digestivo que, por um acúmulo de excitações gera uma pressão sobre o psiquismo, sentida como um desconforto, um desprazer. Em um primeiríssimo momento, em que a criança ainda não pode recorrer a nenhum traço mnêmico para o alívio do desconforto, a saída da excitação é automática e imediata: ela é conduzida para a via motora. Uma vez que haja vivência de satisfação (apaziguamento da fome), já se pode pensar na presença de um objeto (o leite ou o seio, neste caso), e também de uma meta (a procura do seio para a satisfação). Temos assim o ciclo completo da pulsão: fonte - pressão - objeto - meta.

²³ LAPLANCHE, J. Vida e morte em psicanálise, pág. 24.

Mas o ponto chave deste mecanismo é o seguinte: ao mesmo tempo em que esse funcionamento diz respeito a uma função de conservação da vida, cuja satisfação está no alimento, começa aí também a aparecer um processo de satisfação sexual. Ao lado da alimentação, a excitação dos lábios e da língua pelo seio e pelo leite morno começa a gerar um outro tipo de satisfação que num primeiro instante mal podemos diferenciá-la da função autoconservativa. Neste momento, a boca é ao mesmo tempo um órgão que serve à função alimentar e uma zona erógena que satisfaz sexualmente.

Assim, a sexualidade encontra o seu apoio num funcionamento de conservação da vida e é sobre as satisfações deste funcionamento que edifica os primeiros traços mnêmicos de satisfação. O prazer que a criança experimenta neste momento, essencial à sua vida, tentará ser repetidamente renovado, mesmo sem ser acompanhado da satisfação nutricional. O mamar, que mantinha unidas satisfação sexual e vital, passa então a dar lugar a uma satisfação apenas sexual, desvinculada da nutrição. O antigo objeto (leite ou seio) é abandonado, assim como a antiga meta (mamar) e a antiga fonte (o sistema digestivo). O estímulo da região oral pelo ato de sugar (*Ludeln* ou *Lutschen*) torna-se autônomo em relação à função de autoconservação.

“É claro, além disso, que a ação da criança que suga é determinada pela procura de um prazer – já vivido e agora recordado –. (...) A primeira atividade da criança, e mais importante da vida, o mamar no peito da mãe (ou em seus equivalentes), tem de familiarizá-la com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança se comportaram como uma *zona erógena*, e a estimulação pelo fluxo de leite quente foi bem a causa do sentimento de prazer. Ao princípio, está claro, a satisfação da zona erógena se associou à satisfação da necessidade de alimento. A manifestação sexual se apóia primeiramente em uma das funções que servem à manutenção da vida, e só mais tarde se faz independente dela. (...) A criança não se serve de um objeto desconhecido para mamar, mas prefere um lugar da própria pele, porque lhe é mais cômodo, porque assim se faz independente do mundo exterior, ao qual não pode ainda dominar e porque, deste modo, por assim dizer, cria para si uma segunda zona erógena, ainda que de menor valor”²⁴.

²⁴ „Es ist ferner deutlich, daß die Handlung des lutschenden Kindes durch das Suchen nach einer – bereits erlebten und nun erinnerten – Lust bestimmt wird. (...) Die erste und lebenswichtigste Tätigkeit des Kindes, das Saugen an der Mutterbrust (oder an ihren Surrogaten), muß es bereits mit dieser Lust vertraut gemacht haben. Wir würden sagen, die Lippen des Kindes haben sich benommen wie eine *erogene Zone*, und die Reizung durch den warmen Milchstrom war wohl die Ursache der Lustempfindung. Anfangs war wohl die Befriedigung der erogenen Zone mit der Befriedigung des Nahrungsbedürfnisses vergesellschaftet. Die

Ao contrário do mamar, o sugar não tem mais por meta a satisfação nutricional, tampouco toma por objeto o seio. Uma parte dos próprios lábios, os dedos ou a própria pele podem ser tomados como objeto sobre o qual se exercerá a função de sucção. A pulsão sexual, neste estágio, não está dirigida a um objeto, mas se satisfaz na sucção em geral do próprio corpo da criança, sem a necessidade de uma representação unificada dele: ela é auto-erótica. No início da vida, a satisfação pode ser obtida sem um objeto da pulsão sexual, pois esta “ainda não conhece nenhum objeto sexual”²⁵. Isto não quer dizer que, num estado primitivo, ela seja anobjetal, mas que se satisfaz por apoio na pulsão de autoconservação. O auto-erotismo surge quando a pulsão sexual se separa da fome e perde o seu objeto primevo: o seio. A origem deste estado secundário está no momento em que a sexualidade se separa de seu objeto natural e real, e se entrega ao objeto fantasiado.

Deste modo, o prazer auto-erótico não é o prazer primeiro, que se encontra na sucção do seio, quando as pulsões sexual e autoconservativa ainda não podiam ser diferenciadas. O auto-erotismo é a tentativa de reencontrar o objeto da primeira satisfação, mas agora em um outro nível. A perda do objeto parcial real (o seio) e a entrada nessa etapa posterior ocorre no momento em que a criança começa a ter uma visão total do objeto. O objeto real de satisfação é assim perdido para dar lugar a um outro, fantasmático. Somente com a desidentificação das funções sexuais e autoconservativas é possível perceber que o objeto fantasmático é o da pulsão sexual.

“Quando a primeiríssima satisfação sexual estava ainda ligada com a nutrição, a pulsão sexual tinha um objeto sexual fora do próprio corpo, no seio materno. Perdeu-o somente mais tarde, talvez justamente no tempo em que foi possível à criança formar a representação total da pessoa a quem pertencia o órgão que lhe dispensava satisfação”²⁶.

Devemos notar que o objeto perdido é o da autoconservação. Entretanto, a tentativa de reencontrá-lo se dá em um outro plano, visto que ele está deslocado em relação ao

Sexualbetätigung lehnt sich zunächst an eine der zur Lebenserhaltung dienenden Funktionen an und macht sich erst später von ihr selbständig. (...) Eines fremden Objektes bedient sich das Kind zum Saugen nicht, sondern lieber einer eigenen Hautstelle, weil diese ihm bequemer ist, weil es sich so von der Außenwelt unabhängig macht, die es zu beherrschen noch nicht vermag, und weil es sich solcherart gleichsam eine zweite, wenngleich minderwertige, erogene Zone schafft“. FREUD, S. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, G.W., V, 82-83.

²⁵ „(...) kennt noch kein Sexualobjekt“. FREUD, S. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, G.W., V, 83.

²⁶ „Als die anfänglichste Sexualbefriedigung noch mit der Nahrungsaufnahme verbunden war, hatte der Sexualtrieb ein Sexualobjekt außerhalb des eigenen Körpers in der Mutterbrust. Er verlor es nur später, vielleicht gerade zur Zeit, als es dem Kinde möglich wurde, die Gesamtvorstellung der Person, welcher das ihm Befriedigung spendende Organ angehörte, zu bilden“. FREUD, S. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, G.W., V, 123.

objeto da autoconservação e lhe serve de substituto, segundo o modelo da satisfação alucinatoria. Uma vez perdido, é impossível reencontrá-lo, pois todos os objetos serão apenas seus substitutos. O movimento da boca que suga o seio será então revivido no próprio corpo, assim como a satisfação que o acompanha. Enquanto o Eu ainda não domina o acesso à motilidade, o único modo de satisfazer uma necessidade pulsional é através da alucinação: ou seja, pela regressão, os sistemas percepção/consciência são revivificados a fim de eliminar as sensações desprazerosas das excitações. Ela pressupõe que o objeto da necessidade (o seio ou o leite) já tenha sido incorporado no Eu, mas proporciona apenas uma satisfação substitutiva, não idêntica àquela que o gratificou de modo real. Incorporar um objeto é identificar-se com ele; a alucinação ativa o traço mnêmico da satisfação com o objeto real, mas produz apenas uma identidade de percepção com ele, e não a sua sensação real.

É no nível das representações fantasmáticas que o psiquismo humano deixa de ser análogo ao dos demais organismos vivos. Ele é capaz de manter seus objetos de satisfação dentro de si mesmo, no Eu, como identificações. Na fase mais primitiva do desenvolvimento, investir um objeto significa também incorporá-lo no Eu, pois todo investimento de objeto é também identificação. A criança mantém assim em seu Eu o objeto da satisfação de suas pulsões, o que permite aos influxos pulsionais do Isso se satisfazer com as representações agora presentes no Eu.

O estado de perfeição egóica: o narcisismo primário

A noção de auto-erotismo é complementada por Freud pela noção de narcisismo. Este é um investimento libidinal originário do próprio Eu, inseparável da constituição dele próprio. Uma vez que o objeto foi incorporado no Eu, ele pode, no narcisismo, encontrar-se retido na vida fantasmática egóica, para onde a libido se dirigirá. O objeto da pulsão é agora o próprio Eu, que recebe os investimentos do Isso devido à sua identificação com o seio. Chegamos assim ao seguinte problema, “insolúvel em sua simplicidade: se o Eu não está presente desde o início, o narcisismo, apesar de sua qualificação de ‘primário’, tampouco o está. Resta evidentemente saber em razão de que necessidade o narcisismo tanto quanto o Eu devem se dar a nós, miticamente, como ‘originários’”²⁷. Perguntamo-nos

²⁷ LAPLANCHE, J. Vida e morte em psicanálise, p. 77.

então em que sentido é possível pensar em um narcisismo primário, ou mesmo em um Eu primário, anteriores ao próprio “Eu”?

O narcisismo primário é um pressuposto teórico que só pode ser pensado após a separação entre o Eu e o Isso. O Eu já constituído e reinvestido pela pulsão sexual vê no estado de união com o Isso uma perfeição que deve ser reencontrada. Com a quebra da união originária, o Eu se vê mutilado de todas as qualidades que perdeu ao se diferenciar do Isso, bem como do objeto. Do ponto de vista do Eu, não foi ele que se separou da instância primeira, mas sim ela que se separou do que era um Eu originário. Este estado constitui o narcisismo primário e a perda de todas as antigas qualidades é para o Eu a sua grande ferida narcísica.

O Eu-Isso indiferenciado forma uma espécie de primeiro estado hipotético, em que o organismo formaria uma unidade fechada para o ambiente que o circunda. Neste estado, não podemos pensar em um objeto, pois é anterior a formação do próprio Eu e, portanto, do sujeito. Este estado de indiferenciação é mantido no Eu como a imagem da perfeição que um dia lhe foi possível gozar, e ao qual ele deseja retornar. Com a perda do objeto real, o retorno ao seio materno é vivido como a grande fantasia originária do Eu. A visão total do objeto chega em um momento em que o estado de indiferenciação entre Eu e Isso é quebrada. Todo o conjunto de qualidades abarcadas na união do Eu com o Isso não pode ser deixado para trás, e a posse de todas aquelas perfeições valiosas já não pode mais ser alcançada senão como lembrança nostálgica, por meio de satisfações substitutivas.

A separação entre o Eu e o Ideal do Eu (Sobre-Eu)

A diferenciação entre o Eu e o Isso é de ordem natural e inevitável. Ela não está presente apenas nos seres humanos, mas também em todo ser vivo, já que é o resultado do embate entre o mundo externo e interno. Do confronto entre estes dois mundos surge uma modificação adaptativa que regula a relação deles. No ser humano, podemos acrescentar também um outro fator biológico, mas único a ele: a dependência dos progenitores em sua prolongada infância produz identificações que levam à formação no Eu de um objeto de amor investido libidinalmente pelo Isso²⁸.

²⁸ FREUD, S. Das Ich und das Es, G.W., XIII, 262.

O apoio das pulsões sexuais nas de autoconservação determina a escolha do primeiro objeto de amor: este será, sem dúvida, a mãe. E o desejo de se unir novamente ao objeto é então expresso pelo desejo de se unir a ela. Esta é a grande fantasia do Eu, que revela a impossibilidade de abandonar o estado narcísico original. Após se diferenciar do Isso, o Eu guarda como traço mnêmico a imagem do que um dia acreditou ser: a massa indiferenciada original, que o fundia ao objeto. O Eu não pode se conformar com o abandono daquele estado, e o mantém como um ideal a ser novamente alcançado. Ele quer novamente se unir ao seu objeto de amor: a mãe. Este foi escolhido segundo o modelo do estar apoiado, e determina todas as demais escolhas futuras. Depois do investimento libidinal nele mesmo, o Eu tem na mãe o seu primeiro objeto sexual externo, e qualquer sinal de separação do objeto amado é temido por ele. O Eu quer se ligar novamente à mãe e todo obstáculo deve ser eliminado.

Durante o período de indiferenciação com o objeto, o vínculo com a mãe é de fundamental importância para a futura eleição do objeto sexual. Ou melhor, a eleição de objeto se dá também segundo o modelo do estar apoiado, já que a criança escolhe como o primeiro objeto aquela pessoa que um dia lhe proporcionou satisfação vital, e de que agora pode ter uma visão total. A imagem mnêmica de união com o objeto é perseguida pela criança e marca o caminho para a sua eleição de objeto.

A lei contra o incesto e a proibição de se unir ao objeto de amor

Chega um momento em que a criança percebe no pai um obstáculo em relação ao seu desejo sexual frente à mãe. Ele ocupa o lugar que a criança deseja ocupar, e se torna o representante da lei contra o incesto: contra a união do Eu com o seu objeto de amor. E como qualquer coisa que se oponha ao desejo da criança deve ser eliminado, nasce o desejo de assassinar o pai e substituí-lo junto à mãe. Freud denominou este processo de complexo de Édipo.

O medo (*Angst*) da separação do objeto de amor dura até que se instaure o medo de castração pelo pai, que leva o Eu a optar ou pela posse do objeto externo ou de seu próprio órgão. O temor que sobrevém na fase fálica está ligada a condições idênticas às anteriores, tais como o da separação do seio materno. Entretanto, o perigo aqui é a separação dos genitais. A posse do pênis é, para a criança, a garantia para a união com o objeto de

amor²⁹. A privação deste membro equivale a uma nova separação da mãe, ou seja, significa cair novamente em uma situação equivalente àquela das tensões desprazerosas da separação do seio, vividas anteriormente e agora revivificada sob uma nova óptica, a saber, como a possibilidade da perda do pênis.

A primeira forma de resgatar a ligação com o objeto é pela satisfação auto-erótica, ou seja, a criança recupera o objeto real – o seio – reativando um traço mnêmico deslocado para o seu próprio corpo; entretanto, o fracasso deste processo leva a criança a buscar um outro modo de ligação com o objeto: por meio do falo que a leva ao objeto externo. Deste modo, a castração representa para a criança não apenas uma perda narcísica (a impossibilidade de reencontrar o que um dia acreditou ser parte de si), mas a impossibilidade de investimento libidinal qualquer objeto amoroso.

A ameaça de castração coloca um novo problema no horizonte da criança: ou a preservação do amor de si, de seu pênis, ou a preservação do objeto de amor, a mãe. A criança opta pela primeira opção: ela abre mão do objeto amado e o reprime. O interesse pelo pênis é anterior à fase fálica, mas é somente nela que o amor pela mãe e o pênis se ligam. É por medo da perda do órgão que a criança se afasta de seu objeto de amor. Este conflito entre narcisismo-relação de objeto e o medo da castração levam à dissolução do complexo de Édipo e ao surgimento de uma terceira instância: o Sobre-Eu (*Überich*).

Esta nova instância surge com as identificações com aquele que impõe a proibição do incesto. Ao incorporá-lo em seu Eu, a instância censora já não se encontra apenas no exterior do sujeito (no pai), mas também em seu interior. A ameaça de castração é assim um perigo constante para aquele que deseja se unir ao objeto. As identificações com o pai formam um precipitado no Eu, que dele se separa para dar origem à nova instância psíquica.

*“Assim, como resultado mais universal da fase sexual governada pelo complexo de Édipo, pode-se admitir um precipitado no Eu, que consiste na renovação destas duas identificações, unificadas de alguma maneira entre si. Esta modificação do Eu mantém o seu lugar especial, colocando-se contra o outro conteúdo do Eu como Ideal do Eu ou Sobre-Eu”*³⁰.

²⁹ FREUD, S. *Inhibición, síntoma y angustia*, AE XX,131.

³⁰ *“So kann man als allgemeinstes Ergebnis der vom Ödipuskomplex beherrschten Sexualphase einen Niederschlag im Ich annehmen, welcher in der Herstellung dieser beiden, irgendwie miteinander vereinbarten Identifizierungen besteht. Diese Ich-veränderung behält ihre Sonderstellung, sie tritt dem*

Identificar-se com o pai é introjetar a lei no cerne do sujeito. O representante da lei, o pai, não estará mais fora do sujeito, mas dentro, vigiando-o a cada passo, no Sobre-Eu. A partir do momento em que a autoridade é introjetada e o Sobre-Eu solidamente constituído, já não importa mais se o ato de transgressão foi ou não cometido, se o filho uniu-se ou não com a mãe ou se o pai foi ou não eliminado; uma vez que surja o guardião interno e onisciente, a agressividade da autoridade externa continua a existir como agressividade do Sobre-Eu contra o Eu e a castração torna-se a punição para todo ato ou intenção culpável³¹.

O complexo de Édipo como o processo de separação das instâncias psíquicas

Para além da lei contra o incesto, após a dissolução do complexo de Édipo, é possível construir pactos sociais. Somente após a gênese do Sobre-Eu pode-se viver em uma comunidade, pois ele é quem garante as leis de convivência e regula as relações humanas. Entretanto, a lei contra o incesto não pode ser vista como um pacto. Ao contrário do que poderíamos imaginar, ela não se funda sobre o Sobre-Eu e não é um imperativo desta instância. No Sobre-Eu estão as leis que dela decorrem. A lei contra o incesto é a condição para que haja qualquer outra lei, bem como o Sobre-Eu.

Impedir o incesto é também essencial para a saúde mental do indivíduo, já que interdita a união fusional do sujeito com o objeto. Em *A interpretação dos sonhos*³², Freud nos diz que a instância que regula a lei (o pré-consciente), apesar de impor a repressão ao inconsciente, é vital para a psique humana, pois, permite que o processo primário seja substituído pelo secundário, a fim de impedir que o inconsciente invada a consciência por

anderen Inhalt des Ichs als Ichideal oder Übe-Ich entgegen". FREUD, S. *El Das Ich und das Es*, G.W., XIII, 262.

³¹ Devemos notar aqui que antes da introjeção da autoridade e a instauração do Sobre-Eu, o medo da punição se dirigia somente à possibilidade de ser descoberto. Neste estágio, não podemos falar de uma verdadeira consciência de culpa, pois está ainda identificada com o medo da perda do amor dos pais (que serve de objeto de amor e de proteção frente aos perigos do mundo). Em um primeiro momento, o mal é identificado com o que pode provocar a perda de amor e é preciso evitá-lo por meio do medo (de tal perda). Com a instauração do Sobre-Eu, desaparece a angústia frente a possibilidade de ser descoberto, assim como a distinção entre fazer e querer o mal. Frente ao Sobre-Eu, nada pode ser ocultado, nem sequer os pensamentos.

³² "É evidente que as moções de desejo inconscientes procuram se fazer valer também durante o dia, e o fato da transferência assim como as psicoses nos ensinam que elas queriam penetrar pelo caminho através do sistema pré-consciente até à consciência e até o domínio da motilidade. Na censura entre *Ics* e *Pcs*, que o sonho diretamente nos forçou [a supor], temos então de reconhecer e honrar o guardião de nossa saúde anímica". („Die unbewußten Wunschregungen streben offenbar auch bei Tag sich geltend zu machen, und die Tatsache der Übertragung sowie die Psychosen belehren uns, daß sie auf dem Wege durch das System des Vorbewußten zu Bewußtsein und zur Beherrschung der Motilität durchdringen möchten. In der Zensur zwischen *Ubw* und *Vbw*, deren Annahme uns der Traum geradezu aufnötigt, haben wir also den Wächter unserer geistigen Gesundheit zu erkennen und zu ehren“). FREUD, S. *Die Traumdeutung*, G.W., II/III, 573.

meio de uma regressão alucinatória e que a fronteira entre estas duas instâncias se desfaça. Para além do medo da perda do objeto, que faz com que a criança tente se ligar a este, existe o perigo da ligação fusional do Eu com o outro, mortífera para ambos (relação sujeito-objeto). O amor pelo primeiro objeto do desejo nos desperta para o mundo, no entanto, o amor que não respeita as fronteiras entre os dois diferentes mundos leva a uma ligação mortífera para o Eu; a única possibilidade de barrar o desejo de ligação com o objeto de amor da criança é a lei contra o incesto; esta é condição de existência de qualquer separação entre as instâncias psíquicas.

“Mas pela demora do amadurecimento sexual, ganhou-se tempo para erigir junto a outros impedimentos sexuais a barreira do incesto, [e] para implantar em si aquela prescrição moral que exclui expressamente da eleição de objeto, como consangüíneos, as pessoas amadas da infância”³³.

A lei contra o incesto é o primeiro regulamento imposto ao Eu que permite que ele se estabeleça e exista em uma sociedade. O Sobre-Eu, ao materializar para a criança a interdição de se ligar ao seu objeto de amor, transforma-se no oposto deste sentimento: em objeto de ódio. O pai regula e instaura a lei no interior do sujeito e é com ele que o mundo da cultura é edificado no coração do sujeito. Uma vez assegurada a lei que regula estes dois mundos, o Eu da criança está assegurado.

É a partir da lei contra o incesto que tem início o complexo de Édipo, já que é com ela que surge a proibição de se unir à mãe. Tendo isto em vista, podemos portanto ampliar o que costumeiramente entendemos pelo Édipo: este não se resume apenas à fundação do Sobre-Eu e à fase fálica, mas envolve também a fundação do Eu. O complexo de Édipo é o processo de separação das instâncias psíquicas e de autonomia do sujeito. Deste modo, a história de Édipo não pode ser tomada apenas como uma história de renúncia. Ela vai além disso: é também uma história de emancipação, da “normatização” de um agente subjetivo, que internaliza as normas que regem as relações recíprocas entre os indivíduos.

“A tarefa ética incorporada na dinâmica da relação edipiana não era apenas impor uma renúncia ao desejo do objeto, mas também criar um sistema de regulação mútua, reconhecimento e segurança entre os sujeitos desejantes. (...) O complexo de Édipo, como

³³ „Aber durch den Aufschub der sexuellen Reifung ist die Zeit gewonnen worden, neben anderen Sexualhemmnissen die Inzestschranke aufzurichten, jene moralischen Vorschriften in sich aufzunehmen, welche die geliebten Personen der Kindheit als Blutsverwandte ausdrücklich von der Objektwahl ausschließen“. FREUD, S. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, G.W., V, 126.

fábula moral referente à relação do sujeito individual com o objeto do desejo, começou a perder sua proeminência em favor de uma história em que o desejo primordial de Édipo era ser como o pai, ser reconhecido como o sujeito ou o agente das leis que regiam suas relações com o objeto, e não apenas como um “objeto” passivo a quem a lei era imposta pela força ou pela ameaça de força”³⁴.

O complexo de Édipo é o processo de gênese do indivíduo e de sua entrada na cultura. Não se reduz apenas à fundação do Sobre-Eu e da introjeção das leis, mas antes, envolve a separação de todas as instâncias psíquicas. Ao impor à criança a proibição de se unir à mãe, o Édipo é também o processo de autonomia do sujeito, que não precisará mais se satisfazer apenas com o seu objeto de amor primordial, podendo assim deslocar sua satisfação para objetos substitutivos. A questão do Édipo e o seu produto final, o Sobre-Eu, diz respeito também à possibilidade de fantasiar, sublimar, idealizar, transferir, pensar, em suma, sem este processo, não seria possível qualquer tipo de descolamento do objeto real primordial.

Para finalizar este capítulo, devemos notar que, se a instância de lei é o Sobre-Eu, e se ele não apenas dita advertências mas também proibições, a lei contra o incesto deve ser imposta pelo Sobre-Eu. Mas se esta instância é posterior ao Eu, como podemos pensar que a lei que funda o Eu parte de uma instância posterior ao próprio Eu? Como resposta a este problema, devemos pensar na totalidade indiferenciada do início da vida da criança não apenas como Eu-Isso, como foi dita anteriormente, mas sim como Eu/Isso/Sobre-Eu. Nesta totalidade, encontram-se já em germe todas as instâncias, entretanto sem podermos diferenciá-las. E neste estágio, apesar de o Sobre-Eu não ser uma instância autônoma, já podemos sentir sua presença, ao impor a lei que possibilitará a separação do Eu frente ao Isso, e dele mesmo frente ao Eu. Este, por meio das identificações com os seus objetos de amor, busca no Isso força para extrair de si o Sobre-Eu, mas para isso não faz nada mais que revigorar antigas formações do eu, contidas no próprio Isso.

“Mas, não obstante, não se pode falar de uma herança direta no *Eu*. Aqui se abre o abismo entre o indivíduo real e a concepção de espécie. Também não se pode tomar muito rigidamente a distinção entre o Eu e o Isso, nem esquecer que o Eu é uma parte do Isso particularmente diferenciada. As vivências do Eu parecem, em princípio, perder-se para a herança, mas quando se repetem com bastante frequência e intensidade em muitos indivíduos que se seguem uns aos outros, de modo genético, convertem-se, por assim dizer, em vivências do Isso, cujas impressões são preservadas por herança. De maneira que

³⁴ TOEWS, J. E. *Ter e ser: a evolução da teoria freudiana do Édipo como fábula moral*, In: ROTH, M. S. (Org.) *Freud: conflito e cultura: ensaios sobre sua vida, obra e legado*, p. 70.

o Isso hereditário aloja em si os restos de inúmeras existências-Eu, que talvez só trazem de novo à luz as figurações mais antigas do Eu, produzindo-lhes uma ressurreição”³⁵.

A elaboração da questão da indiferenciação do Eu/Isso/Sobre-Eu exige ainda o estudo da fixação nas etapas do desenvolvimento infantil, tema de nosso próximo capítulo.

³⁵ “Von einer direkten Vererbung im *Ich* kann man aber doch nicht reden. Hier tut sich die Kluft auf zwischen dem realen Individuum und dem Begriff der Art. Auch darf man den Unterschied von Ich und Es nicht zu starr nehmen, nicht vergessen, daß das Ich ein besonders differenzierter Anteil des Es ist. Die Erlebnisse des Ichs scheinen zunächst für die Erbschaft verloren zu gehen, wenn sie sich aber häufig und stark genug bei vielen generationsweise aufeinanderfolgenden Individuen wiederholen, setzen sie sich sozusagen in Erlebnisse des Es um, deren Eindrücke durch Vererbung festgehalten werden. Somit beherbergt das erbliche Es in sich die Reste ungezählt vieler Ich-Existenzen, vielleicht nur ältere Ichgestaltungen wieder zum Vorschein, schafft ihnen eine Auferstehung”. FREUD, S. Das Ich und das Es, G.W., XIII, 267.

CAPÍTULO 3: A VIVÊNCIA INFANTIL E A PRÉ-DISPOSIÇÃO À NEUROSE

*Macbeth: Não podes tratar um espírito adoentado,
Extirpar da memória um pesar enraizado,
Apagar os tormentos gravados no cérebro,
E graças a algum bom antídoto de esquecimento
Livrar o peito oprimido do fardo fatal
Que pesa sobre o coração?
Doutor: Neste caso, o paciente deve tratar-se a si mesmo.¹*

Ao elaborar a teoria da sedução, entre 1895-1896, Freud não pretendia construir um esquema que explicasse as constatações clínicas da frequência da sedução infantil por um adulto, nem propor uma hipótese que ocupasse um lugar de destaque na série de eventos traumáticos. Pelo contrário, como nos mostra Laplanche e Pontalis, tratava-se de fundar “o lugar que ele descobriu entre a sexualidade, o traumatismo e a defesa”². O ponto de intersecção entre estes três termos é a cena de sedução sexual infantil.

Embora Freud já tivesse desenvolvido uma noção de sexualidade, como nos mostram, por exemplo, os textos *A hereditariedade e a etiologia das neuroses*, *A etiologia da histeria* e *Observações adicionais sobre as neuroses de defesa* (todos de 1896), ele ainda a limitava à puberdade e à idade adulta. Se nesta época Freud fala de sexualidade, ela não deve ser entendida como uma atividade espontânea da criança, mas como algo imposto por um elemento externo: o adulto. A criança, antes do evento de sedução, “não tem a sua disposição nem as condições somáticas de excitação, nem as representações para integrar o evento”³. Deste modo, a sedução infantil não é, por si mesma, capaz de originar a doença psíquica, e se a qualificamos de traumática, não é senão em relação a um evento posterior.

Temos assim a decomposição do trauma em duas etapas: uma na infância, em que a sexualidade irrompe por motivos externos, sem ter por consequência uma reação defensiva

¹ SHAKESPEARE, *Macbeth*, Ato V, cena III, 39-46. “Macbeth: Canst thou not minister to a mind diseasid./ Pluck from the memory a rooted sorrow./ Raze out the written troubles of the brain./ And with some sweet oblivious antidote/ Cleanse the stuff'd bosom of that perilous stuff/ wich weighs upon the hearts?/ Doctor: Therein the patient/ Must minister to himself”.

² « Le lien qu'il a découvert entre la sexualité, le traumatisme et la défense ». LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.-B. *Fantasme originaire, fantasme des origines, origines du fantasme*, p. 29.

³ « [l'enfant] n'a à sa disposition ni les conditions somatiques de l'excitation, ni les représentations pour intégrer l'événement ». LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.-B. *Fantasme originaire, fantasme des origines, origines du fantasme*, p. 31.

do Eu; e uma outra na idade adulta, muitas vezes menos violenta que a anterior, mas que tem a importância de evocar, por meio de traços associativos, o evento primeiro. No adulto, a cena infantil retorna com uma força patológica, pois tem agora, por causa da educação moral, um significado desprazeroso para o Eu e desperta a sua defesa. A recordação é recalcada e deixa em seu lugar a patologia.

Pouco tempo após elaborar a sua teoria da sedução, Freud percebe que os relatos de seus pacientes não tinham base em eventos reais, mas fantasiados. Escreve então, em 1897: “no inconsciente, não há indicações da realidade, de modo que não se consegue distinguir entre verdade e ficção que é catexizada como afeto”⁴. A cena de sedução da criança não é mais vista como algo que realmente aconteceu, mas como uma fantasia produzida por uma atividade espontânea da sexualidade infantil, que serve para encobrir a atividade auto-erótica dos primeiros anos da criança. Por trás destas fantasias, descobre-se uma vida sexual infantil em plena força.

A reformulação do conceito de sexualidade

A constatação de que o relato de seus pacientes não correspondia à realidade dos fatos leva Freud ao exame da fantasia e à consideração de sua importância para o surgimento da enfermidade. Mas antes de elaborar o conceito de fantasia, ele deve passar necessariamente pela reformulação do de sexualidade. Como nos mostra no início dos *Três ensaios sobre teoria sexual*, é por oposição à aceção comum de sexualidade que Freud começa a reelaborar este conceito:

“A opinião popular tem representações bem determinadas acerca da natureza e das propriedades desta pulsão sexual. Deve faltar na infância, aparecer com o tempo da puberdade e em conexão com o processo de maturação, exteriorizar-se nas aparições de atração irresistível que um sexo exerce sobre o outro, e seu fim deve ser a união sexual ou ao menos tais ações que estão neste caminho”⁵.

⁴ FREUD, S. Carta 69, datada de Viena, 21 de setembro de 1897, ESB, I, 279. Três outros motivos que levaram Freud a abandonar a teoria da sedução real da criança foram enumerados nesta carta, já mencionada em nossa introdução.

⁵ “Die populäre Meinung macht sich ganz bestimmte Vorstellungen von der Natur und den Eigenschaften dieses Geschlechtstriebes. Er soll der Kindheit fehlen, sich um die Zeit und im Zusammenhang mit dem Reifungsvorgang der Pubertät einstellen, sich in den Erscheinungen unwiderstehlicher Anziehung äußern, die das eine Geschlecht auf das andere ausübt, und sein Ziel soll die geschlechtliche Vereinigung sein oder wenigstens solche Handlungen, welche auf dem Wege zu dieser liegen”. FREUD, S. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, G.W., V, 33.

A sexualidade, entendida dessa maneira, seria algo latente que tomaria expressão na puberdade de modo já pronto. Seria, além disso, heterossexual, já que teria como objeto a pessoa do sexo oposto e estaria orientada para um único fim: a reprodução. O primeiro dos *Três ensaios* é dedicado à desmontagem da opinião popular, mas não somente: conforme avançamos em sua leitura, vemos que autores como Krafft-Ebbing, Havelock Ellis, entre outros, são aos poucos introduzidos na discussão. Seria incorreto então pensar que Freud pretende por abaixo apenas aquela opinião; o que está também na mira de sua desconstrução é a concepção de sexualidade montada pela biologia e pela psiquiatria de sua época. O que ele pretende é dar um golpe fatal na noção de sexualidade cuidadosamente construída pela ciência do século XIX: uma disposição inata, organizada sob um propósito biológico determinado (a reprodução, e portanto, heterossexual e genital) e que irromperia em uma época apropriada (a puberdade). Tudo o que fugisse a tal disposição estaria “relegado ao campo do *negativo* (sexualidade infantil e senil) ou do *desvio* (homossexualismo, perversão)”⁶.

Após a lenta desconstrução do conceito de sexualidade, ainda no primeiro ensaio, segue-se a sua reconstrução. No segundo ensaio, Freud nos mostra como a sexualidade, inicialmente apoiada na função biológica, desliga-se desta e se constitui paralelamente a ela, como um desvio. Como vimos, ao se desvincular da função autoconservativa, a sexualidade começa a operar em um outro nível, paralelo e autônomo àquele. O que vemos é uma sexualidade que surge espontaneamente na criança, ao lado de uma função autoconservativa, como uma atividade endógena que pode brotar em qualquer parte do corpo, em especial nas zonas erógenas, e que, por meio de um acúmulo de estímulos, exerce pressão no psiquismo e lá ganha representação. Ao fim da análise do percurso pulsional, Freud nos apresenta o seu resultado:

“No sugar ou no mamar deleitoso podemos já observar as três características essenciais de uma exteriorização sexual infantil. Esta nasce *apoiando-se* em uma das funções corporais importantes para a vida, não conhece ainda nenhum objeto sexual, é *auto-erótica*, e sua meta sexual está sob o domínio de uma *zona erógena*. Antecipamos que estas características valem também para a maioria das outras manifestações da pulsão sexual infantil”⁷.

⁶ MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*, p. 29.

⁷ “Am Lutschen oder Wonneseugen haben wir bereits die drei wesentlichen Charaktere einer infantilen Sexualäußerung bemerken können. Dieselbe entsteht in *Anlehnung* an eine der lebenswichtigen Körperfunktionen, sie kennt noch kein Sexualobjekt, ist *autoerotisch*, und ihr Sexualziel steht unter der Herrschaft einer *erogenen Zone*. Nehmen wir vorweg, daß diese Charaktere auch für die meisten anderen

À desmontagem do conceito de sexualidade se segue uma reedificação, até então inédita: Freud não apenas recua a atividade sexual à mais remota infância, mas também a descentraliza de um ponto corporal fixo: os genitais. A sexualidade infantil “é esse estado livre e selvagem onde as mais diferentes pulsões, as diferentes zonas erógenas ativam-se e desenvolvem-se, num primeiro instante absolutamente independente umas das outras. Verdadeiras ilhas de prazer, essas diferentes pulsões, alojando-se em certas zonas, trazem para a criança um fluxo constante de prazer. Quando se pensa na sexualidade tal qual a pensava a psiquiatria clássica, não se pode deixar de ficar espantado. O mérito de Freud não foi somente o de falar de sexualidade infantil, o de ter realizado um *recuo temporal* (mostrando que a sexualidade já estava presente antes do que se pensava). De fato, esse recuo foi acompanhado de uma espécie de “estilhaçamento” da sexualidade. Desvinculando sexualidade, por um lado, de genitalidade e, por outro, de um modelo comportamental pré-formado (instinto), Freud operou uma reconstrução absolutamente inédita na semântica da sexualidade. A *significação* do termo sexual não só se alarga mas, definitivamente, ultrapassa o conceito clássico”⁸.

O relato analítico e a construção da sexualidade infantil

Se o que se segue à teoria da sedução é uma revisão do conceito de sexualidade, devemos notar que as formulações acerca do desenvolvimento libidinal infantil, expostas no segundo dos *Três Ensaio*s, colocam-se em um nível teórico, que satisfaz a experiência clínica. A sexualidade infantil, de tão grande importância à articulação da teoria freudiana foi construída durante o processo de análise, mediante o relato das recordações dos pacientes. Mais especificamente, “pela análise dos sintomas chegamos ao conhecimento dos acontecimentos infantis”⁹, ou ainda: os processos inconscientes mais antigos, provenientes de uma fase do desenvolvimento em que eram o único tipo de processo anímico existente, são trazidos à luz pela análise. Ao edificar sua teoria do desenvolvimento infantil, Freud não visava, com suas “construções” (*Konstruktionen*) senão um fim: tornar possível a formulação de uma etiologia das psiconeuroses.

“Mas as fases do desenvolvimento sexual, ou como preferimos dizer, do desenvolvimento da libido, mais interessantes para a teoria se situam atrás desse ponto temporal [do terceiro ano de vida]. Este desenvolvimento é percorrido tão depressa que a observação direta provavelmente nunca teria êxito em agarrar suas imagens fugitivas.

Betätigungen der infantilen Sexualtriebe gelten”. FREUD, S. *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, G.W., V, 83.

⁸ MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*, p. 31.

⁹ “(...) durch die Analyse von den Symptomen aus kommen wir zur Kenntnis der infantilen Erlebnisse”. FREUD, S. *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, G.W., XI, 381.

Somente com a ajuda da investigação psicanalítica das neuroses foi possível descobrir fases do desenvolvimento da libido ainda mais distantes. Certamente, não são de outro modo senão construções, mas se vocês manejam a psicanálise na prática, descobrirão que são construções necessárias e úteis”¹⁰.

Como os relatos dos neuróticos possibilitam retrair a história do desenvolvimento infantil e como este desenvolvimento nos ajuda a entender a origem das neuroses? Corresponderiam eles à realidade¹¹? Uma solução possível para esses problemas é apontada por Freud em *Conferências para a Introdução à Psicanálise*:

“Senhoras e senhores! Ouvimos que a função da libido passa por um extenso desenvolvimento até que ela possa se por a serviço da reprodução no modo chamado normal. (...) Creio que nos achamos em acordo com as doutrinas da patologia geral, se admitimos que um tal desenvolvimento traz consigo dois perigos: primeiro, o da *inibição* e, segundo, o da *regressão*. Quer dizer que, pela tendência geral dos acontecimentos biológicos à variação, terá de suceder que nem todas as fases preparatórias corram igualmente bem e sejam completamente vencidas; partes da função ficariam retidas permanentemente nesses degraus primeiros, e uma certa medida de inibição do desenvolvimento seria misturada ao quadro total do desenvolvimento”¹².

Os processos de inibição (*Hemmung*) e regressão (*Regression*) possibilitam a construção dos relatos fantasiados dos neuróticos e nos auxiliam tanto a retrair a história do desenvolvimento infantil, como a encontrar lá, naquele período esquecido, a pré-disposição à psicopatologia. Vejamos tais conceitos mais de perto.

¹⁰ “Aber die für die Theorie interessantesten Phasen der Sexual-, oder wie wir sagen wollen, der Libidoentwicklung, liegen hinter diesem Zeitpunkt. Diese Entwicklung wird so rasch durchlaufen, daß es der direkten Beobachtung wahrscheinlich niemals gelingen wäre, ihre flüchtigen Bilder festzuhalten. Erst mit Hilfe der psychoanalytischen Durchforschung der Neurosen ist es möglich geworden, noch weiter zurückliegende Phasen der Libidoentwicklung zu erraten. Es sind dies gewiß nichts anderes als Konstruktionen, aber wenn Sie die Psychoanalyse praktisch betreiben, werden Sie finden, daß es notwendige und nutzbringende Konstruktionen sind“. FREUD, S. Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, G.W., XI, 338.

¹¹ Retornaremos à questão da realidade dos relatos analíticos no fim deste capítulo.

¹² “Meine Damen und Herren! Wir haben gehört, daß die Libidofunktion eine weitläufige Entwicklung durchmacht, bis sie in der normal genannten Weise in den Dienst der Fortpflanzung treten kann. (...) Ich glaube, wir befinden uns im Einklang mit den Lehren der allgemeinen Pathologie, wenn wir annehmen, daß eine solche Entwicklung zweierlei Gefahren mit sich bringt, erstens die der *Hemmung* und zweitens die der *Regression*. Das heißt, bei der allgemeinen Neigung biologischer Vorgänge zur Variation wird es sich ereignen müssen, daß nicht alle vorbereitenden Phasen gleich gut durchlaufen und vollständig überwunden werden; Anteile der Funktion werden dauernd auf diesen frühen Stufen zurückgehalten werden, und dem Gesamtbild der Entwicklung wird ein gewisses Maß von Entwicklungshemmung beigemischt sein“. FREUD, S. Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, G.W., XI, 351.

Os obstáculos ao desenvolvimento da libido

As pulsões sexuais parciais percorrem um longo caminho até se subordinarem a uma só zona erógena: a genital. Como vimos no capítulo anterior, a função libidinal bem como as funções do eu não emergem na criança de modo acabado, mas passam por uma série de fases distintas. Trata-se de um desenvolvimento que procede por etapas, retomadas várias vezes até chegar ao estado que caracteriza o adulto normal. Entretanto, o desenrolar de um tal processo progressivo não está livre de problemas: há sempre a possibilidade de inibições e regressões.

A Inibição

Quanto às inibições, Freud as classifica em dois tipos: a fixação (*Fixierung*) e a frustração (*Versagung*). Diz ele: “Na etiologia das neuroses, a fixação da libido representa o fator predisponente, interno, e a frustração, o acidental, externo”¹³.

Em um sentido mais abrangente, a fixação pode ser compreendida como uma inscrição de traços (de representações externas ou de representante-representacionais¹⁴ da pulsão) nas séries de sistemas mnêmicos, que podem ser traduzidos de um sistema psíquico para outro¹⁵. Por outro lado, correlata a esta noção de fixação nos sistemas de memória, encontramos a noção da fixação da excitação psíquica – libido – a representações, tipos de objetos, estágios do desenvolvimento, etc. Em *A repressão*, Freud nos explica como a pulsão elege certas representações e a elas se liga indissolúvelmente:

“Temos então fundamento para admitir uma *repressão primordial*, uma primeira fase da repressão que consiste em que o representante-representacional psíquico da pulsão é recusado à recepção no consciente. Com isto, produz-se uma *fixação*; o representante em

¹³ “(...) die Libidofixierung den disponierenden, internen, die Versagung den akzidentellen, externen Faktor der Neurosenätiologie repräsentiert“. FREUD, S. Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, G.W., XI, 359.

¹⁴ *Vorstellungsrepräsentanz*

¹⁵ “Detalhando mais a fundo, admite-se a necessidade de supor não um, mas vários desses elementos *Mn*, nos quais a mesma excitação propagada pelos elementos *P* sofre uma fixação heterogênea” (“Bei näherem Eingehen ergibt sich die Notwendigkeit, nicht eines, sondern mehrere solcher *Er*-Elemente anzunehmen, in denen dieselbe, durch die *W*-Elemente fortgepflanzte Erregung eine verschiedenartige Fixierung erfährt”). FREUD, S. Die Traumdeutung, G.W., II/III, 544.

questão persiste imutável e a pulsão segue ligada a ele. Isto acontece em consequência das qualidades dos acontecimentos inconscientes, discutidos ulteriormente”¹⁶.

Se a repressão primária é a origem das primeiras formações inconscientes, não podemos explicar este processo por um investimento da parte do inconsciente. É provável que tal processo provenha do Sobre-Eu ainda não diferenciado das outras instâncias e que se forma após a repressão primária. Esta repressão é a reação que se opõe a um primeiro investimento do Isso, do qual o contra-investimento seria o único mecanismo capaz de tal tarefa, e deve ser encontrado nas experiências arcaicas de contenção das grandes quantidades de excitação.

“É de todo plausível que os momentos quantitativos como uma força muito grande de excitação e a ruptura da proteção contra estímulos sejam as primeiras ocasiões onde se produzem as repressões originárias”¹⁷.

Os pontos de fixação permanecem então submetidos ao modo de funcionamento inconsciente, alheios ao exame de realidade e atrasados em relação ao resto do desenvolvimento que continua a avançar até a sua meta última: a união das pulsões parciais sob o primado dos genitais. A fixação não se restringe apenas a certas representações enviadas ao inconsciente, mas também a uma meta ou objeto da pulsão parcial, bem como a toda a estrutura da atividade característica de uma fase (seja ela oral, anal ou fálica), produzindo um caráter.

Devemos levar em conta que as moções pulsionais de caráter sexual são extraordinariamente plásticas. Uma moção pode ser substituída por outra, e mesmo quando a satisfação pela realidade lhe é negada, pode tomar para si a intensidade de outras e adquirir ressarcimento pleno da satisfação frustrada. Comportam-se como “uma rede de canais comunicantes”¹⁸, mesmo quando as pulsões parciais já se encontram sob o primado dos genitais. Além disso, essas pulsões parciais têm grande capacidade de substituir seus

¹⁶ „Wir haben also Grund, eine *Urverdrängung* anzunehmen, eine erste Phase der Verdrängung, die darin besteht, daß der psychischen (Vorstellungs-) Repräsentanz des Triebes die Übernahme ins Bewußte versagt wird. Mit dieser ist eine *Fixierung* gegeben; die betreffende Repräsentanz bleibt von da an unveränderlich bestehen und der Trieb an sie gebunden. Dies geschieht infolge der später zu besprechenden Eigenschaften unbewußter Vorgänge“. FREUD, S. *Die Verdrängung*, G.W., X, 250.

¹⁷ „Es ist durchaus plausibel, daß quantitative Momente, wie die übergroße Stärke der Erregung und der Durchbruch des Reizschutzes, die nächsten Anlässe der *Urverdrängungen* sind“. FREUD, S. *Hemmung, Symptom und Angst*, G.W., XIV, 121.

¹⁸ “ein Netz von kommunizierenden (...) Kanälen”. FREUD, S. *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, G.W., XI, 358.

objetos de satisfação, ou seja, podem tomar um objeto que originariamente não lhes traria satisfação para tal fim.

O comportamento livre da pulsão sexual, perverso-polimorfo, como define Freud nos *Três Ensaio*s, dura até que se cristalizem os pontos de desenvolvimento incompletos. Estes pontos de fixação provocam uma diminuição da plasticidade das moções sexuais e conseqüentemente a incapacidade de satisfação pela via real. Ao lado da fixação, que age como fator interno, encontramos assim o segundo fator de inibição: a frustração na realidade. Esta age como uma barreira provinda de fora ao rebaixamento das quantidades de excitação da pulsão sexual¹⁹.

A impossibilidade de satisfação libidinal que engendra as enfermidades psíquicas não pode ser atribuída unicamente à fixação ou à frustração. Ambos os fatores, a constituição sexual e a vivência, agem em conjunto, de tal modo que quando uma aumenta a outra diminui. Ou seja, quando a fixação libidinal é muito extensa, a doença psíquica pode aparecer após uma pequena vivência de frustração, e vice-versa. A essa atuação conjunta, Freud denominou “séries complementares” (*Ergänzungsreihen*)²⁰.

É pela ação conjunta da fixação-frustração que a libido se prende a certos pontos do desenvolvimento. As condições da fixação libidinal não dependem exclusivamente de fatores constitucionais, como a tenacidade com que a libido adere a determinadas orientações e objetos, sua “viscosidade”²¹ (*Klebrigkeit*), que teme abandonar a antiga posição libidinal e não encontrar um substituto pleno para a satisfação²². Elas dependem também de fatores históricos (acidentais) da vivência do indivíduo e das frustrações impostas pela realidade à pulsão sexual.

A regressão

O segundo perigo para um desenvolvimento longo, que procede por etapas, consiste em que partes das que avançaram podem reverter o seu sentido, em um movimento retrógrado, até etapas já há muito ultrapassadas. Freud chama este processo de regressão

¹⁹ Devemos notar que, como nos mostra Freud em *Neurose e Psicose*, a frustração vem sempre, em última análise, de fora, mesmo se ela parte do Sobre-Eu, que é a instância interna “encarregada da representação das exigências da realidade (die Vertretung der Realitätsforderung übernommen hat)”. FREUD, S. *Neurose und psychose*, G.W., XIII, 390.

²⁰ FREUD, S. *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, G.W., XI, 360.

²¹ FREUD, S. *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, G.W., XI, 360.

²² FREUD, S. *Aus der Geschichte einer infantilen Neurose*, G.W., XII, 151.

(Regression). Em *A Interpretação dos sonhos*, para dar conta do caráter alucinatório do sonho²³, Freud distingue três aparições deste conceito:

“Diferenciamos então um triplo modo de regressão: a) uma *tópica*, no sentido do esquema desenvolvido aqui do sistema-Ψ; b) uma *temporal*, na medida em que se trata de uma retomada das mais antigas formações psíquicas; e c) uma *formal*, quando modos de expressão e apresentação primitivos fazem as vezes dos habituais. Mas todos os três modos de regressão são no fundo um [só] e coincidem na maioria dos casos, pois, o mais antigo no tempo é simultaneamente o primitivo formal e o mais próximo da extremidade da percepção na tópica psíquica”²⁴.

Vimos em nosso primeiro capítulo que Freud propõe a existência de duas extremidades no aparelho psíquico: o sistema perceptivo, que recebe os estímulos internos e externos e os envia ao sistema mnêmico; e o sistema motor, responsável por conduzir o acúmulo de estímulos do interior do aparelho psíquico ao seu exterior. A estimulação segue então o seguinte caminho: entra no aparelho psíquico pelo sistema perceptivo, passa pelo sistema mnêmico e sai do aparelho psíquico pelo sistema motor. Freud deu a este funcionamento o nome de sentido progressivo.

Entretanto, quando as frustrações da realidade impedem que o acúmulo de excitação seja descarregado pelo sistema motor, tornando-o excessivamente alto, o aparelho psíquico assume o sentido inverso: regressivo. A regressão é assim fruto de uma inibição que impede a realização da satisfação por meio da via normal, isto é, progressiva. Na tentativa de drenar esse acúmulo, os traços mnêmicos perceptivos são reinvestidos e todo um conjunto de representações e afetos é posto novamente em estado de excitação. Neste momento, há uma inversão no sentido do funcionamento ordinário do aparelho psíquico: do sistema motor, passando pelo sistema mnêmico, chega-se ao sistema perceptivo.

O funcionamento regressivo faz com que o aparelho psíquico volte a funcionar de um modo arcaico, o que trás uma série de conseqüências para o funcionamento dos diferentes sistemas: do pré-consciente/consciente, regride-se para o inconsciente (regressão tópica), passa-se do processo secundário e da identidade de pensamento ao processo primário e à identidade de percepção (regressão formal), e retoma-se os objetos abandonados, os estados arcaicos da libido e as antigas etapas da evolução do Eu (regressão temporal).

²³ Para Freud, os pensamentos oníricos se apresentam sob a forma de imagens sensoriais, impostas à pessoa que sonha de modo alucinatório. Esta explicação, segundo Laplanche e Pontalis, exige uma concepção tópica do aparelho psíquico, formado de uma sucessão orientada de sistemas, que durante o estado de vigília, assume um sentido progressivo (da percepção à motilidade), e no estado de sono, um sentido regressivo, até atingir a percepção. LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.-B., *Vocabulaire de la psychanalyse*, p. 400.

²⁴ „Wir unterscheiden dann eine dreifache Art der Regression: a) eine *topische* im Sinne des hier entwickelten Schemas der Ψ-Systeme, b) eine *zeitliche*, insofern es sich um ein Rückgreifen auf ältere psychische Bildungen handelt, und c) eine *formale*, wenn primitive Ausdrucks- und Darstellungsweisen die gewohnten ersetzen. Alle drei Arten von Regression sind aber im Grunde eines und treffen in den meisten Fällen zusammen, denn das zeitlich ältere ist zugleich das formal primitive und in der psychischen Topik dem Wahrnehmungsende näher“. FREUD, S. *Die Traumdeutung*, G.W., II/III, 554.

Sabemos que Freud denomina desejo a corrente que se produz no aparelho psíquico e que o leva do desprazer ao prazer. Em *A interpretação do sonho*, Freud nos mostra que somente o desejo é capaz de pôr em movimento o aparelho psíquico de modo automático, segundo o princípio de prazer. Assim, se o sentido regressivo abre caminho contra a corrente progressiva, e se é vencida a barreira erguida contra a regressão pelo nascimento da consciência e pela passagem do processo primário ao secundário, isto acontece de modo automático e segue a corrente do desejo. A mudança das “condições mecânicas”²⁵ do aparelho psíquico permite a drenagem do acúmulo de excitação para vias secundárias de satisfação e para objetos anteriores. A excitação não se dirige então para a motilidade, como dissemos, mas retorna ao sistema mnêmico, onde se encontram os múltiplos pontos de fixação. As fixações permitem uma escapatória no sentido regressivo, ou seja, permitem que a libido retorne a modos de satisfação primários e a um modo de funcionamento anterior (tópico, temporal e formal). E se o sentido regressivo dos investimentos libidinais satisfaz o acúmulo de excitação, por outro lado, reinveste objetos e modos de funcionamento de fases já abandonadas pelo Eu, que podem, sob certas condições, entrar em conflito com ele.

Mas por que o retorno das quantidades de investimento privilegia certos pontos, e não outros? Para que uma antiga etapa do desenvolvimento infantil seja abandonada e sobrevenha uma outra, é preciso que tanto os objetos parciais da fase anterior, como a estrutura de sua atividade, sejam deixados para trás. A esse processo Freud denominou, como vimos, repressão primária. Enviados para o inconsciente, o Eu adota uma conduta de repulsa frente aos objetos e estruturas reprimidos. Contudo, as antigas orientações da libido e seus objetos de satisfação não foram completamente abandonados: permanecem no inconsciente, submetidos aos seus processos. Lá, os pontos estagnados da via do desenvolvimento mantêm imóveis determinados montantes de energia libidinal. Formam então representações-meta, por onde uma certa quantidade de excitação se desloca ao longo de vias selecionadas associativamente por elas.

As fixações deixadas no percurso do desenvolvimento libidinal permitem uma escapatória para o acúmulo de excitação, reativadas pela regressão: objetos de natureza incestuosa são novamente investidos, ou mesmo toda uma organização libidinal já

²⁵ FREUD, S. *Die Traumdeutung*, G.W., II/III, 589.

superada, sobre os quais já incidiu a repressão. Como nos diz Freud, em *Conferências para a Introdução à Psicanálise*:

“A libido é como cortada e tem de tentar escapar para algum lugar, onde ela acha, pela exigência do princípio de prazer, um escoamento para seu investimento de energia. Ela tem de se retirar do Eu. No entanto, as fixações na via do desenvolvimento lhe permitem uma tal fuga, recorrida agora regressivamente, contra a qual o Eu, por sua vez, havia se protegido pelas repressões. Posto que o refluxo da libido reinveste estas posições reprimidas, ela se retirou do Eu e de suas leis. Não obstante, renuncia também a toda a educação adquirida sob a influência desse Eu”²⁶.

A regressão se liga estreitamente à fixação e à frustração. Ao se deparar com as frustrações impostas pelas exigências da realidade, a libido insatisfeita é atraída para os pontos de desenvolvimento incompletos. A fixação da libido a determinados pontos do desenvolvimento infantil prepara as posições sobre as quais atua a regressão. A realização de um desejo pela via regressiva busca nas antigas vivências de satisfação uma escapatória para o acúmulo de excitação libidinal que não pode ser satisfeito na realidade. Nosso primeiro desejo consiste em um investimento alucinatório dos traços mnêmicos de satisfação. Este mecanismo, submetido ao princípio de prazer e ao processo primário, busca a identidade de percepção entre o traço mnêmico da satisfação e o do objeto que outrora a possibilitou. Após o advento do processo secundário, o caráter regressivo da marcha do psíquico não domina mais a sua direção; ele (o caráter regressivo) se conserva nas produções das fantasias e na formação das alucinações (que regridem até alcançar o sistema perceptivo)²⁷.

Devemos notar que a idéia de um evento posterior, traumático, que se remete a um evento primeiro, não é uma idéia nova na teoria freudiana. Como sabemos, esta noção dos dois tempos do trauma foi exposta na teoria da sedução, e é mantida na teoria psicanalítica por meio dos conceitos de fixação, frustração e regressão. Após 1897, ano em que Freud se dá conta do papel da fantasia na formação da patologia, também temos um primeiro tempo do trauma, que marca o desenvolvimento infantil sob a forma de uma fixação e que será evocada, retroativamente, tão logo a libido depare com as inibições impostas pelas exigências da realidade. A reformulação do conceito de sexualidade e a idéia de um

²⁶ “Die Libido ist wie abgeschnitten und muß versuchen irgendwohin auszuweichen, wo sie nach der Forderung des Lustprinzips einen Abfluß für ihre Energiebesetzung findet. Sie muß sich dem Ich entziehen. Ein solches Ausweichen gestatten ihr aber die Fixierungen auf ihrem jetzt regressiv beschrifteten Entwicklungsweg, gegen welche sich das Ich seinerzeit durch Verdrängungen geschützt hatte. Indem die Libido rückströmend diese verdrängten Positionen besetzt, hat sie sich dem Ich und seinen Gesetzen entzogen, dabei aber auch auf alle unter dem Einfluß dieses Ichs erworbene Erziehung verzichtet”. FREUD, *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, G.W., XI, 373-374.

²⁷ O mecanismo regressivo pode também ser encontrado em outras situações: nas recordações deliberadas e na formação dos sonhos.

desenvolvimento sexual infantil não rompem completamente com a antiga teoria da sedução, pois se duas eram as idéias sustentadas nesta teoria (os dois tempos do trauma e a hipótese da sedução real da criança), vemos aqui que pelo menos uma delas é mantida; o que desaparece, até agora, é a idéia da cena primordial real.

As fantasias entre o normal e o patológico

Sabemos que o prazer é alcançado por um processo indireto: ele é o resultado do rebaixamento ou extinção do acúmulo de estímulos no psiquismo. As pulsões de autoconservação e as sexuais não se comportam da mesma maneira frente às exigências da realidade e estas se destacam daquelas de modo significativo. Quanto as primeiras, são mais facilmente submetidas à influência da realidade, já que podem procurar somente lá os objetos que as satisfazem. Uma vez que delas depende a sobrevivência do indivíduo, para que ele não sucumba, o Eu aprende cedo a substituir o princípio de prazer pelo de realidade. Por outro lado, as pulsões sexuais se comportam inicialmente de modo auto-erótico, e encontram sua satisfação no próprio corpo. Por isso, não chegam tão logo a conhecer a situação de recusa que obrigou a instauração do princípio de realidade às pulsões de autoconservação. Isso permite que a pulsão sexual permaneça muito mais tempo sob o domínio do princípio de prazer e que, do começo ao fim do seu desenvolvimento, trabalhem para o ganho do prazer e conservem intacta sua formação originária.

A substituição do princípio de prazer pelo de realidade é uma das transformações mais importantes para o desenvolvimento do Eu, que o faz renunciar à satisfação imediata, renunciar por completo a certos modos primitivos de satisfação e buscar um prazer assegurado pela realidade. Nesse processo, tem que abandonar de maneira transitória ou permanente os diversos objetos e metas de sua aspiração de prazer (não só sexual). Entretanto, sempre é difícil renunciar ao prazer, e se o Eu o faz, não o leva a cabo sem algum tipo de ressarcimento. Por isso, graças aos pontos de fixação da libido, reservou-se no psiquismo uma atividade da alma em que se concede uma sobrevivência a todas as fontes de prazer abandonadas, bem como um ganho de prazer para elas. Emancipam-se assim das exigências reais e sobrevivem à parte do que chamamos exame de realidade. A esse modo de existência, Freud denominou fantasia. Diz ele:

“Na atividade da fantasia, o homem goza assim da liberdade da mais ampla coerção exterior, que há muito renunciou na realidade. (...) Uma tal conservação, subtraída do princípio de realidade, é também o reino anímico da fantasia”²⁸.

²⁸ “In der Phantasietätigkeit genießt also der Mensch die Freiheit vom äußeren Zwang weiter, auf die er in Wirklichkeit längst verzichtet hat. (...) Eine solche dem Realitätsprinzip entzogene Schonung ist auch das

Como resultado do auto-erotismo inicial ao desenvolvimento, estabelece-se uma relação estreita entre, por um lado, o princípio de prazer, as pulsões sexuais e as atividades da fantasia e, por outro, entre o princípio de realidade, as pulsões de autoconservação e as atividades da consciência. A persistência do auto-erotismo torna possível que a satisfação instantânea e fantasiada relativa ao objeto sexual seja mantida por mais tempo, em lugar de uma satisfação real, que exige esforços e adiamentos.

Em *Conferências para a Introdução à Psicanálise*, Freud compara o mundo da fantasia às reservas naturais que o mundo civilizado cria para preservar o antigo estado que a necessidade objetiva sacrificou em favor da subsistência humana. Estas reservas, tornadas independentes do princípio de realidade, revelam-nos aquilo que, no princípio, era o único mundo do sujeito, submetido ao princípio de prazer.

As fantasias muitas vezes alcançam o Eu consciente e, apesar de conterem conteúdos já abandonados por ele, desfrutam de uma certa tolerância. Por mais que existam oposições entre estes dois diferentes mundos, isto não tem necessariamente como consequência um conflito com a parte consciente do Eu. Mas esta condição está subordinada a uma outra, a saber: à quantidade de investimento libidinal que se dirige às fantasias. Isto porque, quando o investimento energético ultrapassa um certo limiar, as fantasias se orientam rumo à sua realização na realidade, contrariando os ideais do Eu.

“Certamente vocês observaram que introduzi nas últimas discussões um novo fator na articulação dos encadeamentos etiológicos, a saber: a quantidade, a magnitude das energias tomadas em consideração; temos ainda de levar em conta este fator por toda a parte. Uma mera análise qualitativa das condições etiológicas não nos é o bastante. Ou, para dizer de outro modo: uma composição simplesmente *dinâmica* dos acontecimentos anímicos é insuficiente, necessita ainda do ponto de vista *econômico*. Temos de dizer que o conflito entre duas tendências não irrompe antes de serem alcançadas certas intensidades de investimento, embora há muito existam também as condições de conteúdo. (...) pode-se mesmo representar que a disposição de todas as pessoas sejam qualitativamente iguais e só se diferenciem por estas proporções quantitativas”²⁹.

seelische Reich der Phantasie“. FREUD, S. *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, G.W., XI, 387.

²⁹ “Sie haben gewiß bemerkt, daß ich in den letzten Erörterungen einen neuen Faktor in das Gefüge der ätiologischen Verkettung eingeführt habe, nämlich die Quantität, die Größe der in Betracht kommenden Energien; diesen Faktor müssen wir überall noch in Rechnung bringen. Mit rein qualitativer Analyse der ätiologischen Bedingungen reichen wir nicht aus. Oder um es anders zu sagen, eine bloß *dynamische*

O Eu, como intermediário entre o mundo exterior e o Isso, tenta satisfazer as exigências de ambos os lados. Contudo, o elevado investimento da fantasia entra em um inevitável conflito com o Eu³⁰ e, de acordo com a situação tópica em que se instala o conflito inicial, terá diferentes conseqüências para a vida psíquica. Como resultado, o Eu pode ou tentar frear as moções pulsionais do Isso, ou se entregar ao domínio deste e se retirar da realidade. A primeira, Freud denominou neurose de transferência, a segunda, neurose narcísica³¹.

O surgimento da patologia não se dá imediatamente após o conflito, ele depende da quantidade de excitação, dirigida à fantasia, que o Eu pode suportar. Uma vez que se inicia a formação patológica, dois diferentes mecanismos podem ser observados, ambos resultando na perturbação da relação entre o Eu e a realidade³².

“(…) toda neurose tem por resultado, e provavelmente por tendência, empurrar os enfermos para fora da vida real, aliená-los da realidade”³³.

O conflito entre o Eu, o Isso e o mundo real

O primeiro mecanismo de formação da neurose de transferência se refere à recusa do Eu, por meio do recalçamento, em acolher uma moção pulsional de grande magnitude. Este recalçamento consiste na subtração do investimento por parte do pré-consciente sem contudo impedir o trânsito entre os sistemas inconsciente e pré-consciente/consciente. Ele não é suficiente para produzir o sintoma patológico. Este primeiro momento pode ter êxito inúmeras vezes num quadro de sanidade. Quando a parte lesada do Isso chega a um grande acúmulo de excitação e pretende recobrar uma reparação às suas moções

Auffassung dieser seelischen Vorgänge ist ungenügend, es bedarf noch des *ökonomischen* Gesichtspunktes. Wir müssen uns sagen, daß der Konflikt zwischen zwei Strebungen nicht losbricht, ehe nicht gewisse Besetzungsintensitäten erreicht sind, mögen auch die inhaltlichen Bedingungen längst vorhanden sein. (...) man kann sich sogar vorstellen, die Anlagen aller Menschen seien qualitativ gleichartig und unterscheiden sich nur durch diese quantitativen Verhältnisse“. FREUD, S. Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, G.W., XI, 389.

³⁰ “Assim se completou nosso exame da causa da neurose. Primeiro, a frustração como condição mais geral; depois, a fixação da libido que a pressiona em direções determinadas; e em terceiro lugar, a inclinação ao conflito [proveniente] do desenvolvimento do Eu que rejeitou tais moções de libido” (“Unsere Einsicht in die Verursachung der Neurosen hat sich also vervollständigt. Zuerst als allgemeinste Bedingung die Versagung, dann die Fixierung der Libido, welche sie in bestimmte Richtungen drängt, und zu dritt die Konflikteigung aus der Ichentwicklung, die solche Libidoregungen abgelehnt hat“). FREUD, S. Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, G.W., XI, 365.

³¹ FREUD, S. Der Realitätverlust bei Neurose und Psychose, G.W., XIII, e Neurose und Psychose, G.W., XIII.

³² “Provavelmente na psicose, o fragmento recusado da realidade continuamente força entrada à vida anímica, como a pulsão reprimida na neurose, e por isso são também iguais os resultados nos dois casos” („Wahrscheinlich drängt sich bei der Psychose das abgewiesene Stück der Realität immer wieder dem Seelenleben auf, wie bei der Neurose der verdrängte Trieb, und darum sind auch die Folgen in beiden Fällen die gleichen“). FREUD, S. Der Realitätverlust bei Neurose und Psychose, G.W., XIII, 366.

³³ „(...) jede Neurose die Folge, also wahrscheinlich die Tendenz habe, den Kranken aus dem realen Leben herauszudrängen, ihn der Wirklichkeit zu entfremden“. FREUD, S. Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens, G.W., VIII, 230.

insatisfeitas, inicia-se o segundo mecanismo da formação da neurose. As moções recalçadas reagem contra o recalçamento e o põem em xeque.

Inicia-se em seguida uma terceira etapa, a do contra-investimento, que visa conter o retorno das moções reprimidas e o desprazer causado por elas. Frente ao retorno das moções reprimidas, a solução encontrada pelo Eu é a formação de compromisso: afrouxa-se sua relação com a realidade, ou mais precisamente, com aquele fragmento de realidade que frustrou a moção pulsional e produziu o seu recalçamento e busca-se na vida fantasmática, que permaneceu livre das exigências das necessidades reais, o material para satisfazer às moções de desejo.

A reconstrução dos fragmentos perdidos da realidade se dá por meio da via regressiva, que busca um passado real mais satisfatório. A regressão remonta até o ponto estacionado da libido, fortemente marcado no curso de suas fases, exatamente aí onde encontramos a pré-disposição à neurose. A moção pulsional recalçada reinveste os pontos de fixação do desenvolvimento infantil e se representa por meio de uma via que o Eu não tem mais poder algum (sem linguagem e sem censura), ou seja, por “um substituto que se impõe ao Eu pelo caminho do compromisso: o sintoma”³⁴. A regressão traz o reprimido de volta à cena e a conciliação encontrada pelo Eu entre os desejos do Isso e as exigências da realidade é a formação de sintomas. Este se relaciona sempre ao retorno do recalçado e ocorre com a ajuda da regressão e das fixações que determinam a patologia.

Tanto a neurose de transferência quanto a neurose narcísica têm como fator etiológico comum a frustração: “o não cumprimento de um dos desejos infantis eternamente indomados”³⁵. Em ambas as enfermidades, observamos uma perturbação da relação do Eu com a realidade. Contudo, enquanto aquela é o resultado de um recalçamento mal sucedido, cujo fragmento da realidade que causou a frustração é evitado por uma fuga para o mundo fantasmático, esta tem como ponto inicial a perda da realidade e surge da recusa (*Verleugnung*) do fragmento real que causou a frustração. A recusa é o primeiro tempo da formação do sintoma na neurose narcísica e tem como resultado a separação entre o Eu e o mundo exterior.

Como vimos, a relação entre o Eu e o mundo exterior é enriquecida e modificada pelas novas percepções e pelos traços mnêmicos dele provenientes e que formam os conteúdos de uma parte considerável do Eu. Mas através do mecanismo de recusa da realidade, o Eu retira os seus investimentos dos objetos exteriores e se fecha não apenas para as percepções externas atuais, mas também para os traços de memória que formam “o mundo interior que, até agora, como cópia do mundo exterior, substituiu este último, subtraído de significado (investimento)”³⁶.

³⁴ „(...) eine Ersatzvertretung, die sich dem Ich auf dem Wege des Kompromisses aufdrängt, das Symptom“. FREUD, S. Neurose und Psychose, G.W., XIII, 388.

³⁵ „(...) die Nicht-erfüllung eines jener ewig unbezwungenen Kindheitswünsche“. FREUD, S. Neurose und Psychose, G.W., XIII, 390.

³⁶ „(...) der Innenwelt, welche die Außenwelt als ihr Abbild bisher vertrat, die Bedeutung (Besetzung) entzogen“. FREUD, S. Neurose und Psychose, G.W., XIII, 389.

“Mostram-nos certos casos de psicose alucinatória o tipo mais extremo deste ato de desvio da realidade, nos quais deve ser recusado aquele acontecimento que causou a loucura”³⁷.

Segue-se assim o segundo momento da formação patológica: tenta-se reparar a perda da realidade, não às custas da restrição do Isso, como na neurose de transferência, mas por meio de uma reconstrução de um novo mundo, “interno e externo” (*Außen- und Innenwelt*)³⁸, que não oferece nenhuma resistência ao Isso, pois é construído segundo os seus desejos.

Para cumprir tal tarefa, a moção pulsional reinveste regressivamente os pontos mais arcaicos do desenvolvimento infantil, onde a psique ainda não conhecia a diferença entre sujeito e objeto, entre identidade de percepção e de pensamento, entre processo primário e secundário. Lá onde a neurose de transferência não ousa chegar, onde encontramos os primeiros traços mnêmicos, a saber, os perceptivos, é onde o Eu vai buscar pelo modo mais radical o material para operar a reconstrução da realidade: pela via da alucinação, quer por o novo mundo fantasmático no lugar do mundo real.

Enquanto o Eu experimenta sua modificação de “Eu-prazer” (*Lust-Ich*) (que busca somente anular as sensações de desprazer e encontrar o prazer) em “Eu-real”³⁹ (*Real-Ich*) (capaz de adiar o prazer e suportar por mais tempo as sensações de desprazer), as pulsões sexuais passam por modificações que as conduzem, através de fases distintas, do auto-erotismo ao amor de objeto à serviço da reprodução. Avançar de um estágio a outro significa também substituir uma parcela do princípio de prazer por uma do princípio de realidade. Deste modo, quanto mais primitiva é a fase do desenvolvimento da libido, mais subordinada ao princípio de prazer ela se encontra. Sendo assim, se cada um dos estágios da pulsão sexual pode se tornar um ponto de pré-disposição à neurose, o maior ou menor desligamento da realidade dependerá da fase em que interveio a inibição ao desenvolvimento. É o ponto de fixação da libido que determina a “escolha das neuroses” (*Neurosenwahl*).

Em *A disposição à neurose obsessiva*, Freud nos mostra que quanto mais tarde eclode a doença, mais longínqua é a regressão e mais primordial se revela o ponto de fixação. Deste modo, como uma espécie de equação invertida, as neuroses narcísicas, cuja regressão remonta à fase auto-erótica e narcísica, aparecem na puberdade, ao passo que as neuroses de transferência, cuja regressão chega apenas às fases objetais, surgem mais cedo.

“A ordem em que as principais formas da psiconeurose são geralmente apresentadas – histeria, neurose obsessiva, paranóia, demência precoce – corresponde (ainda que não inteiramente exata) à sucessão dos tempos em que estas afecções irromperam na vida. As formas da doença histérica podem já ser observadas na primeira infância, a neurose obsessiva manifesta em geral seus primeiros sintomas no segundo período da infância (dos seis aos oito anos); as duas outras (...) se mostram primeiramente depois

³⁷ „Den extremsten Typus dieser Abwendung von der Realität zeigen uns gewisse Fälle von halluzinatorischer Psychose, in denen jenes Ereignis verleugnet werden soll, welches den Wahnsinn hervorgerufen hat“. FREUD, S. Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens, G.W., VIII, 230.

³⁸ FREUD, S. Neurose und Psychose, G.W., XIII, 389.

³⁹ FREUD, S. Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens, G.W., XIII, 237.

da puberdade e na idade madura. Estas afecções apresentadas por último se mostraram as primeiras acessíveis à nossa investigação sobre as disposições que resultam na escolha da neurose. As duas características próprias do delírio de grandeza, o desvio do mundo dos objetos e a sobrecarga do contágio, obrigou-nos a concluir que sua fixação disposicional tem de ser procurada em um estado do desenvolvimento da libido antes da realização da escolha de objeto, portanto, na fase do auto-erotismo e do narcisismo. Estas formas do adoecimento que irrompem tão tarde recuam assim às inibições e fixações mais precoces⁴⁰.

Um outro fator importante a ser considerado acerca da neurose narcísica é o retorno da libido para o próprio Eu. Em *Introdução ao Narcisismo*, Freud nos mostra que não apenas os objetos são investidos de libido, mas também o Eu, e que este é o seu lugar originário e o seu quartel-general⁴¹. A libido, além disso, movimenta-se tanto no sentido do objeto quanto no do Eu, de modo que a quantidade de libido que outrora o investia pode se dirigir ao objeto, e vice-versa. Entretanto, o que vemos na neurose narcísica é uma estagnação deste movimento. Ao recusar o fragmento da realidade que frustra a satisfação, a libido cessa seus investimentos objetivos e os direciona ao Eu, restabelecendo assim um estado semelhante ao do narcisismo primário: a libido abandona as ligações afetivas com os objetos reais e passa a investir com toda a sua força as representações mais arcaicas introjetadas no Eu, que o auxiliam na tarefa de recriar o seu novo mundo, fantasiado.

Mas se as neuroses vão às últimas conseqüências para encontrar a satisfação do desejo, elas fracassam em seu propósito, pois seja pela tentativa de nada querer saber da realidade, seja pela recriação de um substituto integral dela, a moção pulsional não pode encontrar nenhuma satisfação plena. Tanto uma via quanto outra tem um caráter penoso, ligado a um montante de angustia, que se produz por uma quantidade de excitação libidinal não ligada a representações. O conflito do Eu com o mundo externo ou com as exigências do Isso resulta na formação de um compromisso que engendra apenas uma satisfação incompleta.

⁴⁰ „Die Reihenfolge, in welcher die Hauptformen der Psychoneurosen gewöhnlich aufgeführt werden – Hysterie, Zwangsneurose, Paranoia, Dementia praecox – entspricht (wenn auch nicht völlig genau) der Zeitfolge, in der diese Affektionen im Leben hervorbrechen. Die hysterischen Krankheitsformen können schon in der ersten Kindheit beobachtet werden, die Zwangsneurose offenbart ihre ersten Symptome gewöhnlich in der zweiten Periode der Kindheit (von sechs bis acht Jahren an); die beiden anderen (...) zeigen sich erst nach der Pubertät und im Alter der Reife. Diese zuletzt auftretenden Affektionen haben sich nun unserer Forschung nach den in die Neurosenwahl auslaufenden Dispositionen zuerst zugänglich erwiesen. Die ihnen beiden eigentümlichen Charaktere des Größenwahns, der Abwendung von der Welt der Objekte und der Erschwerung der Übertragung haben uns zum Schlusse genötigt, daß deren disponierende Fixierung in einem Stadium der Libidoentwicklung vor der Herstellung der Objektwahl, also in der Phase des Autoerotismus und des Narzißmus zu suchen ist. Diese so spät auftretenden Erkrankungsformen gehen also auf sehr frühzeitige Hemmungen und Fixierungen zurück“. FREUD, S. Die Disposition zur Zwangsneurose, G.W., VIII, 443-444.

⁴¹ O Eu-Isso indiferenciado é originalmente o grande reservatório da libido, no sentido de um tanque de armazenamento. Uma vez separados, o Isso segue sendo um tanque de armazenamento, mas ao enviar seus investimentos, seja para os objetos externos, seja para o Eu agora diferenciado, converte-se também em fonte provedora da pulsão sexual. O mesmo também é válido para o Eu, já que pode ser tanto tanque de armazenamento da libido narcísica quanto, olhando-o a partir de outra perspectiva, fonte provedora dos investimentos de objeto.

O conflito entre o Eu e o Sobre-Eu

Não podemos ignorar que além do Isso e do mundo exterior, também uma outra instância se relaciona com o Eu e pode entrar em conflito com ele, a saber: o Sobre-Eu. Passemos então à análise desta relação.

Com a finalidade de dominar as moções pulsionais do Isso, o Eu conta com o processo de identificação: subtrai libido do Isso e transforma os investimentos de objeto deste em suas próprias conformações. O Eu se põe então como objeto de amor do Isso e usa os investimentos que partem dele para dirigi-lo. Além disso, devido ao seu enlace com o sistema perceptivo, por um lado ordena aos processos anímicos e os submete ao princípio de realidade, e por outro, através de suas ações musculares, faz com que o mundo exterior faça justiça aos desejos do Isso, e o auxilia a encontrar os meios mais eficazes de satisfação.

Da identificação com os primeiros objetos das moções libidinais do Isso (a dupla parental) nasce, como vimos, uma nova instância: o Sobre-Eu. Ao longo deste processo, que põe fim ao complexo de Édipo, a relação com os objetos de amor é desviada de seus fins sexuais diretos. A identificação com os objetos de amor permite uma renúncia à satisfação pulsional, imposta já desde os primórdios do desenvolvimento da criança (como por exemplo, o abandono do seio com o nascimento dos dentes).

Contudo, renunciar à satisfação pulsional não é uma tarefa simples: o Eu toma como objeto de ódio tudo o que vem a se contrapor ao seu desejo de união com o objeto de amor. Como vimos no capítulo anterior, o pai, ao servir de obstáculo à união entre o filho e a mãe, torna-se alvo de desejos destrutivos. Contudo, durante o processo de surgimento do Sobre-Eu também os desejos agressivos contra os obstáculos à satisfação pulsional devem ser renunciados. Eles são então introjetados e recolhidos pela parte do Eu que dará origem à instância moral. A agressão que a criança gostaria de exercer sobre os objetos externos é então introjetada no Sobre-Eu e reenviada ao seu lugar de origem (o Eu). O desejo agressivo é mantido na fantasia pelo seguinte mecanismo: o Eu acolhe dentro de si, por identificação, a autoridade inatacável dos pais, que agora se torna a instância moral, e lhe confere a posse de toda a agressão que, como filho, teria de bom grado exercido contra o pai. Segundo este modelo da relação pai/filho (“Se eu fosse o pai e tu o filho, eu te maltrataria”⁴²) estabelece-se também a relação Sobre-Eu/Eu. O vínculo entre estas duas instâncias é assim o retorno desfigurado de um desejo primário, mantido na fantasia: ele expressa a agressão vingativa do filho, comandada pela agressão punitiva que espera receber do pai.

A severidade do Sobre-Eu contra o Eu pode ser observada principalmente quando, por um retorno regressivo, os antigos objetos da libido são ressexualizados e o complexo de Édipo ressuscitado. O Sobre-Eu se comporta então como se o Eu fosse responsável pela nova situação e o ameaça com o retorno do perigo da castração. A reação a tal ameaça é a retirada dos investimentos dos processos do Isso

⁴² “Wenn ich der Vater wäre und du das Kind, ich würde dich schlecht behandeln”. FREUD, S. Das Unbehagen in der Kultur, G.W., XIV, 489.

percebidos como perigosos, a repressão da representação antes superinvestida libidinalmente e a emissão destes investimentos como medo (*Angst*) frente a um perigo: o medo da castração⁴³.

A agressão introjetada no Sobre-Eu volta-se agora contra o próprio Eu e da tensão entre as duas instâncias nasce o sentimento inconsciente de culpa (*unbewußtes Schuldgefühl*), sentido como uma necessidade de punição da potência parental. Para cumprir este propósito, o Eu se submete às punições da instância ideal que, introjetada, não diferencia o ato cometido da intenção de cometê-lo. Abre-se aqui a perspectiva da relação masoquista do Eu frente ao Sobre-Eu sádico, e do papel da pulsão de morte na vida psíquica, que será analisado no próximo capítulo.

Suspenderemos momentaneamente a análise do conflito entre as instâncias psíquicas, e prosseguiremos com o exame da fantasia e de sua origem.

As origens da fantasia

Se, como vimos, as antigas orientações da libido bem como seus objetos de satisfação são mantidos com certa intensidade nas representações da fantasia, sem o exame de realidade, isto não significa que eles não desfrutem de nenhum tipo de realidade ou de importância para a vida psíquica. Em *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*, Freud nos diz que não se pode “dar pouca importância às fantasias na formação do sintoma”⁴⁴; atribui assim uma característica particular ao inconsciente, de onde surgem as fantasias, a saber: a *realidade psíquica*⁴⁵.

“Por muito tempo, ele [o enfermo] não tem compreensão de nossa proposta de igualar fantasia e realidade e de não nos preocuparmos de imediato se os acontecimentos infantis esclarecidos sejam uma ou outra. E não obstante, isto é evidentemente o único emprego correto para estas produções anímicas. Também elas possuem um tipo de realidade; resta o fato de que o doente criou tais fantasias, e esse fato não tem menor significado para sua neurose do que se ele tivesse realmente vivido o conteúdo de suas fantasias. Estas fantasias possuem realidade *psíquica*, em oposição à *material*”⁴⁶.

⁴³ E também: medo de ser devorado, medo de ser batido, medo de ser castrado. Estes são introduzidos na fantasia como precipitados das organizações oral primitiva, sádico-anal e fálica, respectivamente.

⁴⁴ „(...) Phantasien darum für die Symptombildung gering zu schätzen“. FREUD, S. Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens, G.W., VIII, 238.

⁴⁵ “Põe-se diante de nós os desejos inconscientes em sua expressão última e mais verdadeira, tem-se assim de dizer que a *realidade psíquica* é uma forma de existência particular que não deve ser confundida com a realidade *material*” (“Hat man die unbewußten Wünsche, auf ihren letzten und wahrsten Ausdruck gebracht, vor sich, so muß man wohl sagen, daß die *psychische Realität* eine besondere Existenzform ist, welche mit der *materiellen Realität* nicht verwechselt werden soll“). Freud, S. Die Traumdeutung, G.W., II/III, 625.

⁴⁶ “Für den Vorschlag, Phantasie und Wirklichkeit gleichzustellen und sich zunächst nicht darum zu kümmern, ob die zu klärenden Kindererlebnisse das eine oder das andere seien, hat er lange Zeit kein Verständnis. Und doch ist dies offenbar die einzig richtige Einstellung zu diesen seelischen Produktionen. Auch sie besitzen eine Art von Realität; es bleibt eine Tatsache, daß der Kranke sich solche Phantasien

Em 1897, ao ver que as produções dos sintomas de seus pacientes tinham origem em fantasias, Freud deu um grande passo na direção de “compreender que no mundo da neurose, a realidade psíquica é a determinante”⁴⁷. “A psicanálise”, segundo Susan Isaacs, “mostrou que o fato de ser ou não ‘puramente’ ou ‘unicamente’ imaginado não é o critério mais importante na compreensão do psiquismo humano”⁴⁸. Isto porque, ao que concerne aos processos inconscientes, o exame de realidade de nada vale. A realidade dos pensamentos inconscientes não se discerne em nada da realidade efetiva externa, bem como o desejo de seu cumprimento. Com o abandono da cena de sedução como fundamento real do sintoma, a fantasia passa a ser o objeto específico da psicanálise. A realidade material é substituída pela realidade psíquica.

As primeiras fantasias, como sabemos, são realizações de desejos inconscientes, ligados às pulsões. Devemos nos lembrar também que as pulsões têm como fonte os estímulos endógenos que, ao atingirem um certo grau de acúmulo, são percebidos pelo psiquismo como representação e afeto. A pulsão, não psíquica em si mesma, não desfruta da mesma realidade das fantasias; “realidade biológica”⁴⁹ talvez, mas não realidade psíquica. Surge então a pergunta: estaria a fantasia fundada sobre um fator constitucional: a atividade endógena das pulsões? A realidade psíquica se fundaria sobre uma realidade biológica?

O surgimento do auto-erotismo está condicionado à separação das pulsões sexual e de autoconservação. Originariamente, as funções da primeira encontravam-se apoiadas na segunda, e o objeto de preservação da vida (o seio) servia também para a satisfação libidinal. Mas ao lado da satisfação de autoconservação surge uma outra, autônoma àquela: o antigo objeto é abandonado, para dar lugar à estimulação oral pelo ato de sugar. A função sexual se torna autônoma da autoconservação e se satisfaz na sucção geral do próprio corpo da criança: ela é assim auto-erótica.

O auto-erotismo surge da separação das pulsões autoconservativas e sexuais, assim como da separação destas do seu objeto natural e real. Ao abandoná-lo, a criança se entrega à masturbação (sucção do próprio corpo) e à relação imaginária com o objeto perdido. A primeira vivência de satisfação auto-erótica foi a alucinação, onde os traços

geschaffen hat, und diese Tatsache hat kaum geringere Bedeutung für seine Neurose, als wenn er den Inhalt dieser Phantasien wirklich erlebt hätte. Diese Phantasien besitzen *psychische* Realität im Gegensatz zur *materiellen*“. FREUD, S. Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, G.W., XI, 383.

⁴⁷ „(...) verstehen, daß *in der Welt der Neurosen die psychische Realität die maßgebende ist*“. FREUD, S. Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, G.W., XI, 383.

⁴⁸ “La psychanalyse a montré que le fait d’être ou non ‘purement’ ou ‘seulement’ imaginé n’est pas le critère le plus important dans la compréhension du psychisme humain”. ISAACS, S. *Nature et fonction du phantasme*. In: KLEIN, M [et al.] Développements de la psychanalyse, p. 78.

⁴⁹ “Réalité biologique”. LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.-B. Fantasme originaire, fantasme des origines, origines du fantasme, p. 45.

mnêmicos de satisfação com o objeto real (o seio) eram reinvestidos, e a satisfação era momentaneamente encontrada.

A atividade fantasmática toma assim o funcionamento do auto-erotismo como modelo para a satisfação das moções libidinais. Neste sentido, as primeiras fantasias são a tentativa de encontrar, de modo alucinatório, os objetos ligados aos mais antigos circuitos do desejo: o objeto real da experiência primordial de satisfação. Esse funcionamento originário, anterior ao surgimento do processo secundário e do princípio de realidade, é mantido na formação das fantasias.

Mas se as fantasias seguem o modelo da satisfação auto-erótica, e se são possibilitadas pela separação entre as pulsões sexuais e as de autoconservação, isto não nos permite atribuir aos processos pulsionais a origem do conteúdo da fantasia (e conseqüentemente o da patologia, já que a fantasia conserva os mesmos mecanismos das neuroses). Caso contrário, cairíamos em um paradoxo na teoria freudiana: o de ligar as pulsões sexuais aos objetos que as satisfazem. A realidade psíquica das fantasias não se funda então na realidade biológica das pulsões.

Uma outra alternativa à atividade endógena das pulsões seria a de retomar um elemento da teoria da sedução: os fatores externos e reais da vida da criança. Entretanto, esta solução nos leva a um outro problema: a perda do apoio na realidade, já que a recordação destes eventos da vida infantil nem sempre correspondem ao que realmente ocorreu:

“Vocês sabem que pela análise dos sintomas chegamos ao conhecimento dos acontecimentos infantis, nos quais a libido está fixada e dos quais os sintomas são produzidos. Agora, o espanto está em que estas cenas infantis não são verdadeiras. Na maioria dos casos não são verdadeiras, e em casos particulares estão em oposição direta à verdade histórica. Vocês vêem que este achado é, como nenhum outro, conveniente para ou desacreditar a análise, que conduziu a tal resultado, ou os enfermos, de cujos testemunhos constrói-se a análise assim como toda a compreensão das neuroses. (...) Se os acontecimentos infantis trazidos à luz pela análise fossem todas as vezes reais, teríamos a sensação de nos mover sobre terreno seguro, se estivessem regularmente falseados, descobertos como invenções, como fantasias do doente, teríamos de abandonar este terreno vacilante e nos salvar em um outro”⁵⁰.

⁵⁰ „Sie wissen, durch die Analyse von den Symptomen aus kommen wir zur Kenntnis der infantilen

Freud deve atribuir uma realidade material à fantasia, pois senão sua teoria estará condenada ao fracasso. Como buscar a realidade dos fatos se a história individual não nos fornece nenhum indício material para a origem da fantasia? Se não podemos abandonar os fatores internos relativos à sua teoria pulsional, como combinar as vivências infantis (sem bases reais) e os fatores constitucionais⁵¹ sem por abaixo o conceito freudiano de sexualidade? Uma possível solução para este impasse, apresentada nas *Conferências para a Introdução à Psicanálise*, é dada por um certo número de fantasias com idêntico conteúdo que aparecem, sem exceção, nos retornos das fantasias neuróticas. Nos diz Freud:

“Entre os acontecimentos que sempre voltam na história juvenil dos neuróticos, que jamais parecem faltar, há alguns de particular importância, que considero digno de destaque dos outros. Como modelos deste gênero, vos enumero: a observação da relação dos pais, a sedução por uma pessoa adulta e a ameaça de castração. Seria um grande erro aceitar que jamais lhes corresponde realidade material”⁵².

Passemos então ao exame das fantasias típicas.

Erlebnisse, an welche die Libido fixiert ist, und aus denen die Symptome gemacht werden. Nun, die Überraschung liegt darin, daß diese Infantilszenen nicht wahr sind. Ja, sie sind in der Mehrzahl der Fälle nicht wahr, und in einzelnen Fällen im direkten Gegensatz zur historischen Wahrheit. Sie sehen ein, daß dieser Fund wie kein anderer dazu geeignet ist, entweder die Analyse zu diskreditieren, die zu solchem Ergebnis geführt hat, oder die Kranken, auf deren Aussagen die Analyse wie das ganze Verständnis der Neurosen aufgebaut ist. (...) Wenn die durch die Analyse zutage geförderten infantilen Erlebnisse jedesmal real wären, hätten wir das Gefühl, uns auf sicherem Boden zu bewegen, wenn sie regelmäßig gefälscht wären, sich als Erfindungen, als Phantasien der Kranken enthüllten, müßten wir diesen schwankenden Boden verlassen und uns auf einen anderen retten“. FREUD, S. *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, G.W., XI, 381-382.

⁵¹ É preciso “notar que, desde seus primeiros escritos até o fim de sua obra, Freud mantém uma certa equação etiológica cuja essência permanecerá a mesma e na qual jamais negará a influência dos fatores constitucionais nem dos fatores externos. Há sempre uma complementação entre ambos. O acento e o peso desses fatores irão variar no decorrer de sua obra, mas a equação permanecerá idêntica”. MONZANI, L.R. *A “fantasia” freudiana*, p. 79.

⁵² „Unter den Begebenheiten, die in der Jugendgeschichte der Neurotiker immer wiederkehren, kaum je zu fehlen scheinen, sind einige von besonderer Wichtigkeit, die ich darum auch einer Hervorhebung vor den anderen für würdig halte. Ich zähle Ihnen als Muster dieser Gattung auf: die Beobachtung des elterlichen Verkehrs, die Verführung durch eine erwachsene Person und die Kastrationsandrohung. Es wäre ein großer Irrtum anzunehmen, daß ihnen niemals materielle Realität zukommt“. FREUD, S. *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, G.W., XI, 383-384.

CAPÍTULO 4: A VIVÊNCIA PRÉ-HISTÓRICA E AS DISPOSIÇÕES PSÍQUICAS

*O sofrimento do mundo animal
Pode ser justificado apenas pelo
Querer-viver ser obrigado a devorar
Sua própria carne, porque fora ele
Nada existe no mundo fenomênico
E porque é uma vontade faminta¹.
A. Schopenhauer*

Como nos mostra a famosa carta endereçada a Fliess em 21 de setembro de 1897², é pelo seu trabalho clínico que Freud constata que as fantasias não necessariamente correspondem aos acontecimentos reais: seus conteúdos são repetitivos, em parte são falsos e, em alguns casos eles contradizem inteiramente os fatos da vida do indivíduo. Tal constatação lhe permite dar à realidade psíquica e à realidade material o mesmo valor patogênico, criando assim um problema teórico acerca da relação entre ambas as realidades. Põe-se então a seguinte questão: deveria Freud recorrer a algum tipo de concepção que não conceda uma realidade própria à fantasia e que não veja nela nada mais do que uma expressão da imaginação que mascara a dinâmica pulsional? Ao edificar sua teoria da formação fantasmática, Freud tem de admitir que por trás de toda fantasia deve haver uma elaboração de traços mnêmicos, ainda que mínima, ou seja, que a realidade material tem de preceder a realidade psíquica. Mas como entender a existência de fantasias que contrariam as vivências de seus pacientes? Freud não pode decretar o menosprezo à realidade material. Diz ele:

“De onde provém a necessidade destas fantasias e o material para elas? Sem dúvida pode estar na fonte da pulsão, mas tem-se de esclarecer [o fato de] que cada vez são criadas as mesmas fantasias com idêntico conteúdo. Tenho aqui pronta a resposta [e] sei que vos parecerá arriscada. Penso que estas *fantasias primordiais* – assim gostaria de chamá-las e seguramente ainda algumas outras – são posse filogenética. O indivíduo toma seu viver próprio frente ao viver dos tempos passados, onde seu próprio viver se tornou de todo rudimentar. Parece-me muito possível que tudo o que nos é enumerado hoje na análise como fantasia, a sedução infantil, a incandescência da excitação sexual na observação do comércio entre os pais, a ameaça de castração – ou antes a castração – foi uma vez realidade nos primórdios da família humana, e que a criança que fantasia simplesmente preencheu a lacuna da verdade individual com a verdade pré-histórica. Outra vez chegamos à suspeita de que a psicologia das neuroses conservou para nós mais das antiguidades do desenvolvimento humano do que todas as outras fontes”³.

¹ SCHOPENHAUER, A. *Parerga e paralipomena*, p. 141.

² FREUD, S. *Carta 69*, datada de Viena, 21 de setembro de 1897, ESB I, pág. 279-80.

³ „Woher rührt das Bedürfnis nach diesen Phantasien und das Material für sie? Über die Triebquelle kann wohl kein Zweifel sein, aber es ist zu erklären, daß jedesmal die nämlichen Phantasien mit demselben Inhalt

Vimos no primeiro capítulo que a imagem mnêmica de uma primeira percepção de satisfação se conserva associada ao traço mnêmico de excitação resultante da necessidade. Uma vez formada esta ligação entre necessidade e satisfação, logo que aquela é novamente sentida, automaticamente a imagem mnêmica desta é novamente reinvestida por uma moção pulsional e a situação da primeira satisfação é de novo vivenciada. À esta moção, que leva de um estado de desprazer ao de prazer, Freud deu o nome de *desejo*. Este movimento se mantém no psiquismo mesmo após a passagem do processo primário ao secundário e põe em ação o aparelho psíquico desde as suas profundezas (no Isso), por meio daquela imagem mnêmica (representante psíquica da pulsão), até encontrar, mesmo que por caminhos indiretos, o rebaixamento das excitações. Isto nos mostra que o prazer nunca é um prazer em geral; ou melhor, aponta sempre na direção de um traço mnêmico determinado, formado pela experiência material real.

Tendo isto em vista, desde muito cedo Freud procurou encontrar os acontecimentos que fundamentassem o surgimento das neuroses. As fantasias típicas ou primordiais (*Urphantasien*) estão presentes em todas as situações neuróticas e na infância, e não devem sua importância apenas à frequência de suas ocorrências ou à generalidade que as caracteriza. Tais fantasias são capazes de operar como um elemento organizador na teoria freudiana⁴: elas nos fornecem o material que faltava para o fundamento da realidade psíquica. A investigação da etiologia das neuroses traz à luz aquilo que age por trás da vida fantasmática de todo indivíduo, mas que por sua vez não se limita somente ao âmbito individual. Freud vai além deste campo e expande sua investigação até o início do desenvolvimento da espécie humana.

A observação do comércio sexual entre os pais, a sedução na infância por uma pessoa adulta e a ameaça de castração “pertencem à consistência férrea da neurose. [Se]

geschaffen werden. Ich habe hier eine Antwort bereit, von der ich weiß, daß sie Ihnen gewagt erscheinen wird. Ich meine, diese *Urphantasien* – so möchte ich sie und gewiß noch einige andere nennen – sind phylogenetischer Besitz. Das Individuum greift in ihnen über sein eigenes Erleben hinaus in das Erleben der Vorzeit, wo sein eigenes Erleben allzu rudimentär geworden ist. Es scheint mir sehr wohl möglich, daß alles, was uns heute in der Analyse als Phantasie erzählt wird, die Kinderverführung, die Entzündung der Sexualerregung an der Beobachtung des elterlichen Verkehrs, die Kastrationsdrohung – oder vielmehr die Kastration, – in den Urzeiten der menschlichen Familie einmal Realität war, und daß das phantasierende Kind einfach die Lücken der individuellen Wahrheit mit prähistorischer Wahrheit ausgefüllt hat. Wir sind wiederholt auf den Verdacht gekommen, daß uns die Neurosenpsychologie mehr von den Altertümern der menschlichen Entwicklung aubewahrt hat als alle anderen Quellen“. FREUD, S. Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, G.W., XI, 386.

⁴ LAPLANCHE, J. PONTALIS, J.-B. Fantasme originaire, fantasme des origines, origines du fantasme, p. 60.

estão contidas na realidade, então está bem; [se] a realidade não as concede, então são postas por indícios e completadas pela fantasia”⁵. Se tais cenas são apenas fantasiadas pelo indivíduo ou se de fato aconteceram, o resultado é o mesmo. Por certo, o que vemos aqui é uma relação de complementaridade entre as séries da vivência do indivíduo e as da espécie. Tais fantasias nos reenviam a uma dupla pré-história: à individual, na infância, e à filogenética, na espécie. A primeira nos fornece os traços mnêmicos que cada pessoa carrega consigo e que a diferencia das demais. Esta serve para reanimar a segunda, onde encontramos a marca dos acontecimentos que determinam o curso da espécie e que estão presentes em todos os indivíduos.

“A experiência analítica nos obriga diretamente a admitir que as vivências puramente contingentes da infância são capazes de deixar para trás fixações da libido. (...) As disposições constitucionais são certamente também efeitos das vivências dos antepassados mais remotos”⁶.

Há uma proporção entre as duas séries de vivências: uma criança que não viveu este material originário, o recria em sua fantasia a partir de alguns indícios que encontra ao longo de sua vida. A fantasia da observação do coito entre os pais pode, por exemplo, estar apoiada na observação do comércio sexual entre animais; a ameaça de castração pode se apoiar na descoberta dos genitais femininos; e a fantasia de sedução pode encobrir as atividades auto-eróticas e se sustentar sobre o fantasiar retrospectivo do objeto amado.

Freud compara as fantasias originárias com as sagas criadas pelos povos acerca de sua história esquecida⁷. Ambas se relacionam às origens e postulam certos temas retroativamente. Como nos mitos, estas fantasias pretendem apresentar uma solução para aquilo que para a criança se oferece como um grande enigma. Nos *Três Ensaio*s, Freud nos informa da existência de uma pulsão de saber, não computada entre as pulsões elementares e nem subordinada exclusivamente à sexualidade, cujos vínculos com a pulsão de ver (também não elementar) e com a vida sexual têm particular importância. Para a

⁵ „(...) zum eisernen Bestand der Neurose gehören. Sind sie in der Realität enthalten, dann ist es gut; hat sie die Realität verweigert, so werden sie aus Andeutungen hergestellt und durch die Phantasie ergänzt“. FREUD, S. Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, G.W., XI, 384.

⁶ „(...) die analytische Erfahrung nötigt uns geradezu anzunehmen, daß rein zufällige Erlebnisse der Kindheit imstande sind, Fixierungen der Libido zu hinterlassen. (...) Die konstitutionellen Anlagen sind sicherlich auch die Nachwirkungen der Erlebnisse früherer Vorfahren, auch sie sind einmal erworben worden; ohne solche Erwerbung gäbe es keine Heredität“. FREUD, S. Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, G.W., XI, 375-376.

⁷ FREUD, S. Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, G.W., XI, 383.

psicanálise, “a pulsão de saber das crianças atrai para si, de modo insuspeitavelmente precoce e inesperadamente intenso, os problemas sexuais, [e] talvez só sejam despertados por eles”⁸. Por meio das diferentes “teorias” infantis sobre a sexualidade, repetidas por todas as crianças, vislumbramos aquilo que nos primórdios (tanto do indivíduo quanto da espécie humana) foi o surgimento da excitação sexual (“Em que pode consistir o comércio sexual ou, como eles dizem, o estar casado”⁹), o descobrimento da diferença entre os sexos (os seres humanos possuem idênticos genitais?) e o enigma da reprodução (“De onde vêm as crianças?”¹⁰). O que um dia foi realidade, posteriormente transformada em fantasia, é o que dá origem ao próprio sujeito¹¹, “e procuram a solução dos mistérios quase sempre nessa convivência que é proporcionada pelas funções de micção e excreção”¹². O que representam então para nós as cenas primitivas? Elas figuram, segundo Laplanche e Pontalis, “a conjunção entre o fato biológico da concepção (e do nascimento) e o fato simbólico da filiação, entre ‘o ato selvagem’ do coito e a existência de uma tríade mãe-criança-pai. Nas fantasias de castração a conjunção entre real-simbólico é ainda mais evidente. Acrescentamos, quanto à sedução, que não é somente, como acreditávamos haver mostrado, porque havia encontrado numerosos fatos reais de sedução que Freud pode fazer de uma fantasia uma teoria científica, descobrindo finalmente pelo desvio a função mesma da fantasia; é bem porque procurou dar conta, em termos de origens, do modo que a sexualidade advém ao ser humano”¹³.

⁸ „(...) der Wißtrieb der Kinder unvermutet früh und in unervartet intensiver Weise von den sexuellen Problemen angezogen, ja vielleicht erst durch sie geweckt wird“. FREUD, S. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, G.W., V, 95.

⁹ „(...) worin der Geschlechtsverkehr oder, wie sie es erfassen, das Verheiratetsein bestehen mag“. FREUD, S. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, G.W., V, 97.

¹⁰ „Woher kommen die Kinder?“ FREUD, S. Drei Abhandlungen zur Sexualtheoria, G.W., V, 95.

¹¹ LAPLANCHE, J. PONTALIS, J.-B. Fantasme originaire, fantasme des origines, origines du fantasme, p. 68.

¹² „(...) und suchen die Lösung des Geheimnisses meist in einer Gemeinschaft, die durch die Harn – oder Kotfunktion vermittelt wird“. FREUD, S. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, G.W., V, 97.

¹³ « La conjonction entre le fait biologique de la conception (et de la naissance) et le fait symbolique de la filiation, entre ‘l’acte sauvage’ du coït et l’existence d’une triade mère-enfant-père. Dans les fantasmes de castration la conjonction réel-symbolique est encore plus évidente. Ajoutons, quant à la séduction, que ce n’est pas seulement, comme nous croyons l’avoir montré, parce qu’il avait rencontré de nombreux faits réels de séduction que Freud a pu faire d’un fantasme une théorie scientifique, découvrant finalement par ce détour la fonction même du fantasme ; c’est bien parce qu’il cherchait à rendre compte, en termes d’origines, de la façon dont la sexualité advient à l’être humain ». LAPLANCHE, J. PONTALIS, J.-B. Fantasme originaire, fantasme des origines, origines du fantasme, p. 69.

A ação conjunta dos desenvolvimentos onto e filogenético

Vimos no capítulo anterior que as fixações marcam o desenvolvimento infantil com pontos de inibição. Estes se tornam pré-disposições à neurose que podem ou não ser atualizados em uma época posterior. Agora vemos que Freud acrescenta um segundo plano do desenvolvimento que trabalha em conjunto com o primeiro. As práticas e as vivências da sexualidade infantil que contêm os afãs e objetos parciais abandonados, para onde retrocede a libido, passam a ter uma dupla importância: por um lado, elas revelam as primeiras orientações pulsionais que a criança traz consigo como uma disposição filogenética; e por outro, em virtude de suas vivências acidentais, particulares de cada indivíduo, ativam pela primeira vez este conjunto de pulsões.

“No homem, o ponto de vista filogenético é velado em parte pela circunstância de que o que no fundo é herdado, não obstante é de novo recrutado no desenvolvimento individual, provavelmente porque as mesmas proporções ainda subsistem e operam em cada indivíduo, [e] que forçaram, em sua época, a aquisição”¹⁴.

Vimos no capítulo anterior que, na equação etiológica das neuroses, dois são os fatores que resultam na patologia: a fixação libidinal em uma etapa anterior do desenvolvimento infantil (o fator predisponente) e a frustração decorrente da vivência acidental do adulto. Vimos também que a ação conjunta destes dois fatores é denominada por Freud de “série complementar”: as duas condições são indispensáveis para o desenvolvimento do indivíduo e atuam segundo uma proporção (*Verhältnis*), a saber: quando a influência de uma aumenta, a da outra diminui. Com a introdução da influência filogenética, o fator constitucional marcado pela pré-disposição por fixação libidinal em etapas anteriores se decompõe em dois: as marcas da vivência infantil e as disposições arcaicas herdadas da libido. Ambas formam outra série complementar semelhante àquela entre pré-disposição e vivência acidental do adulto e são regidas pela mesma relação. A ação conjunta das duas séries resulta na causa da neurose.

“A série etiológica única se decompõe então em duas que se pode chamar a *predisposicional* e a *definitiva*. Na primeira, constituição e vivências infantis acidentais cooperam como, do mesmo modo, na segunda, a predisposição e as vivências traumáticas

¹⁴ “Nur wird der phylogenetische Gesichtspunkt beim Menschen zum Teil durch den Umstand verschleiert, daß das, was im Grunde vererbt ist, doch in der individuellen Entwicklung neu erworben wird, wahrscheinlich darum, weil dieselben Verhältnisse noch fortbestehen und auf jeden einzelnen wirken, die seinerzeit zur Erwerbung genötigt haben”. FREUD, S. *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, G. W., XI, 368.

posteriores. Todos os momentos prejudicados do desenvolvimento sexual exteriorizam sua operação de modo que produzam uma *regressão*, uma volta a uma fase anterior do desenvolvimento”¹⁵.

As fixações infantis e herdadas agem no indivíduo adulto como um imã para aquela porção de libido frustrada, de modo que, como fatores de inibição do desenvolvimento e altamente investidas, permitem que a libido, expulsa de suas posições tardias, se volte para elas regressivamente. A neurose presta assim um testemunho dos eventos pré-históricos do indivíduo e da espécie, pois nela o interesse pelo presente e pelo futuro é abandonado e a alma resta cimentada ao passado, como fossilizada. Mas a neurose não é a solução para todos os casos: a herança arcaica serve como um guia para o desenvolvimento individual, porque fornece para ele um conjunto de vivências pulsionais prefiguradas, que dão as bases da formação dos processos psíquicos e do progresso destes.

“Sem a aceitação de uma psique de massas, de uma continuidade na vida sensível dos homens que permita por de lado as interrupções dos atos anímicos [produzido] pelo perecer dos indivíduos, a psicologia dos povos não poderia de modo algum existir. [Se] os processos psíquicos não continuassem de uma geração à seguinte, [se] cada um tivesse novamente de adquirir sua atitude frente à vida, então não se produziria neste domínio nenhum progresso assim como nenhum desenvolvimento”¹⁶.

Surge aqui uma nova questão a ser investigada: a de conhecer os meios e caminhos de que se vale uma geração para adquirir novos estados psíquicos e transmiti-los para as gerações futuras.

¹⁵ „Die eine ätiologische Reihe zerlegt sich dann in zwei, die man die *dispositionelle* und die *definitive* heißen kann. In der ersteren wirken konstitution und akzidentelle Kindheitserlebnisse ebenso zusammen, wie in der zweiten Disposition und spätere traumatische Erlebnisse. Alle die Sexualentwicklung schädigenden Momente äußern ihre Wirkung in der Weise, daß sie eine *Regression*, eine Rückkehr zu einer früheren Entwicklungsphase hervorrufen“. FREUD, S. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, G.W., V, 142.

¹⁶ „Ohne die Annahme einer Massenpsyche, einer Kontinuität im Gefühlsleben der Menschen, welche gestattet, sich über die Unterbrechungen der seelischen Akte durch das Vergehen der Individuen hinwegzusetzen, kann die Völkerpsychologie überhaupt nicht bestehen. Setzen sich die psychischen Prozesse der einen Generation nicht auf die nächste fort, müßte jede ihre Einstellung zum Leben neu erwerben, so gäbe es auf diesem Gebiet keinen Fortschritt und so gut wie keine Entwicklung“. FREUD, S. Totem und Tabu, G.W., IX, 190.

A formação da herança arcaica e a sua transmissão

Em *Conferências para a Introdução à Psicanálise*, Freud fala do desenvolvimento do indivíduo como um programa prescrito (*vorgeschriebenen Programm*)¹⁷ que recapitula abreviadamente o arcaico. Mas como se dá a fixação de tal programa na série do desenvolvimento humano? Para responder a esta questão, o autor das *Conferências* mantém o fato real como um dos termos das séries complementares do desenvolvimento, sem perder de vista a realidade psíquica: o que um dia realmente aconteceu, transformou-se em fantasia originária; isto é, o que foi realidade material tornou-se realidade psíquica, ou ainda, aquilo que foi vivência do Eu tornou-se vivência do Isso. As experiências individuais que se mantiveram por lapsos prolongadíssimos de tempo, repetidas por diversas gerações, sedimentaram-se no Isso como “traços mnêmicos”, aos quais a libido permaneceu ligada e os reaviva durante o desenvolvimento do indivíduo por meio das experiências acidentais. Retomemos o que diz Freud em *O Eu e o Isso*:

“Mas, não obstante, não se pode falar de uma herança direta no *Eu*. Aqui se abre o abismo entre o indivíduo real e a concepção de espécie. Também não se pode tomar muito rigidamente a distinção entre o Eu e o Isso, nem esquecer que o Eu é uma parte do Isso particularmente diferenciada. As vivências do Eu parecem, em princípio, perder-se para a herança, mas quando se repetem com bastante frequência e intensidade em muitos indivíduos que se seguem uns aos outros, de modo genético, convertem-se, por assim dizer, em vivências do Isso, cujas impressões são preservadas por herança. De maneira que o Isso hereditário aloja em si os restos de inúmeras existências-Eu, que talvez só trazem de novo à luz as figurações mais antigas do Eu, produzindo-lhes uma ressurreição”¹⁸.

Quando Freud considera os elementos herdados da constituição humana, ele não afasta os adquiridos; ao contrário, os fatores disposicionais nada mais são do que aquisições de vivências do passado mais remoto. Por detrás das predisposições em cada pessoa encontramos as disposições filogenéticas, às quais gerações de indivíduos

¹⁷ FREUD, S. *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, G.W., XI, 365.

¹⁸ “Von einer direkten Vererbung im *Ich* kann man aber doch nicht reden. Hier tut sich die Kluft auf zwischen dem realen Individuum und dem Begriff der Art. Auch darf man den Unterschied von *Ich* und *Es* nicht zu starr nehmen, nicht vergessen, daß das *Ich* ein besonders differenzierter Anteil des *Es* ist. Die Erlebnisse des *Ichs* scheinen zunächst für die Erbschaft verloren zu gehen, wenn sie sich aber häufig und stark genug bei vielen generationsweise aufeinanderfolgenden Individuen wiederholen, setzen sie sich sozusagen in Erlebnisse des *Es* um, deren Eindrücke durch Vererbung festgehalten werden. Somit beherbergt das erbliche *Es* in sich die Reste ungezählt vieler *Ich*-Existenzen, vielleicht nur ältere *Ich*-gestaltungen wieder zum Vorschein, schafft ihnen eine Auferstehung”. FREUD, S. *Das Ich und das Es*, G.W., XIII, 267.

contribuíram com as suas próprias vivências. A repetição sucessiva das experiências individuais passou a fazer parte do patrimônio psíquico universal, transmitido para as gerações seguintes através dos “esquemas filogenéticos” (*Phylogenetisches Schema*¹⁹).

“Ainda dois dos numerosos problemas que ele incita me parecem dignos de especial realce. O primeiro se refere aos esquemas filogenéticos congêntos que se encarregam, como as ‘categorias’ filosóficas, do alojamento das impressões da vida. Gostaria de defender a concepção de que eles são sedimentos da história da cultura humana. O complexo de Édipo, que compreende a relação da criança com seus pais, pertence-lhes [e] é o exemplo mais conhecido deste tipo. Onde as vivências não se encaixam no esquema hereditário, chega-se a um novo arranjo dos mesmos na fantasia”²⁰.

As diversas experiências do Eu se depositam no Isso e formam categorias que podem ou não ser atualizadas durante o desenvolvimento individual. A experiência externa que um dia foi vivenciada repetidas vezes é incorporada e transmitida para as gerações futuras como esquemas presentes no Isso. Estes esquemas ou categorias filogenéticas não são vazios de conteúdo; ao contrário, são dotados de alguns conteúdos específicos capazes de se associar entre si. Articulam-se como uma rede de sistemas mnêmicos que guardam certos conteúdos que podem ser ativados pela vivência individual e revividos na forma de fantasia.

Estes traços mnêmicos arcaicos são produzidos pelas primeiras tentativas de contensão dos grandes investimentos do Isso, aos quais se liga uma parcela de libido e produz um ponto de fixação ou estagnação do desenvolvimento. O patrimônio filogenético, armazenado no Isso, é reativado por uma regressão libidinal a tais sistemas mnêmicos durante o desenvolvimento infantil, assim como na produção da neurose²¹, onde o psiquismo permanece petrificado no passado mais remoto. Na base da regressão aos traços arcaicos está a tentativa do psiquismo de revivenciar as primeiras e mais intensas sensações de prazer: as que surgem da contensão de magnitudes colossais de investimento pulsional. Tal mecanismo tem de conduzir o aparelho psíquico de suas formações mais primitivas até o grau máximo de sua evolução, quando surge a consciência, as instâncias psíquicas são separadas, o princípio de realidade

¹⁹ FREUD, S. *Aus der Geschichte einer infantilen Neurose*, G.W., XII, 119.

²⁰ „Nur noch zwei der zahlreichen Probleme, die er anregt, scheinen mir einer besonderen Hervorhebung würdig. Das erste betrifft die phylogenetisch mitgebrachten Schemata, die wie philosophische ‚Kategorien‘ die Unterbringung der Lebenseindrücke besorgen. Ich möchte die Auffassung vertreten, sie seien Niederschläge der menschliche Kluturgeschichte. Der Ödipuskomplex, der die Beziehung des Kindes zu den Eltern umfaßt, gehört zu ihnen, ist vielmehr das bestgekante Beispiel dieser Art. Wo die Erlebnisse sich dem hereditären Schema nicht fügen, kommt es zu einer Umarbeitung derselben in der Phantasie“. FREUD, S. *Aus der Geschichte einer infantilen Neurose*, G.W., XII,155.

²¹ No desenvolvimento e na neurose se restabelece a mesma situação psíquica que se impôs na aquisição das fixações arcaicas.

substituiu o de prazer, e a identidade de percepção dá lugar à de pensamento. Como no desenvolvimento libidinal da criança, as pulsões sexuais, que permanecem ligadas aos pontos de fixação, apontam o caminho para o qual operará a regressão e produzirá a fantasia originária. Estas pulsões não determinam o conteúdo destas fantasias, mas é somente graças a elas que se pode regressar até o ponto de inibição do desenvolvimento.

Como nos mostra Mezan, conceber a fantasia originária como um esquema filogenético faz com que essa retenha as características desse tipo de formação inconsciente: “está aquém da história do sujeito, mas por outro lado na história (ainda que, para Freud, esta história seja a da espécie); é estruturante, mas contém elementos puramente imaginados; como estrutura, é invariante, mas se organiza a partir de elementos contingentes”²².

As fantasias originárias distinguem-se das individuais pela universalidade de seus temas e por oferecem uma resposta ao enigma das origens (da excitação sexual, da diferença entre os sexos e da reprodução). No entanto, aqui o conhecimento científico encontra uma barreira, pois, falar das origens é também considerar um âmbito em que a observação direta não encontra mais um solo seguro para caminhar: os primórdios do desenvolvimento, seja individual, seja da espécie, são reconstruídos de modo indireto (pelos relatos de seus pacientes), pois estão “muito mais além de nossos poderes de exame histórico ou de experimentação”²³. Freud não pretende chegar à precisão dos fatos, “aspirar à exatidão nesta matéria, assim como seria injusto exigir certeza”²⁴. Para chegar ao conhecimento do conteúdo dos esquemas originários, jamais fornecidos diretamente ao indivíduo, devemos nos mover no campo das hipóteses, onde o homem primordial ou proto-homem (*Urmensch*²⁵) não é senão uma idéia. O homem das origens, assim como o recém-nascido e as pulsões, é uma exigência da reflexão²⁶, que estrutura e organiza a teoria freudiana, e que só pode ser pensado como mítico.

²² MEZAN, R. Freud, pensador da cultura, p. 411.

²³ “(...) lies far beyond our powers of historical examination or of experiment”. LANG, A. *Secret of the Totem*, p. 27. In: FREUD, S. Totem und Tabu, G.W., IX, 132, nota 2.

²⁴ „(...) in dieser Materie Exaktheit anzustreben, wie es unbillig wäre, Sicherheit zu fordern“. FREUD, S. Totem und Tabu, G.W., IX, 172, nota 1.

²⁵ FREUD, S. Das Unbehagen in der Kultur, G.W., XIV, 474.

²⁶ BINSWANGER, L. Discours, parcours et Freud, p. 206.

A origem dos conteúdos da herança arcaica

Quando postula que as fantasias originárias foram um dia realidade material, Freud não pode deixar de levar em conta que todo o motor das transformações na história do desenvolvimento humano teve como ponto de partida uma força exterior; ou melhor, a história deste desenvolvimento, recapitulada no indivíduo, narra as transformações de uma coação exterior em interior.

“Para que a frustração *exterior* se efetue patologicamente, tem de se apresentar ainda como frustração *interior*. Frustração externa e interna se relacionam pois, naturalmente, a diferentes caminhos e objetos. A frustração exterior tira a única possibilidade de satisfação, e a frustração interior poderia fechar uma outra possibilidade, em torno da qual se irrompe o conflito. Dou preferência a este tipo de apresentação, porque ele possui um valor secreto. Aponta para a probabilidade de que, em épocas precedentes do desenvolvimento humano, os impedimentos interiores tenham provindo de reais dificuldades exteriores”²⁷.

Em seu estado original, o homem encontrava-se imerso na natureza, cujos recursos fornecidos para a sua sobrevivência e satisfação eram ilimitados. Não havia nesta época desprazer e, conseqüentemente, o desejo estava ausente. Neste estado, assim como no lactante, é impossível separar o Eu do mundo exterior como fonte das sensações que afluem no indivíduo. Muito provavelmente, este Eu primitivo se reduzia apenas a uma camada cortical do Isso, cuja função era conter os grandes investimentos da libido e perceber a exterioridade.

Nesta época, posteriormente lembrada como paradisíaca, não havia ainda um objeto da pulsão sexual. Ela estava completamente apoiada na pulsão autoconservativa, de modo que a atividade sexual não era distinta das funções corporais elementares (alimentação, excreção e reprodução). A falta de um investimento libidinal no objeto revela a ausência de qualquer tipo de identificação do Eu com os seus objetos de amor, e até mesmo a ausência destes últimos, o que tem por conseqüência a impossibilidade deste Eu primitivo canalizar os investimentos pulsionais do Isso para uma modificação do mundo exterior. E se a

²⁷ „zur *äußeren* Versagung muß, damit sie pathogen wirke, noch die *innere* Versagung hinzutreten. Äußere und innere Versagung beziehen sich dann natürlich auf verschiedene Wege und Objekte. Die äußere Versagung nimmt die eine Möglichkeit der Befriedigung weg, die innere Versagung möchte eine andere Möglichkeit ausschließen, um welche dann der Konflikt losbricht. Ich gebe dieser Art der Darstellung den Vorzug, weil sie einen geheimen Gehalt besitzt. Sie deutet nämlich auf die Wahrscheinlichkeit hin, daß die inneren Abhaltungen in den Vorzeiten menschlicher Entwicklung aus realen äußeren Hindernissen hervorgegangen sind“. FREUD, S. Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, G.W., XI, 363.

possibilidade de desejar ainda não está posta, as pulsões encontram-se em um estado inanimado. A possibilidade de amar e desejar só existem quando as exigências do instinto forem substituídas pelas pulsionais, que impelem o homem para fora de seu estado originário²⁸ e o introduzem na realidade.

A repressão orgânica

Por diversas incitações impostas a partir do exterior, o Eu é, pouco a pouco, separado do que lhe é estranho. Em *O Eu e o Isso*, Freud considera a época da glaciação (*Eiszeit*²⁹) como sendo o evento que trouxe a primeira tensão ao psiquismo, até então inanimado, e gerou o primeiro querer: o de regressar ao estado anterior de mínima excitação psíquica³⁰. Esta mudança da condição psíquica forçou o homem a uma evolução peculiar: diferente de todos os seres da natureza, somente ele trilhou o caminho da cultura. O primeiro passo dado nesta direção, acrescenta Freud em *O Mal-Estar na Cultura*, foi o abandono da primitiva condição antropóide e a adoção da postura ereta.

“No princípio do fatal processo da cultura estaria a postura ereta do homem. O encadeamento corre a partir daí, passa pela depreciação dos estímulos olfativos e do isolamento no período (menstrual), até a preponderância dos estímulos visuais, e o tornar-

²⁸ Representado na criança como o Eu real (*wirkliche Ich*) do narcisismo primário

²⁹ FREUD, S. *Das Ich und das Es*, G.W., XIII, 263.

³⁰ Freud supõe que antes da época glacial, a evolução biológica dos seres vivos moldou aquilo que nas crianças conhecemos como as zonas erógenas oral e anal. De modo que não só a filogênese é recapitulada no indivíduo, mas também a zoogênese, fato que explica a atividade perverso-polimorfa na criança. Diz ele: “Intencionamos chamar *pré-genital* as organizações da vida sexual em que as zonas genitais ainda não realizaram seu papel preponderante. Até aqui tomamos conhecimento de duas delas que dão a impressão de recaídas em estados animais precoces” („Organisationen des Sexuallebens, in denen die Genitalzonen noch nicht in ihre vorherrschende Rolle eingetreten sind, wollen wir prägenitale heißen. Wir haben bisher zwei derselben kennen gelernt, die wie Rückfälle auf fröhntierische Zustände anmuten“. FREUD, S. *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, G.W., V, 98). Vemos assim que as organizações pré-genitais oral e anal guardam, na forma privilegiada das zonas erógenas, as estruturas fisiológicas dos seres anteriores aos mamíferos. Estas antigas formações são reproduzidas nas atividades endógenas da pulsão e trazidas à luz ao conhecimento da psicanálise pela atividade da fantasia. Para Freud, elas estão também presentes como conteúdo do Isso, e são reproduzidas na fantasia, como por exemplo “teorias” aos enigmas da existência, nos primeiros anos de vida. “Muitas pessoas sabem claramente recordar como se interessaram intensivamente na época pré-pubescente pela pergunta: de onde vêm as crianças. (...) Tem-se as crianças quando se come algo determinado (como nos contos), e elas nascem pelo intestino como um excremento. Esta teoria infantil lembra arranjos no reino animal, especialmente a cloaca dos tipos que estão mais abaixo que os animais mamíferos” („Viele Menschen wissen deutlich zu erinnern, wie intensiv sie sich in der Vorpubertätszeit für die Frage interessiert haben, woher die Kinder kommen. (...) Mann bekommt die Kinder, indem man etwas Bestimmtes ißt (wie im Märchen), und sie werden durch den Darm wie ein Stuhlabgang geboren. Diese kindlichen Theorien mahnen an Einrichtungen im Tierreiche, speziell an die Kloake der Typen, die niedriger stehen als die Säugetiere“. FREUD, S. *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, G.W., V, 96).

se visível dos genitais, prosseguindo para a continuidade da excitação sexual, a fundação da família, e com isso para o limiar da cultura humana”³¹.

Freud fala da desvalorização dos estímulos olfativos e da adoção do sentido predominante da visão como o resultado de uma “repressão orgânica” (*organische Verdrängung*). A mudança das condições de vida sobre a Terra e a adoção da postura ereta produzem um tipo de repressão que se caracteriza como uma defesa orgânica contra a forma precedente de existência: a animal. Como nos mostra Strachey em sua introdução ao *Mal-Estar na Cultura*, Freud parece dar continuidade a uma antiga idéia exposta na Carta 75 a Fliess (31 de maio de 1897) de que “na repressão coopera algo orgânico”³². É necessário notar que, se o Eu se relaciona com o mundo somente por sensações (confundindo-se com ele), e se ainda não há uma divisão entre inconsciente e pré-consciente (que impõe repressões) e uma vida psíquica propriamente dita, ou para usar a expressão de Rey-Flaud, se há “uma falta estrutural de representação”³³, então talvez a repressão orgânica seja o único modo de impor mudanças à condição psíquica primitiva.

A abertura do psíquico para o somático fornece as condições para a passagem do estado de natureza ao da cultura. Algo de orgânico colaborou para a saída deste estado primordial e para a implantação de um mecanismo psíquico até então inédito: a separação das pulsões sexuais das de autoconservação e a possibilidade de renunciar ao ímpeto daquelas. Surge aqui a primeira fixação da libido a uma representação; isto permitirá posteriormente o desenvolvimento de uma rede de representações secundárias. A repressão orgânica, ao agir contra a existência animal anterior, está na raiz de todas as demais repressões sexuais que progridem com a cultura. Ela é a primeira barreira à vida sexual humana, que passa, a partir dela, a estar condicionada a resistências que impedirão o seu pleno exercício.

Na origem dos tempos, o homem era regido pelas necessidades biológicas imediatas e a sexualidade dependia da periodicidade orgânica da menstruação, marcada

³¹ “Am Beginne des verhängnisvollen Kulturprozesses stünde also die Aufrichtung des Menschen. Die Verkettung läuft von hier aus über die Entwertung der Geruchsreize und die Isolierung der Periode zum Übergewicht der Gesichtsrreize, Sichtbarwerden der Genitalien, weiter zur Kontinuität der Sexualerregung. Gründung der Familie und damit zur Schwelle der menschlichen Kultur“. FREUD, S. Das Unbehagen in der Kultur, G.W., XIV, 459 (nota).

³² STRACHEY, G. *Nota introdutória*, in: FREUD, S. El malestar em la cultura, A.E., p. 61.

³³ Esta expressão foi utilizada por Rey-Flaud para circunscrever “o vazio no saber inconsciente do sujeito”. REY-FLAUD, H. *Os fundamentos metapsicológicos de O mal-estar na cultura*, in: Em torno de O mal-estar na cultura, de Freud, p. 6. A representação a que se refere a citação deve ser entendida como a dupla face da pulsão no psiquismo, a saber: como afeto (*Afekt*) e como representação (*Vorstellung*).

pela primazia do olfato; em seguida, com a nova posição ereta, destitui-se o antigo sentido predominante em benefício do olhar, confirmado pelo afastamento da mulher no período menstrual. O olhar se funda então “na *ausência do objeto* (olhar é procurar ver o que não está mais lá). Essa relação vai introduzir um sentimento até então desconhecido: o pudor, que marca o progresso decisivo da civilização. (...) O sentimento de pudor traduz, assim, uma primeira simbolização do corpo que constitui o análogo da simbolização do mundo instituído pelo olhar”³⁴.

A formação da família primitiva

Ao agir contra a existência animal, a repressão orgânica impõe também barreiras aos fatores anti-sociais da pulsão e tem por conseqüência a união dos homens. Isto porque, se a antiga postura animal mantinha os genitais encobertos e, devido à periodicidade menstrual, privilegiava os estímulos olfativos que agiam ocasionalmente sobre a psique do macho, com a adoção da postura vertical, a excitação olfativa é atenuada em favor dos estímulos visuais permanentes dos genitais. A contínua excitação sexual do macho e a sua permanente necessidade de satisfação genital o levam a manter junto de si as fêmeas, seus objetos sexuais. O início da formação familiar estava vinculado ao fato de que a satisfação sexual, “não se apresentou mais como um hóspede que repentinamente aparece na casa de alguém e após a sua partida não dá mais notícias suas por muito tempo, mas se fixa como um inquilino permanente no indivíduo”³⁵. Esta relação era vantajosa para ambos os lados, pois se o macho teve motivos para se conservar perto das fêmeas, por outro lado, estas “que não queriam se separar de suas crias desamparadas, tiveram também, no interesse destas, de ficar junto do macho mais forte”³⁶.

Quando a fêmea se insere numa pequena horda e obtém a proteção do macho para melhor cuidar de sua prole, dá condições aos seus filhos de ficarem maior tempo na companhia do grupo. A passagem da condição animal para a vida em uma tribo fornece as bases para um conjunto de experiências que mais tarde serão incorporadas no indivíduo,

³⁴ REY-FLAUD, H. *Os fundamentos metapsicológicos de O mal-estar na cultura*, in: Em torno de O mal-estar na cultura, de Freud, p. 31.

³⁵ „(...) nicht mehr wie ein Gast auftrat, der plötzlich bei einem erscheint und nach seiner Abreise lange nichts mehr von sich hören läßt, sondern sich als Dauermieter beim Einzelnen niederließ“. FREUD, S. Das Unbehagen in der Kultur, G.W., XIV, 458.

³⁶ “(die Weibchen), die sich von ihren hilflosen Jungen nicht trennen wollten, mußten auch in deren Interesse beim stärkeren Männchen bleiben”. FREUD, S. Das Unbehagen in der Kultur, G.W., XIV, 458.

pois, para o Eu primitivo, investir libidinalmente é também introjetar o objeto externo no psiquismo. Aos moldes da psicologia individual, as fêmeas, ao permanecerem mais tempo perto dos filhos, passam a ser o primeiro objeto da pulsão sexual que, mais tarde, quando introduzido no Eu, fornece as condições para enviar os investimentos do Isso ao mundo exterior. Tal como ocorre na criança, a escolha mais primária do objeto está baseada no apoio (*Anlehnung*) da pulsão sexual sobre as funções autoconservativas. Sendo assim, o primeiro investimento libidinal é dirigido à fonte de alimento e proteção.

Mas há uma diferença fundamental entre a família humana e a família primitiva. Em *Totem e tabu*, Freud nos mostra que o grupo era mantido pelo domínio de um único indivíduo sobre os outros. No primeiro agrupamento, as “relações de força e as relações sexuais não-controladas”³⁷ substituem o impulso sexual incitado pela menstruação. E temendo a autoridade externa (o macho mais forte), o grupo era mantido em funcionamento temporário, segundo uma ordem justificada pela sua proteção e segurança. O chefe da horda “estabeleceu a dominação em seu interesse, mas, ao fazê-lo, está justificado pela sua idade, sua função biológica e (sobretudo) pelo seu êxito: ele criou aquela "ordem" sem a qual o grupo imediatamente se dissolveria”³⁸. Enquanto ele amava apenas a si e queria todo o poder e prazer, os demais membros se encontravam em um estado de indiferenciação e eram tratados por ele com uma agressividade brutal. Além disso, ao ver nos filhos crescidos uma ameaça ao seu domínio, o chefe os impedia de satisfação pulsional, castrando-os e expulsando-os do grupo.

Em uma nota de *Psicologia das Massas e Análise do Eu*³⁹, Freud supõe que os membros expulsos da horda, uma vez longe da supressão tirânica, alcançam a satisfação por meio de uma escolha homossexual do objeto. Neste sentido, não são as pulsões autoconservativas que despertam os indivíduos de um estado de indiferenciação coletiva, mas as sexuais.

A primeira relação de solidariedade (satisfação dos desejos sexuais homossexuais) permite aos homens saírem de um estado de indiferenciação e se descobrirem como irmãos. A partir deste novo ponto de vista, “reconhecendo o outro enquanto outro e enquanto semelhante, esses seres podem se reconhecer como irmãos, e essa invenção é a consequência de sua reunião. *Eles retornaram juntos*: preparando o complô, eles se

³⁷ ENRIQUEZ, E. *Da horda ao estado: psicanálise do vínculo social*, p. 31.

³⁸ MARCUSE, H. *Eros e civilização*, pág. 71.

³⁹ FREUD, S. *Massenpsychologie und Ich-Analyse*, G.W., XIII, 139 (nota)

descobrem irmãos”⁴⁰. Ao se reconhecerem como semelhantes e perceberem um vínculo que os une contra o chefe da horda, os membros expulsos se identificaram uns com os outros e se livraram dos sentimentos de temor e fascinação mortífera pelo pai, ao qual se submetiam: conquistaram assim a liberdade de matar o chefe. É pelo ódio contra o pai, pela vontade de tomar o seu lugar, e não pelo desejo de posse das mulheres, que os filhos se uniram e tentaram pela primeira vez imprimir uma modificação ao mundo exterior, pois “a necessidade sexual não une os homens, mas os põe em desavença. [Se] os irmãos se aliaram para vencer o pai, todos eram rivais uns dos outros em relação às mulheres”⁴¹.

A revolta dos filhos exilados e o assassinato do pai

O estado de indiferenciação dos filhos é marcado pela ausência do desejo. Ao abandonarem o estado originário, os filhos são obrigados a se enfrentar com a falta do objeto de satisfação. Surge aqui o primeiro querer humano: restituir aquele estado primordial de homeostase com o mundo em que não havia desprazer e desejo. O pai figura para os filhos o impedimento de volta a este estado originário e todo obstáculo a este retorno deve ser eliminado. Freud supõe que o chefe da horda não apenas possuía as mulheres, mas também era “objeto *de um desejo de morte*”⁴², tal como no complexo paterno infantil. Em resposta à perturbação ao estado impassível do Eu, o ódio pelo progenitor é a conseqüência da perturbação provocada pela impossibilidade de retornar ao estado originário.

Num momento de fraca organização, o êxito do chefe chega ao fim com o crescimento do ódio contra a sua opressão, no qual as restrições se tornam intoleráveis, não sendo mais suficientes para enfrentar e dominar os desejos mortíferos dos filhos. Em *Totem e tabu*, essa explosão culmina com o complô dos filhos exilados, o assassinato e devoração coletiva do pai, e o estabelecimento do clã dos irmãos, que por sua vez deificam o pai e introduzem os tabus e restrições que geraram a moralidade.

“Um dia os irmãos expulsos se associaram, mataram a golpes e devoraram o pai, e, assim, puseram um fim à horda paterna. Unidos arriscaram e levaram a cabo o que seria individualmente impossível. (Talvez tivesse sido um progresso cultural, o manejo de uma

⁴⁰ ENRIQUEZ, E. *Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social*, p. 31.

⁴¹ „Das sexuelle Bedürfnis einigt die Männer nicht, sondern entzweit sie. Hatten sich die Brüder verbündet, um den Vater zu überwältigen, so war jeder des anderen Nebenbuhler bei den Frauen.“ FREUD, S., *Totem und Tabu*, G.W., IX, 174.

⁴² ENRIQUEZ, E. *Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social*, p. 31.

nova arma, que tivesse lhes dado a sensação de superioridade.) Que tivessem também devorado o morto é evidente para os selvagens canibais. O pai violento foi certamente o modelo invejado e temido por cada um do bando de irmãos. Agora, no ato da devoração, ao obterem a identificação com ele, cada um se apropriava de um pedaço de sua força. A refeição totêmica, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição e comemoração daquele feito memorável e criminoso, com o qual tantas coisas tiveram seu princípio: as organizações sociais, as limitações morais e a religião”⁴³.

O ódio comum dos membros excluídos os transforma em irmãos, bem como o assassinato do chefe onipotente o transforma em pai. Não existem irmãos se não existe ódio, não existe pai se o crime não foi cometido. O pai só é reconhecido enquanto tal após a sua morte real (ou fantasiada), quando o desejo de morte dos filhos é saciado e ressurgem os sentimentos de amor a ele. Assim, “não existe jamais o pai real. O pai é sempre um pai morto, e o pai morto é sempre um pai mítico. (...) Sem a referência paterna, nenhuma cultura é concebível. O acesso à cultura passa por esta referência”⁴⁴.

Pelo ato coletivo de devoração do pai, a identificação entre os irmãos é permanentemente selada. Assim, as suas virtudes são repartidas e absorvidas: uma só carne e um só sangue corre nas veias de todos. O pai é incorporado como um protótipo ou ideal para o Eu. Este ideal, ao ser repartido, transforma cada membro do grupo em um fragmento representativo do pai, e não em um outro ser onipotente. O filho não pode incorporar completamente o pai; do contrário, ele assumiria a figura paterna e se anularia como sujeito⁴⁵. O pai tem de ser visto como o único a ter possuído tamanho poder, capaz de proteger os filhos e, por consequência, objeto de idealização e veneração; será também o fundador do grupo, já que todos os membros compartilham da sua carne e sangue. As características absorvidas do pai morto são mantidas como um precipitado em uma parte

⁴³ „Eines Tages taten sich die ausgetriebenen Brüder zusammen, erschlugen und verzehrten den Vater und machten so der Vaterhorde ein Ende. Vereint wagten sie und brachten zustande, was dem einzelnen unmöglich geblieben wäre. (Vielleicht hatte ein Kulturfortschritt, die Handhabung einer neuen Waffe, ihnen das Gefühl der Überlegenheit gegeben.) Daß sie den Getöteten auch verzehrten, ist für den kannibalen Wilden selbstverständlich. Der gewalttätige Urvater war gewiß das beneidete und gefürchtete Vorbild eines jeden aus der Brüderschar gewesen. Nun setzen sie im Akte des Verzehrns die Identifizierung mit ihm durch, eigneten sich ein jeder ein Stück seiner Stärke an. Die Totemmahlzeit, vielleicht das erste Fest der Menschheit, wäre die Wiederholung und die Gedenkfeier dieser denkwürdigen, verbrecherischen Tat, mit welcher so vieles seinen Anfang nahm, die sozialen Organisationen, die sittlichen Einschränkungen und die Religion“. FREUD, S. *Totem und Tabu*, G.W., IX, 171-172.

⁴⁴ ENRIQUEZ, E. *Da horda ao estado: psicanálise do vínculo social*, p. 31-32.

⁴⁵ REY-FLAUD, H. *Os fundamentos metapsicológicos de O mal-estar na cultura*, in: *Em torno de O mal-estar na cultura*, de Freud, p. 52.

do Eu até que se separem dele para formar uma instância ideal, que regulará os desejos e atos do Eu, como ideal do Eu ou Sobre-Eu.

É importante notar que a conquista da possibilidade de matar o pai só foi possível por razões antes ausentes: em primeiro lugar, porque os filhos já eram capazes de canalizar os impulsos provindos do Isso (ou mais especificamente, a agressividade) para um objeto externo, ou seja, eram capazes de atrair e utilizar a energia provinda do Isso para imprimir uma modificação no mundo exterior; em segundo lugar, porque o Eu dos membros castrados e exilados já se apresenta minimamente como um pólo organizado, capaz de distinguir o interior do exterior e agir segundo as exigências da realidade (esta é a primeira expressão do princípio de realidade, destinado a governar o desenvolvimento posterior); em terceiro lugar, porque os membros da horda, excluídos da possibilidade de alívio dos impulsos genitais, puderam poupar a sua libido e angariar um nível de energia altíssimo para tal fato; e em quarto lugar, porque, ao reduzirem suas atividades sexuais à satisfação homossexual, puderam criar laços de identidade e de amor recíprocos.

A origem da linguagem

A energia poupada com a abstinência sexual imposta pelo pai gera uma pressão insuportável no psiquismo dos filhos. Faz-se necessário eliminar o obstáculo ao rebaixamento dos estímulos, e a saída encontrada para isto é a união dos filhos e o assassinato do pai. O caminho trilhado no psiquismo pelos impulsos agressivos é também o mesmo que gera a linguagem. A simples possibilidade do agrupamento humano e a formação do complô contra o pai já pressupõe algum nível de fala. Mas como o ódio vira palavra? A saída para o desprazer é a ligação do excedente libidinal às representações psíquicas. Une-se a energia psíquica (libido) aos traços mnêmicos sensíveis, produzindo-se a comunicação entre os membros do bando.

Na horda primeva, o homem não possuía fala; a saída de um estado de indiferenciação e o ingresso na cultura permitem o acesso à palavra e, conseqüentemente, a elevação do sistema pré-consciente acima do inconsciente. Essa primeira expressão liga, de modo indissociável, os restos sensoriais das representações-palavra com os processos internos ao psiquismo. Sendo assim, os estímulos recebidos da exterioridade e os processos endógenos enviados ao psiquismo, como prazer e desprazer, são tomados como eventos reais do mundo exterior. Ou melhor, os sentimentos e o pensamento são projetados para

fora como percepções sensoriais, pois o pensar primitivo toma uma conexão de pensamento como uma conexão real: transforma as idéias em fatos e recria a realidade segundo o seu próprio funcionamento. Ao olhar o mundo, o homem se volta para ele mesmo e descreve o acontecer exterior segundo o funcionamento de seu próprio aparelho psíquico. Neste estágio da humanidade, pressupõe-se que as relações que existem entre as representações regem também a relação entre as coisas, pois “o pensar não conhece distâncias, junta com facilidade num ato de consciência o mais distante no espaço assim como o mais diverso no tempo, o mundo mágico também se transporá telepaticamente a distância espacial e tratará como atual uma conexão d’outrora”⁴⁶.

A linguagem surge em meio a este momento da psique do homem, recém saído do domínio paterno, e, desde o seu princípio, está estritamente ligada ao aparecimento do desejo e expressando-se como a tentativa de realizá-lo. E, assim, como a criança satisfaz o seu primeiro querer pela via alucinatória (ou seja, ao tomar uma conexão de pensamento por uma material), assim também o primitivo, na infância da espécie, chega à satisfação por meio de uma figuração imitativa das coisas do mundo, denominada por Freud de “alucinações motoras” (*motorische Halluzinationen*⁴⁷). Toma-se aqui erroneamente a ordem das idéias pela ordem do mundo, o que lhes permite imaginar que por meio da linguagem e do pensamento possam imprimir uma modificação no exterior⁴⁸. “No princípio foi o ato” (*Im Anfang war die Tat*⁴⁹), este pequeno trecho do *Fausto*, de Goethe, com que Freud encerra *Totem e Tabu* ilustra o modo de pensar do homem no início da cultura: nesta época da humanidade, falar equivale a agir, e ambos geram uma satisfação puramente sensorial.

O sentimento de culpa e a gênese da consciência moral

Após a morte do pai, cria-se uma nova situação de conflito: ressurgem em cada um dos membros da horda o desejo de ocupar o seu lugar, de deter toda a sua força e o seu prazer. A solução encontrada para evitar este retrocesso ao grupo mantido pela violência de

⁴⁶ „(...) das Denken keine Entfernungen kennt, das räumlich Entlegenste wie das zeitlich Verschiedenste mit Leichtigkeit in einen Bewußtseinsakt zusammenbringt, wird auch die magische Welt sich telepathisch über die räumliche Distanz hinaussetzen und ehemaligen Zusammenhang wie gegenwärtigen behandeln“.
FREUD, S. *Totem und Tabu*, G.W., IX, 105.

⁴⁷ FREUD, S. *Totem und Tabu*, G.W., IX, 104.

⁴⁸ Esta continuidade do psiquismo no mundo favorece a introjeção de objetos no Eu e o fortalecem ao transformar aquilo que é exterior em interior (o que é material em psíquico).

⁴⁹ FREUD, S. *Totem und Tabu*, G.W., IX, 194.

um único indivíduo é a imposição de uma organização permanente calcada na junção de uma maioria mais forte de que o indivíduo isolado. A substituição da força bruta de um único indivíduo pelo poder da vida em comunidade (estabelecida como direito) é o passo decisivo da cultura. Para isso, os membros da comunidade têm de limitar suas possibilidades de satisfação e, juntos, contrapõem-se ao poder do indivíduo que não conhece tal limitação. O passo seguinte à instituição das normas que regulam o prazer é garantir que a ordem jurídica já estabelecida não seja quebrada em favor de um indivíduo, e finalmente, como último resultado, um conjunto de leis em que todos tenham contribuído com o sacrifício de suas pulsões: “a liberdade individual não é nenhum bem da cultura”⁵⁰.

Para manter a comunidade permanentemente unida, funda-se uma regra que obrigue todos os filhos, ao mesmo tempo, a abrir mão das mulheres por eles desejadas. Esta lei deve estabelecer para todos os indivíduos o mesmo ganho de prazer e manter, ao mesmo tempo, os laços homossexuais que possibilitaram a aliança mútua. Para conter o estado primevo, a cultura deve dissociar amor sexual e amor inibido em sua finalidade e abrir caminho para a escolha de objetos que substituam aquilo que mais se ama: ela é um princípio contra o amor ao objeto primeiro, pois antevê nele o crime e a violência indefinidamente repetidos. Institui-se assim a lei contra o incesto.

Por outro lado, como resultado da ambivalência de sentimentos, os irmãos odiavam o pai que empunha obstáculos ao encontro do objeto de amor, mas também o amavam e o admiravam, pois era forte e detinha tudo o que eles desejavam ter. Após realizarem os impulsos mortíferos contra o pai, as moções ternas abriram caminho para a sua expressão. Neste momento, surge o sentimento de abandono frente aos hiperpoderes da natureza e a nostalgia do pai protetor. Do arrependimento sentido em comum, nasce o sentimento de culpa: “o morto se tornou em seguida mais forte do que foi em vida; tudo isto, tal como o vemos ainda hoje nos destinos humanos”⁵¹. O pai terrível ressurge na figura de um deus como pai ideal.

“A religião totemista resultou da consciência de culpa dos filhos como uma tentativa de acalmar esse sentimento e fazer as pazes com o pai ultrajado mediante a obediência ulterior. Todas as religiões posteriores mostram-se como tentativas de solução do mesmo problema, variáveis segundo o estado cultural em que são empreendidos e

⁵⁰ „Die individuelle Freiheit ist kein Kulturgut“. FREUD, S. Das Unbehagen in der Kultur, G.W., XIV, 455.

⁵¹ „Der Tote wurde nun stärker, als der Lebende gewesen war; all dies, wie wir es noch heute an Menschenschicksalen sehen“. FREUD, S. Totem und Tabu, G.W., IX, 173.

segundo os caminhos que seguem; mas todas elas são reações de igual fim ao mesmo grande acontecimento com o qual começou a cultura e que, desde então, não deixa em paz a humanidade”⁵².

A presença do sentimento de culpa leva os membros da tribo a uma tentativa de se reconciliar com o morto: sua imagem é deslocada para a de um deus (representado pela figura de um animal) que passará a receber todos os tratos que o amado pai deveria um dia receber. Nasce assim as duas leis fundamentais do totemismo, que são também as primeiras leis do convívio social: o de não matar o pai primevo, simbolizado pelo animal totêmico, e o de não se unir às mulheres com as quais têm parentesco totêmico. Ambas, entretanto, “não são psicologicamente de mesmo valor”⁵³: a proibição de assassinar o animal totêmico tem um papel puramente sentimental, a saber, a de se reconciliar com o pai morto e lamentar a sua morte; a proibição do incesto tem um propósito prático, a de evitar que cada indivíduo queira todas as fêmeas para si e restabeleça o estado primevo de luta de todos contra todos.

As duas leis do totemismo lançam luz sobre a natureza e a gênese da consciência moral. Em primeiro lugar, na horda primeva, a renúncia pulsional foi o resultado do medo frente ao chefe e a sua agressividade. Esta autoridade externa impunha a castração e a expulsão dos indivíduos, e estes viam no amor do chefe uma proteção contra a sua agressão punitiva. Até então, não há sentimento de culpa, mas apenas medo de que a autoridade externa descubra o mau ato cometido. Com a morte do pai, a sua incorporação canibal e o apaziguamento do ódio dos filhos, a sua imagem é introjetada e idealizada por eles, bem como a agressão que estes exerceram sobre o pai. O ódio por um objeto externo (expresso como agressão) retorna ao seu lugar de origem: ao próprio Eu como Sobre-Eu. Com a introjeção da autoridade externa, a renúncia do pulsional já não é mais suficiente para aplacar a severidade do Sobre-Eu. A abstenção virtuosa não pode mais ser recompensada com a segurança do amor. A ameaça da autoridade exterior foi trocada pela tensão interior entre o Eu e o Sobre-Eu. Esta instância é o termo dos acontecimentos edipianos atuados na cultura.

⁵² „Die Totemreligion war aus dem Schuldbewußtsein der Söhne hervorgegangen als Versuch, dies Gefühl zu beschwichtigen und den beleidigten Vater durch den nachträglichen Gehorsam zu versöhnen. Alle späteren Religionen erweisen sich als Lösungsversuche desselben Problems, variabel je nach dem kulturellen Zustand, in dem sie unternommen werden, und nach den Wegen, die sie einschlagen, aber es sind alle gleichzielende Reaktionen auf dieselbe große Begebenheit, mit der die Kultur begonnen hat, und die seitdem die Menschheit nicht zur Ruhe kommen läßt“. FREUD, S. Totem und Tabu, G.W., IX, 175.

⁵³ „(...) sind psychologisch nicht gleichwertig“. FREUD, S. Totem und Tabu, G.W., IX, 173.

“Originalmente, a renúncia da pulsão é a conseqüência do medo de uma autoridade externa; renuncia-se às satisfações para não se perder o amor daquela. Efetuada essa renúncia, então se está, por assim dizer, quites com ela e não deve restar nenhum sentimento de culpa. Diferente é o caso do medo do Sobre-Eu. Aqui, a renúncia da pulsão não basta, pois o desejo permanece e não se deixa ocultar do Sobre-Eu. Assim, apesar da renúncia bem sucedida, surgirá um sentimento de culpa, e isto é um grande prejuízo econômico da instalação do Sobre-Eu, como se pode dizer, da formação da consciência [moral] (*Gewissen*). A renúncia da pulsão não tem aqui mais nenhum efeito completamente libertador, a abstinência virtuosa não é mais recompensada com a certeza do amor, e trocou-se uma infelicidade externa ameaçadora – a perda do amor e o castigo da parte da autoridade exterior – pela duradoura infelicidade interna, a tensão da consciência de culpa (*Schuldbewußtsein*)”⁵⁴.

Com *Totem e Tabu*, o complexo de Édipo não se limita ao psiquismo individual, mas torna-se uma questão a que todo o corpo social deve responder para chegar à cultura. Apenas uma resposta é possível: a sociedade tem de se constituir com um sistema de proibições que impede o retorno ao primeiro objeto de amor. “Na história de Édipo”, comenta Toews, “tornar-se um ser humano e conquistar a posição de sujeito reconhecido pela sociedade e pela cultura implicava renunciar ao objeto primitivo do desejo. Marcava a transição da fantasia de realização de desejo, dominada pelo ‘princípio de prazer’, para a renúncia à satisfação ilimitada e o reconhecimento das normas do ‘princípio de realidade’”⁵⁵. A partir do momento em que o princípio de realidade se estabelece, o de prazer passa a ser visto como algo assustador; e, uma vez erigidas as normas que barram os impulsos para a livre gratificação, deparamo-nos com o medo e, posteriormente, com o sentimento de culpa.

⁵⁴ „Ursprünglich ist ja der Triebverzicht die Folge der Angst vor der äußeren Autorität; man verzichtet auf Befriedigungen, um deren Liebe nicht zu verlieren. Hat man diesen Verzicht geleistet, so ist man sozusagen mit ihr quitt, es sollte kein Schuldgefühl erübrigen. Anders ist es im Falle der Angst vor dem Über-Ich. Hier hilft der Triebverzicht nicht genug, denn der Wunsch bleibt bestehen und läßt sich vor dem Über-Ich nicht verheimlichen. Es wird also trotz des erfolgten Verzichts ein Schuldgefühl zustande kommen und dies ist ein großer ökonomischer Nachteil der Über-Ich-Einsetzung, wie man sagen kann, der Gewissensbildung. Der Triebverzicht hat nun keine voll befreiende Wirkung mehr, die tugendhafte Enthaltung wird nicht mehr durch die Sicherung der Liebe gelohnt, für ein drohendes äußeres Unglück – Liebesverlust und Strafe von Seiten der äußeren Autorität – hat man ein andauerndes inneres Unglück, die Spannung des Schuldbewußtseins, eingetauscht.“ FREUD, S. *Das Unbehagen in der Kultur*, G.W., XIV, 496-487.

⁵⁵ TOEWS, J. E. *Ter e ser: a evolução da teoria freudiana do Édipo como fábula moral*, In: ROTH, M. S. (Org.) *Freud: conflito e cultura: ensaios sobre sua vida, obra e legado*, p. 70.

O evento psicológico que separa o clã dos irmãos da horda primordial é o aparecimento da culpa⁵⁶. Uma vez satisfeito o ódio, os componentes amorosos da relação com o pai ressurgem, assim como o arrependimento pelo ato cometido. Deste modo, o processo civilizatório pressupõe a culpa, que mantém as principais proibições e restrições que sustentam a cultura.

Sem as restrições morais atuando em conjunto com o sentimento de culpa, o clã dos irmãos corre o risco de uma subversão. O assassinato do pai ameaça desencadear um frenesi do princípio de prazer, e isto os filhos não querem; pelo contrário, eles querem o mesmo que o pai, ou seja, a satisfação permanente de suas necessidades pulsionais. Deste modo, apressam-se a divinizar o pai; pela sua adoração os pecadores se redimem do ato cometido.

E se antes o medo da autoridade externa impunha a renúncia pulsional, agora a relação se inverte: cada nova renúncia torna-se uma fonte dinâmica da consciência moral e aumenta a severidade e intolerância do Sobre-Eu para com o Eu, que por sua vez reclama cada vez mais renúncias e punições. Nos primórdios da cultura, a agressão não foi sufocada, mas executada contra o pai. Se posteriormente os filhos renunciaram a ela (não somente em relação ao pai, simbolizado pelo animal totêmico, mas também em relação os próprios irmãos), então cada fragmento da agressão é acolhido pelo Sobre-Eu, que por sua vez soma-a às agressões mais extremas que o filho recebeu⁵⁷ do pai primevo: a castração.

A perda do pênis era a punição imposta pelo pai da horda aos filhos crescidos que ameaçavam o seu poder. A castração e a proibição de se unir às mulheres da horda são anteriores à interdição do assassinato do pai, pois era a forma de punição imposta por ele próprio. A interdição do incesto e a castração marcam o limite mínimo entre o estado de natureza e o da cultura. O sentimento de culpa pela morte do pai faz com que os filhos recuperem a antiga restrição e, somada à proibição do eliminá-lo, impõem a primeira forma de articulação entre o desejo e a legalidade, até então dissociados. Para que o corpo

⁵⁶ “Compreendemos agora por que o parricídio é indispensável à criação da cultura: ele nos introduz no mundo da culpabilização, da renúncia (tanto à realização do desejo quanto ao seu inverso, ao desejo da realização), da instituição de uma função paterna na origem da humanidade, da necessidade de uma referência a uma lei externa transcendente (impedindo a arma de guerra de ser o único “juízo divino”), que se manifestará em “organização social, restrições morais e da religião””, in: ENRIQUEZ, E. Da horda ao estado: psicanálise do vínculo social, p. 34.

⁵⁷ Enquanto na filogênese, a agressividade internalizada foi realmente experimentada com o pai, na ontogênese ela é reavivada sob a forma da severidade que se espera do pai. É contudo incorreto exagerar na independência de ambos os fatores, pois na gênese da consciência moral cooperam tanto fatores constitucionais congênitos quanto as influências do meio.

social surja, é preciso que o desejo e a lei se liguem de forma estável. Antes imposta pela autoridade externa e agora pelo Sobre-Eu, o medo da castração impede que o sujeito se una ao seu primeiro objeto de amor, que se isole de seus irmãos e retorne ao estado primordial de desligamento social.

O Sobre-Eu é o ponto de intersecção entre a figura do pai animal (castrador) e a do pai morto (idealizado), e encontra expressão coletiva na imagem de Deus. Nele se ligam as duas faces do pai: a daquele que cuida dos filhos e os protege, seja neste mundo ou na eternidade, bem como a daquele que alimenta cada vez mais o sentimento de culpa dos seus filhos na forma de um deus vingador. O Sobre-Eu coletivo é construído sobre a figura do pai onipotente da horda e sobre a dos grandes homens que foram, como aquele, ultrajados ou assassinados.

Tanto o Sobre-Eu coletivo quanto o individual criam o seu próprio sistema de exigências. Entretanto, esta instância proibidora pressupõe que o Eu seja capaz de realizar todas as reivindicações que lhe são feitas para conter os impulsos vindos do Isso, sem levar em conta que o Isso não pode ser controlado além de um certo limite. Deste modo, é impossível para o homem cumprir os mandamentos que lhe são impostos sem que nele se produza uma revolta contra a civilização ou uma neurose.

A dinâmica pulsional na cultura

A sucessão de acontecimentos que tira o homem do estado de natureza e o leva a se ligar a outros indivíduos em uma comunidade, que o transformam de “proto-homem” (*Urmensch*) em “homem da cultura” (*Kulturmensch*⁵⁸) caminha lado a lado com a supressão do ódio mútuo entre os membros do grupo e o abandono do primeiro objeto de amor. Ao criar imagens ideais para os indivíduos, os eventos edipianos da cultura aspiram à transformação do homem em “Sobre-homem” (*Übermensch*⁵⁹). Para alcançar tal fim, a repressão da agressividade se faz às custas da sexualidade. Este infatigável esforço de se elevar acima da condição animal é, portanto, o resultado da repressão das pulsões, sobre a qual se edifica tudo aquilo que os seres humanos têm de “mais valioso” (*Wertvollste*⁶⁰).

Contudo, os impulsos reprimidos não cessam de querer retornar à luz e alcançar a satisfação. Inconscientes, eles permanecem sob o funcionamento dos mecanismos que os

⁵⁸ FREUD, S. *Das Unbehagen in der Kultur*, G.W., XIV, 474.

⁵⁹ FREUD, S. *Jenseits des Lustprinzips*, G.W., XIII, 44.

⁶⁰ FREUD, S. *Jenseits des Lustprinzips*, G.W., XIII, 44.

dominavam quando foram criados: o princípio de prazer e o processo primário. Como sabemos, no processo primário não há nenhum tipo de retenção de libido, ou seja, a energia psíquica não se encontra vinculada a representações. Na tentativa de ligá-la, os traços mnêmicos reprimidos buscam retornar ao presente e reproduzir-se repetidamente. Neste quadro se encaixa, por exemplo, a reencenação do assassinato do pai primordial, de forma mais ou menos disfarçada, no periódico banquete totêmico. Representado por um animal, o pai é novamente morto e devorado por toda a comunidade. Mas a compulsão a repetir não para por aí: ela busca reviver não apenas os eventos que foram reprimidos no estado cultural e que são necessários para garantir a união dos inúmeros indivíduos. Ela tenta compulsivamente repetir o estado de mínima excitação anterior ao surgimento dos indivíduos e da própria cultura. A função última da repetição revela-se assim como sendo a de mudar as condições internas à cultura e dissolver as tensões que lhe dão origem.

Em *Além do Princípio de Prazer*, Freud se dá conta, pela primeira vez, que a compulsão à repetição revela um caráter conservativo da vida pulsional. Diz ele:

“Mas de que modo se relaciona o pulsional com a compulsão à repetição? Aqui, tem-se de impor para nós a idéia de que estamos na pista de um caráter universal das pulsões, talvez de toda a vida orgânica em geral, não reconhecido até agora com clareza – ou ao menos não expressamente acentuado. *Uma pulsão seria então um ímpeto intrínseco aos organismos vivos para restabelecer de um estado precedente*, que o ser vivo tinha de interromper pela influência das forças de perturbação exteriores, um tipo de elasticidade orgânica, ou se se quiser, a manifestação da inércia na vida orgânica”⁶¹.

A finalidade da pulsão, que se apresenta como satisfação, ou seja, como descarga de um *quantum* de energia, é a de reproduzir um estado anterior ao surgimento do aumento da tensão. Esta concepção não é algo estranho à teoria freudiana⁶², porém o que é inteiramente novo é a sua relação com o campo biológico: ela ultrapassa o nível psíquico e

⁶¹ „Auf welche Art hängt aber das Triebhafte mit dem Zwang zur Wiederholung zusammen? Hier muß sich uns die Idee aufdrängen, daß wir einem allgemeinen, bisher nicht klar erkannten – oder wenigstens nicht ausdrücklich betonten – Charakter der Triebe, vielleicht alles organischen Lebens überhaupt, auf die Spur gekommen sind. *Ein Trieb wäre also ein dem belebten Organischen innewohnender Drang zur Wiederherstellung eines früheren Zustandes*, welchen dies Belebte unter dem Einflusse äußerer Störungskräfte aufgeben mußte, eine Art von organischer Elastizität, oder wenn man will, die Äußerung der Trägheit im organischen Leben“. FREUD, S. *Jenseits des Lustprinzips*, G.W., XIII, 38.

⁶² Segundo a hipótese formulada por Breuer, no *Projeto para uma Psicologia Científica* (ESB I, p. 371), de 1895, o trauma - energia que rompe a barreira psíquica protetora - permanece em estado "livre" até que seja ligado aos demais focos energéticos existentes. O princípio de prazer só pode entrar em ação após o domínio deste volume de excitação, domínio este que é exigido mediante a repetição da cena traumática.

se manifesta como uma tendência de retorno ao inorgânico. Partindo de especulações acerca do começo da vida e de paralelos entre os campos biológico e psíquico, Freud chega à conclusão de que a substância viva existe em meio a dois impulsos: o de restabelecer o estado anterior à vida, inorgânico e portanto letal, que denomina pulsão de morte; e o de conservar a vida por um lapso maior de tempo, que chama de pulsão de vida. Freud amplia assim o seu conceito de pulsão para além da esfera psíquica: ela passa a reger todos os seres vivos como Eros e Thânatos.

E assim como comandam todos os fenômenos do vivente, podemos também sentir as suas influências no psiquismo humano e nas relações entre os indivíduos. A fim de explicar como essa nova dinâmica pulsional está presente nos agrupamentos humanos, Freud toma emprestado a imagem da relação entre as células no interior de um organismo: para prolongar a vida de cada um de seus membros, as partículas individuais são obrigadas a se associar, formar organismos complexos e, assim, vencer as exigências impostas pelo exterior. “Uma célula ajuda a conservar a vida das outras e esse Estado celular pode viver mais, mesmo quando células individuais tenham de morrer”⁶³. Contudo, não são apenas as forças de união e de trabalho em conjunto que orientam os processos culturais. Devido à imperfeita eliminação dos próprios produtos metabólicos produzidos por cada uma das partículas, nelas agem também forças silenciosas e “absolutamente narcisistas (...) que destroem o organismo”⁶⁴ e o impele ao estado originário inorgânico.

Assim como nos organismos pluricelulares, a cultura funciona segundo o mesmo movimento: ela só pode ser pensada como uma dinâmica entre a vida e a morte, entre o incremento de excitação que faz surgir o desprazer, e a exigência de rebaixamento do nível de energia psíquico, responsável pela produção do prazer. No entanto, as pulsões de vida e de morte não se encontram em estado puro no psiquismo, representam-se mais comumente na ambivalência entre amor (ternura) e ódio (agressão).

No estado paradisíaco, anterior à era do gelo, a natureza fornece ao homem tudo o que lhe é necessário para sobreviver: nele não existe desprazer, e conseqüentemente nenhum desejo. Os seres humanos nada querem, pois jamais vislumbraram qualquer possibilidade de aumento de excitação psíquica. Encontram-se em um estado anterior à

⁶³ „Eine Zelle hilft dazu, das Leben der anderen zu erhalten, und der Zellenstaat kann weiter leben, auch wenn einzelne Zellen absterben müssen“. FREUD, S. Jenseits des Lustprinzips, G.W., XII, 53-54.

⁶⁴ „(...) absolut ‚narzißtisch‘ (...), die den Organismus zerstören“. FREUD, S. Jenseits des Lustprinzips, G.W., XIII, 54.

própria atividade pulsional no psiquismo. Ao saírem deste estado e ao se agruparem em pequenos bandos, o chefe da horda passa a ser visto como o representante deste estado de perfeição, pois ao pai primevo tudo era permitido, nada estava fora do seu alcance. É justamente este estado de *nada desejar* que os filhos buscam. Isto é o que os leva a se unir contra o pai, união que funda a civilização.

Existe aqui um paradoxo inerente à própria cultura: os filhos *desejam nada desejar*. Ou seja, eles querem retornar a um estado de rebaixamento máximo de suas excitações psíquicas, ou, para usarmos o vocabulário de Freud em *Além do Princípio do Prazer*, desejam voltar ao estado “inanimado” do psiquismo. Por outro lado, esse próprio desejo os afasta deste estado e os une aos irmãos em comunidades cada vez maiores. Mas, quanto maior é o número de indivíduos ligados libidinalmente, maiores são os empecilhos para o retorno ao estado primeiro, maior é também a agressividade que se quer exercer contra eles, maior é a necessidade de renúncia às pulsões e maior é a severidade que o Sobre-Eu exerce sobre o Eu, sob a forma de ameaça de castração para todo ato ou intenção culpáveis.

Enquanto houver excitação, haverá o desejo de rebaixá-las ao mínimo. E se a união dos indivíduos em comunidades sempre maiores gera, cada vez mais, um nível insuportável de excitação, cresce com ela o campo de atuação do desejo de retornar à dissolução dos laços sociais, ou ainda, de morte da cultura.

“A morte é o genuíno resultado e nessa medida o alvo da vida”⁶⁵. Ela não tem representações próprias: utiliza-se dos produtos da união dos seres humanos para alcançar o seu fim – o retorno ao estado de natureza.

⁶⁵ „(...) der Tod ‚das eigentliche Resultat‘ und insofern der Zweck des Lebens ist“. FREUD, S. *Jenseits des Lustprinzips*, G.W., XIII, 53.

